



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História**  
**das Ciências**



**LIA DA ROCHA LORDELO**

**A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DE ESTUDO NA PSICOLOGIA DE**  
**L.S. VIGOTSKI**  
**Uma reflexão epistemológica**

**Salvador, 2007**

**LIA DA ROCHA LORDELO**

**A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DE ESTUDO NA PSICOLOGIA DE  
L.S. VIGOTSKI  
Uma reflexão epistemológica**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e  
História das Ciências UFBA/UEFS, como  
requisito parcial para a obtenção do grau  
de Mestre.**

**Orientador: Dr. Robinson Moreira Tenório**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DE ESTUDO NA PSICOLOGIA DE L.S. VIGOTSKI Uma reflexão epistemológica**

**LIA DA ROCHA LORDELO**

#### **Banca Examinadora:**

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cecília de Sousa Bastos**

---

**Prof. Dr. Antonio Marcos Chaves**

---

**Prof. Dr. Olival Freire Júnior**

---

**Prof. Dr. Robinson Moreira Tenório (orientador)**

**Dissertação defendida e aprovada em 16 de abril de 2007**

Para minha mãe, meu pai e minha irmã; é muito amor.

## AGRADECIMENTOS

Eu dedico este trabalho e agradeço imensamente a toda minha família; gente que faz ciência, roupa, escova, imposto de renda por encomenda, macarrão, bolo e piada da melhor categoria.

Agradeço a Robinson, que esteve sempre caminhando ao meu lado, ultrapassando distâncias com internet, telefone e carinho, e respeitando e cuidando de minhas dúvidas e escolhas.

Aos professores com quem estive ao longo desses anos, inclusive na graduação, também sou muito grata, entre eles Ana Cecília e Antonio Marcos, presentes na minha banca e na minha vida sempre; e Zé Carlos e André, Waldomiro, João Carlos, Charbel e Olival, forças deste nosso Programa.

A meus colegas de mestrado, agradeço por termos aprendido muito juntos e compartilhado problemas, leituras e cookies. Em especial, às muito fantásticas Roberta Smania e Taiane de Filippo, unha e carne durante esses dois anos – e que outros anos venham! Agradeço a Giovana também, companheira de planos e amiga daquelas que queria mesmo ler tudo, e era de verdade. A Paloma, amiga e cúmplice na vigilância da língua portuguesa, obrigadíssima.

A meus amigos tão queridos, alguns dos quais aprenderam mais sobre Vigotski do que talvez quisessem. A Joelma, Paula, Ana Eliza, Mariana e Aila, ouvido pra tudo, e ainda café com torta e revisão gramatical. Obrigada, meninas, amo vocês.

Agradeço ao Dimenti, também termino mais este pequeno ciclo com o auxílio luxuoso e altamente interdisciplinar de vocês.

Acho que é isso... muito obrigada, com muito carinho, a todos.

*Também sei muito bem que as ciências muitas vezes acreditam e pressupõem, quando a epistemologia pode ter suas dúvidas.*

Wolfgang Köhler

## RESUMO

### A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DE ESTUDO NA PSICOLOGIA DE L.S. VIGOTSKI: Uma reflexão epistemológica

Este trabalho consiste num esforço teórico de compreensão do pensamento do psicólogo russo L. S. Vigotski (1896-1934); nosso objeto de estudo é o conceito de consciência em sua obra. A dissertação é iniciada com uma introdução geral ao tema e uma justificativa para seu estudo; seguimos com um capítulo metodológico em que relatamos as etapas por que passou a investigação e a natureza mesma da pesquisa. O terceiro capítulo é dedicado à história de Vigotski, e de como estão entrelaçadas suas vidas pessoal, profissional e intelectual e de como elas estão ligadas, ainda, à história da Rússia. Uma importante reflexão metodológica e epistemológica sobre a psicologia feita por Vigotski reside no diagnóstico de uma crise na ciência psicológica do início do século XX, e é a ela que dedicamos o quarto capítulo. O psicólogo argumentou que as psicologias existentes em sua época se dicotomizavam basicamente em dois eixos: um idealista, com pouca adequação à ciência da época, e um científico-natural materialista, que terminava por reduzir o fenômeno psíquico a processos físicos ou fisiológicos. Baseando-se nessa crítica epistemológica e inspirado, principalmente, pelo materialismo dialético e histórico marxista, Vigotski sugeriu como via alternativa a reintegração da psicologia sob uma metodologia de orientação dialética; uma psicologia que, sem prescindir do fenômeno psíquico, tivesse critérios metodológicos adequados à feitura de um conhecimento verdadeiramente científico. O objeto de estudo desta psicologia era a consciência, à qual nos dedicamos no quinto capítulo, especificamente. Após uma breve análise do significado da noção de consciência para os sistemas teóricos do behaviorismo, psicanálise e Gestalt, investigamos a natureza deste conceito, suas transformações na obra de Vigotski e seu modo de apreensão e estudo. O conceito de consciência e a forma como devemos estudá-la são, para nós, uma forma de materializar algumas preocupações de Vigotski, principalmente quando nos debruçamos sobre três fatores em particular: primeiro, a natureza material e objetiva do fenômeno psíquico; depois, o método de acessar essa consciência, através do estudo do desenvolvimento das funções psicológicas ao longo da história e, finalmente, na proposição de uma unidade de análise – o significado da palavra – para empreender o estudo da consciência, embora este seja um tópico polêmico entre os estudiosos de sua obra. Na conclusão, resgatamos algumas possíveis implicações do estudo da consciência no pensamento de Vigotski para o campo da educação: o combate contra o uso “normativo” de Vigotski e a idéia de uma consciência formada pela cultura e pela história, sendo a escola um ambiente privilegiado de desenvolvimento desta consciência. Mapeamos alguns usos deste conceito na psicologia e áreas afins como a neurociência e a filosofia da mente; e a relação, em especial na psicologia brasileira, entre o conceito de consciência e o de subjetividade. Discutimos, ainda, algumas apropriações do pensamento vigotskiano por autores contemporâneos de diferentes tradições epistemológicas e, por fim, chamamos atenção para o caráter em certa medida atual da “crise” na psicologia diagnosticada pelo psicólogo russo. Aliado a isso, enfatizamos a importância que ainda possui a reflexão metodológica no campo psicológico.

**Palavras-chave:** consciência, epistemologia, psicologia, Vigotski.

## ABSTRACT

### **Consciousness as an object of study in L.S. Vygotsky's psychology: An epistemological analysis**

This research consists on a theoretical effort to understand the thought of Russian psychologist L.S. Vygotsky (1896-1934); our object of study is the concept of consciousness in his work. The dissertation begins with a general introduction to the theme and a justification for its study; we follow with a method chapter in which we report the stages and the very nature of the research. The third chapter is dedicated to Vygotsky's story, how his personal, professional and intellectual lives are linked and also to how these same lives relate themselves to the history of Russia. And important methodological and epistemological criticism of psychology made by Vygotsky resides in the diagnosis of a crisis in psychological science at the beginning of the twentieth century, and to this crisis we dedicate the fourth chapter. The psychologist argued that the psychologies of his time were divided in two basic axes: an idealistic one, with little adequacy to the traditional sciences then; and a materialistic natural-scientific one, which reduced the psychological phenomena to physical or physiological processes. Based on this epistemological observation and very much inspired by Marxist historical and dialectical materialism, Vygotsky suggested as an alternative way the re-integration of psychology under a dialectically oriented methodology; a psychology which, without prescinding from psychological phenomenon, had methodological principles adequate to the making of a truly scientific knowledge. This psychology's object of study was consciousness, which we analyze specifically in the fifth chapter. After a brief analysis of the meaning of the concept of consciousness to other psychological theoretical systems – behaviorism, psychoanalysis and Gestalt – we investigate the nature of this concept, its transformations in Vygotsky's work and its mode of apprehension and study. The concept of consciousness and the mode of its study are, in our opinion, a way of materializing some of the author's concerns, especially when we lean over three aspects in particular: first, the material and objective nature of psychological phenomenon; also, the method of accessing this consciousness, through the study of the development of psychological functions throughout history and, finally, the proposition of an unit of analysis – word meaning – to engage oneself in the study of consciousness, though this is a polemic issue among specialists of Vygotsky's work. At the conclusion, we gather some possible implications of the study of consciousness to the education field: the fight against a "normative" use of Vygotsky and the idea of a consciousness formed by culture and history, being school a privileged environment of development of the concept. We talk about some uses of the notion of consciousness in psychology and related areas such as neuroscience and philosophy of mind; and the relationship between consciousness and subjectivity, especially in Brazilian psychology. We also discuss some different appropriations of vygotskyan thought by contemporary authors of distinguished epistemological traditions and, finally, draw attention to the in many ways prevailing nature of the crisis in psychology diagnosed by the Russian psychologist. Related to this, we emphasize the importance of methodological criticism in psychology.

**Keywords:** consciousness, epistemology, psychology, Vygotsky.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	11
1.1. Justificando	13
1.2. Porque Vigotski	15
1.3. Mais que um rodapé: porque Vigotski e não Vygotsky	21
<b>2. MÉTODO</b>	24
2.1. Da natureza da pesquisa	24
2.2. Das etapas	27
<b>3. SOBRE VIDA E OBRA: O HOMEM, SUA CAUSA E SUA CASA</b>	32
3.1. Sobre o personagem Vigotski	33
3.2. A psicologia soviética nos anos vinte e a entrada de Vigotski nos meios acadêmicos	40
3.3. Anos de “fúria criadora”	44
<b>4. A CRISE NA PSICOLOGIA</b>	51
4.1. Crítica da razão psicológica	52
4.2. Marxismo e materialismo dialético	59
4.3. Marxismo, Vigotski e método	63
4.4. A psicologia dialética e a possibilidade da consciência	67
<b>5. O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA</b>	70
5.1. A consciência e as psicologias	71
5.1.1. O behaviorismo watsoniano	72
5.1.2. A psicanálise	77
5.1.3. A Gestalt	84
5.2. Transformação no conceito vigotskiano de consciência	91
5.3. A consciência no espelho	98
5.4. Uma unidade de análise para o estudo da consciência: o significado?	105
5.5. A consciência: síntese das formulações vigotskianas	117

<b>6. CONCLUSÃO</b>	122
6.1. Síntese do caminho percorrido	122
6.2. Outro Vigotski ou algumas implicações para a educação	127
6.3. Vigotski e a consciência: desdobramentos	131
6.3.1. Significado, co-constitutivismo e outras apropriações	131
6.3.2. Sobre a consciência hoje	135
6.3.3. Psicologia: crise e possibilidade	138
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	141
<b>8. APÊNDICE A: Sócio-histórico, sociocultural, histórico-cultural</b>	150
<b>9. ANEXO A</b>	154

## 1. INTRODUÇÃO

É muito difícil começar a escrever. Talvez porque, e isto vai me ocorrendo à medida que digito, o momento em que colocamos algo no papel é o momento em que deixamos de ter apenas pensamentos. Esses pensamentos é como se passassem a ter vida própria, e mesmo que não estejamos tão certos quanto a eles, olha lá os danados, escritos, ditos, vivos. Da mesma forma como alguém pode se sentir grato a nós por ter lido o que escrevemos, qualquer um, agora, pode lhe acusar de ter dito isso e você deve assumir as conseqüências do que falou. Esta é uma relação entre pensamento e linguagem da qual Vigotski não tratou diretamente; penso, no entanto, que ela é fundamental para o processo de escrita, em especial o acadêmico e pode inclusive nos ajudar a pensar no famoso “bloqueio do escritor”. Tudo que se pensou durante dois anos deve ser exprimido em forma de muitas palavras encadeadas de forma racional, justificada e coerente. Mas não importa o quão articulado e pertinente você consiga ser, aquelas palavras formarão juntas um retrato emoldurado de algo que certamente não estará terminado ainda e, mais gravemente, cuja característica mais importante seja talvez a de estar continuamente em fluxo. Em grande medida, uma dissertação ou tese pode se caracterizar pelo hercúleo esforço de tornar retrato o que está em trânsito caótico e incessante – sensações, descobertas, idéias, pensamentos e muitos outros nomes.

Dito isso (e já não sei mais se era isto que eu pensava antes de começar a escrever), queria ainda dizer que, ainda que soe um pouco estranho, é também por conta dessa insuspeitada e por vezes incômoda relação entre linguagem e pensamento que me motivo e me desafio a começar esta introdução.

Este trabalho consiste em um esforço teórico de compreensão do pensamento do psicólogo soviético Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) e do resgate de sua importância. A ideia que defendo é que Vigotski é importante não apenas como psicólogo e pensador da educação, mas como metodólogo e pensador da ciência - de sua forma de funcionamento, seu objetivo, a extensão de seu poder explicativo e sua relação com o homem e com a sociedade de modo geral, e ainda sua relação com a realidade mesma.

Sabemos hoje que Vigotski é um teórico cuja popularidade, além de recente, cresceu muito e rapidamente ao longo dos últimos vinte anos, aproximadamente. Seu principal legado intelectual, a teoria histórico-cultural, em especial alguns outros tópicos específicos<sup>1</sup>, ressoou de tal forma em campos como os da Educação e da Psicologia do Desenvolvimento que não seria injusto dizer que Vigotski tem andado na moda. Os “modismos” na academia, e é a partir deste lugar que pretendemos falar, sofrem de uma ambivalência quase que natural: por um lado, é como se eles indicassem que estava mais do que na hora de descobrirmos um determinado autor e por isso devêssemos aproveitar essa sua suposta “descoberta” para resolvermos todos os nossos problemas. Embora a história das ciências já nos tenha alertado de que esta noção de “descoberta” nada tem de intuitiva ou casual (Latour, 1996), parece ser bem essa a natureza de nossa entusiasmada adesão ao autor que está na ordem do dia. Por outro lado, a contaminação acelerada dos meios acadêmicos por um autor específico pode fazer com que apenas ideias pontuais suas sejam alvo de tanta divulgação e festejo; isto significa que, pelo fato de um autor estar na moda, muitas vezes acessamos apenas a ponta de seu *iceberg* e, para citar um dramaturgo bastante estudado por Vigotski, nossa filosofia vã mal desconfie de tudo o mais que pode haver entre céu e terra.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O conceito de ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal, como veremos na seção seguinte deste capítulo, é um exemplo de tópico específico dentro do pensamento de Vigotski cuja importância cresceu a ponto de ofuscar algumas de suas ideias de caráter epistemológico.

<sup>2</sup> Este dramaturgo era William Shakespeare (1999). Hamlet. Porto Alegre: L & PM.

Esse argumento nos serve tanto para justificar por que escolhemos Vigotski quanto para delimitar o escopo de nosso trabalho e seus objetivos.

### **1.1. Justificando**

Apesar de possuir grande impacto no pensamento contemporâneo, em especial no campo da educação e das práticas pedagógicas, a obra de Lev Semenovich Vigotski tem dado mostras de, cada vez mais, necessitar de uma reavaliação rigorosa e sistemática. Especialistas em Vigotski, a exemplo de James Wertsch (1997), afirmam claramente que conceitos como o de ZPD - zona de desenvolvimento proximal – não são sequer importantes no conjunto da obra do psicólogo russo; são conceitos como este, entretanto, que se colocam, de forma um tanto categórica, como a contribuição fundamental de Vigotski para o campo da Educação e da Psicologia do Desenvolvimento. Dizemos isto porque parece ter sido através de conceitos como o de ZPD que o “pensamento” (e aqui tomamos o todo pela parte) do autor se espalhou tão rapidamente nos meios acadêmicos. Embora a sua teoria histórico-cultural seja melhor conhecida e utilizada nos campos de estudo logo acima citados, ela não é apenas uma teoria do desenvolvimento. A idéia de desenvolvimento de Vigotski transcende um pouco o limite da infância e dos processos de aprendizado. O autor recorre à infância no intuito de poder explicar o comportamento humano de forma geral (Rego, 1997), situá-lo como um fenômeno histórico determinado socialmente, e entender de que modo as funções psicológicas superiores surgem no homem.

Dessa forma, a discussão sobre a relevância de conceitos como o de ZPD, por exemplo, não será alvo de nossa preocupação. O que procuraremos mostrar, ao longo desta dissertação, é que, a despeito do “surto” vigotskiano nas áreas às quais já nos referimos, o autor possui

grande importância como epistemólogo e metodólogo, o que se revela no processo de elaboração de sua teoria histórico-cultural e nas implicações epistemológicas desta. Pretendemos mostrar a importância do psicólogo soviético como estudioso da ciência e de seu funcionamento, da importância do método como uma “alavanca por meio da qual a filosofia dirige a ciência” (Vigotski, 1999ah, p.391) e como um cientista preocupado com a criação de uma psicologia científica não-clássica, livre do tradicional paradigma cartesiano que dicotomizava mente e corpo e que fazia a ciência psicológica se fragmentar em correntes teórico-práticas que pouco dialogavam entre si, como veremos mais adiante (ver capítulo três, sobre a crise na psicologia).

René van der Veer e Jaan Valsiner são dois dos mais importantes estudiosos do pensamento de Vigotski e escreveram, há cerca de quinze anos<sup>3</sup>, um livro extremamente importante para a maioria dos que se dedicam a estudar com alguma profundidade o pensamento do psicólogo russo, por sua abrangência, pela consistência das informações e ainda pelo fato de os autores utilizarem referências de Vigotski além dos livros que foram alçados à moda: *Pensamento e Linguagem* (1993) e *A Formação Social da Mente* (1991). A pesquisa bibliográfica de van der Veer e Valsiner inclui uma enorme quantidade de textos de Vigotski no original russo, ainda não publicados no ocidente e mesmo na Rússia. Em *Vygotsky: uma Síntese* (1996), eles declaram que o autor, mais do que um psicólogo preocupado com análises empíricas de fenômenos experimentais, era antes de tudo um “filósofo/metodologista em seu coração” (1996, p.44). Aprofundaremos esta discussão quando nos detivermos, mais adiante, em um marco epistemológico fundamental na obra de Vigotski: a elaboração de seu famoso artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, terminado, ao que tudo indica, em 1926 (Vigotski, 1999ah). Neste artigo, o psicólogo empreende uma análise da crise que, a seu ver,

---

<sup>3</sup> Primeiramente publicado em 1991, em inglês, a primeira edição do livro no Brasil foi feita em 1996, pelas editoras Unimarco e Loyola.

se instalara na Psicologia do início do século XX e propõe as bases de uma nova psicologia científica, como mencionamos rapidamente no parágrafo acima. Van der Veer e Valsiner (1996) afirmam que, no artigo, Vigotski antecipou, em alguns aspectos, idéias de filósofos da ciência do século XX, a exemplo de Kuhn, Popper, Lakatos, Hanson e Feyerabend, embora tais paralelos devam ser melhor examinados. Os autores ainda localizam neste artigo o caminho preparatório para a concepção da principal teoria do soviético, a teoria histórico-cultural.

## **1.2. Porque Vigotski**

Se um primeiro bloco de justificativas sobre porque estudar Vigotski percorre o caminho das estantes de bibliotecas, periódicos de Psicologia e Educação; um segundo bloco, menos óbvio mas igualmente decisivo, diz respeito ao meu percurso pessoal dentro da Psicologia e da academia de modo geral.

Sempre tive paixão por estudar a cultura; também sempre tive paixão por vivê-la de alguma forma, haja vista meu trabalho como atriz, o qual sempre procurei exercer mesmo com os afazeres da faculdade. Durante a graduação, o meu interesse pelas áreas teóricas e por grande parte dos campos de atuação profissional da Psicologia revelou-se inconstante e algumas vezes disperso, principalmente se entendíamos esta ciência como uma ciência do indivíduo. Apreciava as disciplinas ligadas à Psicologia Social e as demais disciplinas componentes das Ciências Humanas: Antropologia, Sociologia e, aos poucos, saindo do ramo da ciência estritamente, a Filosofia. Também na experiência como bolsista de Iniciação Científica - PIBIC, percebia que os momentos da reflexão, do texto e da discussão eram para mim especialmente atraentes, ainda que gostasse do trabalho de campo. Já posso adiantar aqui

também que, durante os três anos de PIBIC, Vigotski apareceu, algumas vezes, como um autor cujo apreço pela cultura soava para mim admirável; mesmo não tendo tido a oportunidade de estudá-lo profundamente, ele me pareceu ser um autor que falava de questões referentes ao meu por vezes confuso campo de interesse; e essas questões, ao mesmo tempo, ainda diziam respeito ao campo da Psicologia, por assim dizer.

Um episódio interessante e que praticamente virou uma anedota em algumas ocasiões ilustra o valor que questões teóricas têm, de modo geral, no curso de Psicologia. Conversando com uma colega que estava prestes a se formar, expliquei a ela o que estava estudando em meu mestrado e qual era a natureza da preocupação de nossa linha de pesquisa (filosofia das ciências). Ela, de forma compenetrada, respondeu que também se interessava bastante por estudar o “sexo dos anjos”, mas que optaria, quando se formasse, por alguma coisa mais prática.

Assim, ao me decidir pelo mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, percebi que estava dando uma espécie de salto que teria as suas conseqüências. Por um lado, a escolha e o processo do mestrado poderiam refletir a minha suposta dispersão na minha formação original, e me dariam um conhecimento que se desviaria da direção específica para onde ruma o profissional formado em Psicologia - tanto para o trabalho fora da Universidade quanto para a pesquisa. Eu seria mestre num assunto que não é “exatamente” Psicologia nem especificamente Filosofia; sabemos que isso tem, inclusive, várias implicações práticas - no que diz respeito a concursos, empregos etc. De tudo isso fui advertida, antes do ingresso no Programa e durante seu curso.



Agora falemos sobre o “por outro lado”: esses problemas se transformavam, quando pensava sobre eles, numa espécie de motivação e sensação de desafio para encarar o mestrado e a “dispersão de área”. E “por outro lado”, era inegável para mim a importância do estudo da epistemologia justamente para esclarecer, no conhecimento de um campo como o da Psicologia (mas isto não é exclusivo de nossa área), o que é dispersão e o que é complexidade; o que é sexo dos anjos e o que é um esforço de abstração profundamente necessário para a produção de conhecimento científico; ou ainda, a partir de que ponto estudar algo deixa de ser necessário e torna-se um luxo acadêmico ou uma realização puramente pessoal.

Por este percurso e por essas questões, posso dizer que este trabalho surgiu de uma primeira inquietação: o que significa, em termos de conhecimento, dizer que a cultura é constituinte do ser humano? E o que significa dizer isto do ponto de vista da psicologia e não do das outras disciplinas das Ciências Humanas? Michael Cole e Silvia Scribner, introduzindo o livro de Vigotski *A Formação Social da Mente* (1991), afirmam que o autor certamente foi o primeiro psicólogo moderno a apontar possíveis mecanismos através dos quais a cultura se torna parte de cada ser humano. Aqui é necessário um contraponto: lembremo-nos de que, a grosso modo, a psicologia é vista convencionalmente como uma ciência que pretende estudar o indivíduo; nesta sua especificidade, ela difere das ciências sociais ou da biologia, guardando um campo de saber e de atuação específicos. O que acontece, então, quando colocamos “psicologia” e “cultura” numa mesma sentença? Qual o valor epistemológico de uma psicologia inclusiva da cultura?

Dessas primeiras e genéricas inquietações fui, aos poucos, gestando as perguntas e os objetivos deste projeto de pesquisa. E é justamente neste contexto que eu gostaria de

apresentar, assim, o objetivo geral desta dissertação: analisar o pensamento de Lev Semenovich Vigotski do ponto-de-vista epistemológico, no qual destacarei:

1. O diagnóstico feito pelo autor da situação da psicologia enquanto ciência nos anos vinte e trinta do século passado.
2. O papel que ele reservava, na ciência psicológica, ao método de investigação, e uma reconstituição de sua natureza e características.
3. Por último, e que se constitui no objetivo mais específico desta dissertação, a análise do conceito de **consciência** no pensamento de Vigotski. Pretendo ressaltar sua centralidade na teoria do psicólogo soviético e investigar as implicações epistemológicas de se eleger como objeto de estudo da ciência psicológica um conceito como o de **consciência**; é objetivo primeiro nosso, no caso, pensar no âmbito da psicologia proposta por Vigotski.

Se os objetivos acima desdobrados dão o caráter epistemológico deste trabalho, resta ainda explicar o que entendemos pelo “pensamento” de Vigotski, tal como foi dito no objetivo geral.

Quando falamos em “pensamento”, referimo-nos a um conjunto específico de textos produzidos pelo nosso autor. Para isto, vale aqui comentar o singular processo de publicação de seus artigos e livros. Apesar de sua morte prematura aos 37 anos, Vigotski produziu intensamente, sendo que a maior parte de seus trabalhos não foi publicada em vida. As condições de trabalho na extinta União Soviética, causadas por questões políticas que perduraram por muito tempo durante o regime socialista russo, impediram a publicação da

maior parte de sua obra (proibição que oficialmente esteve em vigor de 1936 a 1956), tanto na língua russa quanto em outros idiomas, pelo menos até o fim dos anos cinquenta. A divulgação póstuma de seus textos se deu, assim, tardiamente e foi realizada de forma quase equivocada, visto não haver, em princípio, preocupação com o rigor e a integralidade de seus trabalhos. Muito pouco está traduzido para o português; os livros mais conhecidos de Vigotski publicados no Brasil, *Pensamento e Linguagem* (1993) e *A Formação Social da Mente* (1991), são, respectivamente, uma edição compacta de uma monografia sua e um agrupamento de capítulos selecionados de outras obras dele, por outros pesquisadores. Sob o título do livro *A Formação Social da Mente*, por exemplo, estão reunidos trechos de outras obras importantes do autor, essas sim representativas da teoria histórico-cultural: o livro *Instrumento e Símbolo* e as monografias *A História do Desenvolvimento Mental das Funções Psicológicas Superiores* e *O Desenvolvimento Mental das Crianças e o Processo de Aprendizado*. A publicação das obras escolhidas de Vygotsky, no fim dos anos oitenta, iniciou o processo de reinvestigação de sua obra, agora sob novos pontos-de-vista e com acesso a alguns textos em seu formato original e integral. O seminal artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, o qual foi bastante utilizado durante essa dissertação, parece ter sido terminado por Vigotski em 1926; entretanto, ele só foi publicado pela primeira vez em russo em 1982, exatos cinquenta e seis anos após sua redação. Muito embora seu livro mais conhecido, *Pensamento e Linguagem*, tenha chegado ao ocidente em 1962, a publicação é considerada um tal equívoco de tradução e edição que é possível nos perguntarmos se ela não foi, em verdade, mais um desserviço à divulgação do pensamento de Vigotski do que qualquer outra coisa. Enquanto historiadores da psicologia e da ciência soviética (Graham, 1993) nos lembram de que as passagens que faziam referência ao marxismo ou ao leninismo tenham sido sistematicamente extraídas da versão de *Pensamento e Linguagem* dos anos sessenta, outros argumentam que a própria tradução truncou algumas passagens do livro de

forma a desconfigurar a epistemologia mesma do psicólogo soviético (Gillens, 2000). Nos últimos anos, felizmente, temos assistido, no Brasil, à publicação gradual do que são as Obras Escolhidas de Vigotski (uma compilação de seus artigos mais significativos). A editora Martins Fontes vem publicando, em volumes menores, os textos que compõem estas obras, sendo que a tradução é feita diretamente do russo.

Este comentário serve para esclarecer que tipo de material priorizamos em nosso processo de investigação: os textos utilizados foram estes pertencentes a esta “safra” mais recente de publicações. Também demos atenção não apenas às obras mais conhecidas já citadas, mas a um conjunto de textos de preocupações mais estritamente epistemológicas. Dessa forma, queremos nos referir a prefácios feitos por Vigotski a obras de importantes psicólogos traduzidas para o russo, artigos redigidos para periódicos e para livros nos anos vinte e trinta na União Soviética, outros não publicados durante a vida do autor e ainda comunicações em congressos. Uma das monografias que compôs a compilação *A Formação Social da Mente* (1991), “Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores” (1995), foi, por exemplo, de grande valia para a elaboração de nosso trabalho. Este é um dos textos que ainda se encontra disponível apenas em espanhol.

Paralelo à obra de Vigotski, utilizamos, naturalmente, textos de autores estudiosos de seu pensamento. Utilizados com a devida cautela que pressupõe um trabalho que em muita medida é de exegese, esses autores nos auxiliaram a dissolver passagens pouco claras em Vigotski e ainda a situar seu pensamento no contexto histórico político, cultural e social em que ele foi engendrado. Para isso, também nos utilizamos de livros sobre a história da ciência na Rússia no período em que Vigotski viveu e produziu. Em particular, consultamos dois livros do historiador norte-americano Loren Graham, *Science in Russia and the Soviet Union:*

*a short history* (1993) e *Science, Philosophy and Human Behavior in the Soviet Union* (1987), e ainda *Russian Psychology: a critical history* (1989), de David Joravsky.

### **1.3. Mais que um rodapé: porque Vigotski e não Vygotsky**

Mesmo o leitor mais desavisado já terá percebido, no corpo de nosso texto e nas referências bibliográficas, a convivência de duas (ou até mais) grafias para o nome do nosso autor: Vygotsky e Vigotski. O leitor mais atento não só perceberá o que parece ser uma profundo descuido de redação e revisão, como já terá, também, questionado algum motivo mais sensato para esta aparente discordância de escrita.

Esclareço de antemão que me vi, desde a escrita do projeto, diante de uma dúvida que se transformou, ao passo das leituras, numa tomada de posição. Porquanto conheçamos convencionalmente a grafia com y, especialmente a partir dos livros mais conhecidos de Vigotski, poderíamos pensar que esta seria sua grafia original. O nome de Vigotski é de origem russa, e o idioma russo possui um alfabeto diferente do nosso, o cirílico. Existem, assim, várias formas de traduzir um nome, não havendo, em princípio, uma grafia “oficial” de Vigotski em português. Newton Duarte (2001) lembra que os alemães, dessa forma, preferem a grafia Wygotski, mais adequada a seu idioma; e a editora de um livro de Castorina e outros autores (Castorina et al., 1998) chama a atenção para grafias como Vygotski ou Vygotsky, comuns no espanhol e no francês, respectivamente. Decidimos optar pela versão Vigotski por esta se assemelhar mais ao idioma português e também por levarmos em conta que, se por muitos anos a escrita do nome com “y” foi a mais utilizada aqui em nosso país, isto se deveu ao fato de que os textos eram vertidos a partir do inglês e não do russo. A Editora Martins Fontes, responsável pela publicação da obra em sua versão integral e traduzida diretamente do

russo, tem adotado a grafia com *i* e não com *y*, o que tem levado alguns pesquisadores brasileiros a fazer o mesmo. Dado que estas edições mais recentes têm demonstrado maior preocupação com o conteúdo dos textos e com as várias citações descuidadas de outras obras e autores feitas pelo próprio Vigotski, achamos justo adotar a grafia com *i*. Mais do que uma possível atitude de fobia a estrangeirismos (e a americanismos em especial), pensamos que nos referir a Vigotski ao invés de Vygotsky representa, em certo sentido, uma tentativa de resgatar seu pensamento de forma um pouco mais cuidadosa. Infelizmente, o mesmo não pôde ser feito com as dezenas de outros nomes e sobrenomes que figurarão neste trabalho. Seria praticamente impossível verificar qual a versão para o português mais acurada de nomes russos, ucranianos, alemães etc., de modo que, para a maioria dos outros nomes referidos nesta dissertação, predominará a versão deles que for mais utilizada – de modo geral, a versão adotada no mundo acadêmico anglófono.

Quisemos aqui situar o nosso problema de pesquisa e descrever seus objetivos específicos. Numa sentença, nosso objetivo primeiro e específico é *analisar o conceito de consciência no pensamento do soviético L. S. Vigotski, ressaltando suas implicações epistemológicas à psicologia e avaliando, a partir daí, sua possível contribuição epistemológica*. Tendo esclarecido isso e argumentado em favor da legitimidade de nosso tema de pesquisa, descrevemos, aqui, o percurso que nos aguarda:

1. Em primeiro lugar, descreveremos o método de investigação que possibilitou a construção da dissertação. Isto será feito através de uma caracterização da natureza da pesquisa e das etapas pelas quais passamos até chegar ao produto escrito final.

2. Em seguida, dedicar-nos-emos a uma contextualização histórica, política, social e científica do período e condição em que o psicólogo constrói seu pensamento e sua obra, e ainda alguma caracterização do “personagem” Vigotski.
3. Através da análise do artigo “O Significado Histórico da Crise da Psicologia” entenderemos as preocupações metodológicas de nosso autor; tanto no seu diagnóstico da crise na psicologia nos anos vinte, quanto na importância que ele reservava ao método nas investigações científicas e qual era, do seu ponto-de-vista, a natureza deste método e da ciência. Será também evidenciada a importância do conceito de consciência em sua teoria, relacionando-o, na medida do possível, à presença do marxismo como modo de organização do conhecimento e da realidade na União Soviética, nas turbulentas primeiras décadas do século XX;
4. Seguiremos, no capítulo seguinte, com um exame pormenorizado do conceito de consciência para Vigotski; o que isso representava de diferenciado das outras propostas psicológicas da época; qual a natureza epistemológica de sua proposição teórica e uma análise do modo pelo qual se procederia ao estudo da consciência.
5. Por fim, após uma breve síntese do caminho percorrido, traremos algumas possíveis implicações que o conceito de consciência, tal como proposto por Vigotski, possui. Pensaremos nestas implicações no campo da educação, mesmo que de forma breve; refletiremos sobre o conceito de consciência hoje e algumas apropriações contemporâneas da teoria vigotskiana; e discutiremos, ainda, o valor do resgate de L.S. Vigotski enquanto pensador da ciência, para as ciências humanas e, especialmente, para a psicologia.

Desse modo, este capítulo de síntese procurará dar sentido ao percurso de investigação e escrita, e procurará, de forma objetiva, responder ao nosso problema de pesquisa.

Vamos a ele.

## **2. MÉTODO**

O modo de fazer uma pesquisa constitui-se num conjunto de informações fundamentais para, primeiramente, sistematizar os procedimentos e técnicas utilizados durante o processo de investigação e ordenar e esclarecer este processo, de forma que outros possam seguir, por si próprios, o percurso que acabamos de completar. O método também é importante porque, de posse das informações sobre o percurso, é possível contextualizar as reflexões e descobertas relatadas pela pesquisa. Contextualizar, aqui, significa estabelecer relações entre as informações, avaliar a pertinência entre esses “dados” e a forma que o pesquisador utilizou para construí-los e compartilhá-los.

### **2.1. Da natureza da pesquisa**

A primeira coisa que deve ser dita aqui, sobre este capítulo, é que ele foi o último a ser escrito; isto é, trata-se de uma espécie de metodologia a posteriori. E por que a posteriori? Pelo fato de que, no caso deste projeto de pesquisa, devemos relatar o percurso da investigação. Estamos diante de uma pesquisa cujo universo empírico é constituído pelos textos de um determinado autor (Molon, 2003). Os dados da pesquisa são compostos de teoria; para Pedro Demo (1981, p. 103), uma pesquisa teórica é perfeitamente possível, embora isso não seja ponto pacífico quando discutimos metodologia científica.

Outra coisa que deve ser esclarecida de antemão é a natureza da pesquisa. É um trabalho teórico cuja tônica reside, sobretudo, na compreensão e na crítica, visto que, numa análise de caráter epistemológico, o que está em jogo é a discussão crítica de uma teoria científica. Assim, não é objetivo nosso, por exemplo, encontrar nexos causais entre eventos ou generalizar conclusões, como pretendem alguns delineamentos da pesquisa empírica. Neste



sentido, Wilhelm Dilthey (1833-1911) já defendia, no início do século passado, um estatuto ontológico e metodológico próprio para as ciências humanas (ou ciências do espírito, termo que ele preferia). Foi inclusive deste ponto-de-vista que o filósofo Dilthey contribuiu para a ciência psicológica com a proposição de uma psicologia descritiva, a qual pudesse, a seu ver, captar a vida subjetiva de forma intacta (Dilthey, 1951); esta sua teoria foi uma das consideradas idealistas por Vigotski em seu diagnóstico. Ainda assim, é a distinção entre ciências humanas e naturais estabelecida pelo filósofo que é relevante neste caso; o alemão Dilthey opunha os termos explicação e compreensão (*erklären X verstehen*) para distinguir as ciências. Enquanto as ciências humanas só poderiam ser estudadas através da compreensão de fenômenos, os eventos nas ciências naturais se prestavam à explicação. Se fôssemos obedecer a esta divisão, diríamos que o objetivo de nosso trabalho seria *compreender* aspectos da obra de Vigotski. Outras leituras são, no entanto, possíveis. O sociólogo Max Weber propunha uma conciliação entre os termos compreensão, explicação e ainda interpretação; para ele, a definição mesma da sociologia seria uma ciência que busca entender a ação social através da interpretação (Weber, 2005), e isso seria uma forma de explicá-la causalmente inclusive. Autores com Dilthey e Weber figuram aqui para ilustrar o valor da compreensão como uma abordagem metodológica legítima nas ciências humanas; Boaventura de Sousa Santos (1989), por sua vez, descreve uma dupla ruptura epistemológica no pensamento contemporâneo que resulta em alguns pontos de discussão, entre eles estes: primeiro, cientes de que a epistemologia funciona como a consciência da ciência moderna, devemos questionar seu sentido através de uma reflexão hermenêutica; segundo, que essa reflexão se faz através da desconstrução dos objetos teóricos que a ciência constrói sobre si própria. Santos conclui que a desconstrução contribui para o trabalho de desdogmatização da ciência, tarefa que começou no século XX.

Estamos de acordo com o ponto-de-vista de Santos quanto ao que seria tarefa da epistemologia, e acreditamos que isto se reflete neste trabalho. Dessa forma, no caminho da pesquisa, idéias são retomadas, descritas, interpretadas, compreendidas, até que nos apropriemos delas criticamente e produzamos novos conhecimentos.

Não é à toa que, novamente<sup>4</sup>, tomamos aqui licença ao termo “dialético”, no intuito de caracterizar alguns aspectos de nossa pesquisa. De acordo com Gil (1999), há vários e diferentes métodos que proporcionam bases lógicas à investigação científica, e o dialético é um deles. Não é nosso intuito classificar nossa investigação de acordo com uma ou outra base lógica exclusivamente, em especial baseando-nos em manuais de metodologia científica como o de Gil; pretendemos apenas caracterizar nosso método de acordo com *alguns* dos preceitos de uma abordagem dialética. Mais especificamente, gostaríamos de trazer dois princípios elencados por Demo (1981): *historicidade e processo*. A *historicidade* tem por qualidades a provisoriedade, a instabilidade e até a imperfeição; mas isso não implica necessariamente em fugacidade. O fenômeno histórico resiste no tempo – não como algo que permanece, mas como algo que sucede. A *historicidade*, além de ser, para Gonçalves (2005), um preceito-chave para as pesquisas em psicologia social, era um conceito fundamental na teoria vigotskiana (Scribner, 1985). O outro princípio definido por Demo é o *processo*. Uma realidade, no caso, a realidade de uma pesquisa, é processual porque está sempre a caminho, em constante formação, num processo que nunca se fecha completamente. Certamente, acreditamos que qualquer pesquisa, de modo geral, possua essas características em alguma instância; mas pretendemos, no caso deste trabalho, frisá-las como especialmente importantes.

---

<sup>4</sup> Uma vez que esse capítulo tenha sido escrito a posteriori, esclarecemos aqui que nos referiremos, no curso da dissertação, algumas vezes ao termo “dialética”, como em materialismo dialético, o qual teria influenciado bastante Vigotski. Aqui no método, quando tomamos licença da palavra, é para enfatizar algumas características de nossa pesquisa; mas temos noção dos vários sentidos do termo “dialética”.

Finalmente, a idéia de processo não está necessariamente ligada à de progresso, e pode ainda relacionar-se com a de regresso – mas o que fundamental é o movimento.

Tendo em vista essas características, ou mesmo essas condições da pesquisa, sentimo-nos mais livres para, de certa forma, tirarmos o foco deste capítulo específico, pelo menos em termos das etapas que ele descreve, para chamarmos atenção para algumas passagens ao longo do trabalho. Essas passagens relatam modos pelos quais certas análises foram construídas, sistematizam o que acabou de ser dito, revelam problemas relativos a fontes primárias e secundárias, polêmicas entre diferentes autores, em suma: revelam *opções metodológicas*, as quais vão ajudando o leitor, por sua vez, a construir sentidos no trabalho. A cada ocasião em que nos deparamos com um problema de caráter metodológico, procuramos explicitá-lo e lidar com ele de alguma forma; isso foi sendo mostrado à medida da escrita. Assim, pensamos que nem sempre é possível (nem desejável) separar método e teoria, e que método, de certo modo, é antes uma postura que um capítulo, entre muitos, da pesquisa.

## **2.2. Das etapas**

Depois dessas palavras, relataremos, aqui, os passos dados no curso de nossa investigação. Partimos, inicialmente, de um anteprojeto de pesquisa submetido à seleção para entrada no Mestrado deste Programa de Pós-Graduação. O anteprojeto continha ainda uma noção geral do que viria a ser epistemologia na obra de Vigotski; o recorte do conceito de consciência viria após algumas leituras e discussões de orientação.

Dividimos a investigação em quatro grandes períodos básicos, os quais correspondem, grosso modo, aos semestres que compuseram o período do mestrado.

PERÍODO UM: Esta etapa consistiu numa aproximação periférica aos textos de Vigotski, particularmente os que haviam sido utilizados para a feitura do anteprojeto de mestrado. Uma pesquisa sobre as publicações de Vigotski, suas diferentes versões, traduções e disponibilidade começou a ser efetuada neste período e seguiu até o seguinte. Por conta das primeiras conclusões desta pequena pesquisa e do próprio caráter teórico do trabalho, uma primeira opção metodológica foi feita: trabalhar primordialmente com os textos integrais de Vigotski, referentes à edição de suas obras escolhidas.

O semestre, entretanto, centrou-se mais nas leituras e discussões referentes às três disciplinas cursadas nessa época. Isto é importante de ser frisado pelo fato de o programa ser interdisciplinar, o que me possibilitou entrar em contato com os temas que me interessavam de um ponto-de-vista fora do usual em psicologia, no caso, a minha formação de origem; temas em epistemologia, história da ciência e na própria psicologia. Os trabalhos de conclusão destes cursos abriram algumas possibilidades de conexão entre os temas de cada disciplina e o pensamento de Vigotski; e foram, em grande medida, aproveitados em suas idéias quando da escrita da dissertação propriamente dita.

PERÍODO DOIS: A segunda fase foi inicialmente marcada pelo início da confecção de um diário (ver Anexo A). De caráter pessoal e informal, os “diários de mestrado”, como passei a chamá-los, foram uma ferramenta bastante útil para registrar alguns passos específicos do processo, como também algumas dificuldades inerentes a ele, reflexões e eventos marcantes. A idéia não foi recorrer ao diário com regularidade obrigatória, mas quando a necessidade surgisse. A principal característica do semestre foi a leitura atenta de três livros em particular de Vigotski, os quais estavam ligados mais diretamente à abordagem epistemológica pretendida no projeto. Foram eles: as duas coletâneas brasileiras *Teoria e Método em*

*Psicologia* (1999a), com onze artigos, entre eles o “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”; e *O Desenvolvimento Psicológico na Infância* (1999d). Também os livros *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001) e *Estudos Sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança* (1997) foram cuidadosamente lidos e fichados em detalhe. No fim do semestre, o material produzido para as disciplinas e os fichamentos de textos fundamentais do autor formaram um conjunto de textos e reflexões que levou à indicação, em reunião de orientação, de uma categoria específica em que centrar a análise epistemológica da pesquisa. Muitos outros escritos de Vigotski, embora tenham sido utilizados na feitura da dissertação, foram lidos mais na medida em que se encaixavam no percurso de investigação ou para amparar ou confrontar idéias e afirmações; isto para que não perdêssemos de vista o foco de interesse que tanto tempo levamos em estabelecer.

PERÍODO TRÊS: Após a decisão de estudar o conceito específico de consciência, logo no início desta etapa, um recorte metodológico importante havia sido feito. A partir de então, o período foi centrado na tentativa de esboçar um plano de capítulos para a dissertação, novas aproximações aos fichamentos, e nos primeiros contatos com textos sobre história das ciências na Rússia e na União Soviética. Com o plano de capítulos pronto, a escrita da dissertação começou, no preparo para o exame de qualificação que se realizaria no início da etapa seguinte.

PERÍODO QUATRO: Três capítulos foram elaborados para o exame – atualmente os capítulos um, três e quatro. Provavelmente, a escolha do conceito de consciência foi feita um tanto tardiamente. Isso acarretou uma reformulação da parte do plano de capítulos que faltava ser escrita, e um trabalho mais árduo já nos últimos meses de pesquisa. A partir das observações feitas no exame de qualificação, foi necessário entrar em contato com algumas

teorias psicológicas da época de Vigotski e fazer uma breve avaliação delas; a dificuldade grande em encontrar livros em português/inglês/espanhol disponíveis de algumas teorias, como a Gestalt, por exemplo, tornaram a tarefa bastante complicada e demorada, e foi preciso, por conta disso, tanto diminuir o escopo da análise que pretendíamos fazer, quanto até, de certa forma, modificar-lhe a natureza. Este período terminou, como seria de se esperar, com a escrita dos capítulos finais e da revisão do material da dissertação como um todo. É necessário dizer, ainda, que um retorno à literatura se fez necessário no momento de escrever o capítulo de conclusão, pois as implicações do estudo de um conceito vigotskiano sem dúvida ressoam na ciência contemporânea, em particular, na psicologia e na educação.

A descrição destas etapas de investigação foge ao que seria uma caracterização usual de um projeto de pesquisa teórico, qual seja, simplificadamente:

projeto → levantamento de bibliografia relacionada ao tema → leitura → sistematização ou fichamento das leituras → delimitação do objeto de pesquisa → escrita.

Se procuramos partir de um esquema de etapas semelhante a este, deparamo-nos com o fato de que as próprias etapas se inter-penetravam à medida que transcorria o tempo, e que a “etapa” leitura, nossa principal ferramenta de pesquisa, se estendeu durante todo o período de trabalho, modificando-se, apenas, no quanto foi utilizada de um semestre a outro.

Dessa forma, quando nos referimos, no início do capítulo, a algumas características de um suposto método de pesquisa dialético, foi para dar conta de alguns aspectos de nossa investigação – que ela seja entrecortada, apresente saltos para frente e para trás, e que e esteja

em movimento constante, não são obstáculos com os quais não contávamos – são, sim, condição da pesquisa; sobretudo quando tratamos de teoria.

### **3. SOBRE VIDA E OBRA: O HOMEM, SUA CAUSA E SUA CASA**

Grande parte dos autores que se dedicam a estudar Vigotski e sua teoria de forma aprofundada e crítica reserva uma parte de suas obras para relatar dados autobiográficos do psicólogo, e a fazer uma contextualização histórica, política e social do momento em que ele vive, pensa e produz. De fato, o hábito da contextualização tornou-se quase um lugar comum no roteiro de qualquer trabalho acadêmico e, embora a expressão por nós utilizada, “lugar comum”, denote algo de pejorativo, tal hábito é, no mínimo, saudável.

Acreditamos que contextualizar é importante por três razões principais. A primeira, bastante clara, é a natureza exegética deste trabalho. Nosso estudo é de caráter teórico; isso significa que o que está em jogo nele, primeiramente, é o que Vigotski escreveu e produziu e de que forma isso ocorreu. O Vigotski com o qual trabalhamos hoje e os conhecimentos atualmente produzidos a partir de sua perspectiva são também importantes, mas na condição de estímulos e inspiração para o que queremos empreender. A segunda razão, não menos óbvia e intimamente ligada à primeira, é a de que vivemos, naturalmente, em tempo e espaço determinados. Por trás de uma teoria, existe o nome de um autor; por trás deste nome, uma pessoa; por trás dessa personagem existe toda uma época - costumes, modos de produção, sistemas políticos, obras de arte e até eventos naturais. Ao utilizarmos a expressão “por trás”, podemos, talvez, dar a entender uma relação algo determinista e unidirecional entre eventos quando, em verdade, pretendemos expressar a idéia de uma configuração de influências bem mais complexa do que a imagem de um fator “por trás” do outro. Estamos marcados por uma série de minúsculos e gigantescos eventos que nos historicizam; e dada a época particularmente especial em que se deu a curta vida de Vigotski, a afirmativa anterior, no seu



caso, é elevada a potências bem mais altas. O próprio Vigotski provavelmente balizasse esta declaração, tendo em vista, como veremos no capítulo seguinte (vide capítulo quatro, pp. 54, 65), que o conceito de “história” era a pedra fundante de sua teoria a qual, não por acaso, é denominada teoria *histórico-cultural*.

A terceira razão para contextualizar serve para tentarmos, de certa forma, manter nossos pés no chão. Essa razão diz respeito ao fato de que, como bem nos lembra Burgess (1999), o ato de ler psicologia (embora isso não seja de modo algum exclusivo desta ciência) é em si um ato de construção ativa e de interpretação. Isso significa que a leitura que fazemos de Vigotski está inevitavelmente atrelada aos objetivos que nos propomos nesta dissertação, e ao ponto-de-vista que nos dispomos estudar e pesquisar. Dessa forma, a delimitação contextual que realizaremos aqui pode servir também para que o leitor identifique que tipo de recorte nós estamos assumindo, e possa ele mesmo julgar a exegese que propomos. Assim, contextualizar, neste caso, serve para nos alertar, de antemão, para nossos “recortes” e as conexões que fazemos entre vida e obra de Vigotski.

### **3.1. Sobre o personagem Vigotski**

Lev Semenovich Vigotski nasceu praticamente na virada do século XIX para o XX, mais precisamente em cinco de novembro<sup>5</sup> de 1896, numa pequena cidade na região onde hoje existe o país Belarus<sup>6</sup>. Com menos de um ano de idade, ele e sua família se mudaram para

---

<sup>5</sup> A Rússia e outros países de influência cristã ortodoxa seguiram o calendário juliano até 1918, e isso significava 12 dias de atraso em relação ao calendário gregoriano, adotado desde o início da Idade Moderna pelos outros países do ocidente. Cinco de novembro significaria, para nós adeptos do calendário gregoriano, dezessete de novembro.

<sup>6</sup> Tendo nascido em Belarus, Vigotski era bielorrusso; entretanto, referimo-nos a ele, ao longo da dissertação, tanto como soviético (nacionalidade que ele adquiriu a partir da declaração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, em 1922) quanto como russo, apenas no intuito de não nos repetirmos na redação.

Gomel, cidade maior e com vida cultural mais intensa, localizada dentro do território vigiado que a Rússia Czarista reservava aos judeus.

A formação judaica e sua possível influência são um dos vários blocos obscuros de sua história de vida. O judaísmo não é mencionado como algo de muita relevância no curso de vida de Vigotski; o máximo de referência que parece haver, em termos de formação, é o fato de alguns “biógrafos”<sup>7</sup> (Van der Veer & Valsiner, 1996; Blanck, 2003) afirmarem que a família de Vigotski não era muito religiosa, embora mantivesse algumas tradições judaicas. O próprio Vigotski parece não se referir muito frequentemente em textos ou cartas a sua formação judaica, embora estivesse interessado na história e cultura do povo judeu (Van der Veer & Valsiner, 1996). Historiando a psicologia soviética, Joravsky (1989) afirma que era comum, na Rússia pós-revolucionária, alguns judeus possuírem uma certa atitude negligente quanto a suas origens, e dá como grande exemplo disso um colega judeu muito próximo de Vigotski, e figura fundamental na elaboração da teoria histórico-cultural: Alexander Romanovitch Luria (1902-1977). Na campanha contra o anti-semitismo historicamente imposto pela Rússia Czarista, muitos judeus (a exemplo de Luria, declara Joravsky) eram levados a desdenhar de distinções entre o seu e outros povos soviéticos e a acreditar na revolucionária fórmula do homem soviético acima de todas e quaisquer etnias; com isso, ser judeu tornava-se menos importante. Ainda assim, Valsiner e Van der Veer (1996) relatam que, dentro do território de assentamento, quando criança, Vigotski poderia ter presenciado diversos massacres e ainda outros eventos humilhantes e terríveis para o povo judeu; certamente foram momentos no mínimo marcantes para o jovem russo.

---

<sup>7</sup> Os “biógrafos” são, na verdade, psicólogos estudiosos de Vigotski. Temos alguma noção dos vieses que isso pode proporcionar a um historiador, mas não há disponíveis, em português ou inglês, biografias completas do autor escritas por historiadores propriamente ditos, de modo que nos contentamos com as informações biográficas dos próprios psicólogos.

A família de Vigotski era relativamente bem instruída e possuía boas condições financeiras, tendo proporcionado a seus oito filhos uma educação excelente, à custa, inclusive, de tutores particulares. Lev Vigotski, o segundo dos filhos, apenas terminou sua graduação em um ginásio judeu particular e graduou-se, com uma medalha de ouro, em 1913. Deparamo-nos aqui com um episódio que ilustra bem como ser judeu tinha suas implicações. As universidades russas reservavam a pequena cota de três por cento de suas vagas a pessoas de origem judaica; isso significava que apenas os melhores alunos garantiriam seu lugar. Para nosso autor, isto não era um grande problema, visto que era considerado um aluno brilhante nas diversas matérias escolares; ele era também amante entusiasmado da literatura, poesia e do teatro (paixões que carregaria durante toda a vida). Entretanto, justamente no período em que Vigotski realizava seus últimos exames, o ministro da educação do Czar divulgou uma circular em que modificava os procedimentos de ingresso dos judeus nas universidades; ao invés de excelência acadêmica, o critério agora passaria a ser o simples sorteio. Wertsch (1985) afirma que essa parecia ser uma manobra política para prejudicar a qualidade e o potencial da parcela judia no sistema universitário russo; tendo sido a razão qual fosse, a notícia deve ter sido um golpe duro para o jovem Vigotski, ansioso para ingressar na universidade e confiante em seus dotes acadêmicos. Vigotski foi, contra as probabilidades, sorteado entre os três por cento. Acreditemos ou não numa manobra do destino, é fato que tudo teria sido bem diferente se ele não tivesse tido acesso à universidade; mas é provável que após a Revolução de 1917 ele pudesse, algo tardiamente, dar início a seus estudos.

Embora fortemente inclinado à literatura e ao teatro, Vigotski foi fortemente encorajado pelos pais a estudar Direito ou Medicina (este parece ser um hábito que não morreu entre a classe média - ou entre os burgueses, para usar um termo tipicamente socialista). A razão para esse encorajamento era simplesmente que, dedicando-se às áreas que eram de seu interesse,

restaria a Vigotski a profissão de professor, uma das muitas que os judeus, na Rússia pré-revolucionária, não podiam exercer fora do território de assentamento. Esse é mais um dos episódios que, em nosso ver, agregam um dado valor ao fato de Vigotski ser judeu; é por isso que consideramos a sua ascendência como algo relevante em sua vida e percurso acadêmico e profissional.

Matriculando-se em Medicina em 1913, desistiu da carreira de médico logo depois de um mês e optou pelo Direito. Paralelo a sua formação na Universidade de Moscou, Vigotski matriculou-se na Universidade do Povo de Shaniavsky, onde fez os cursos de História e Filologia. Essa universidade possuía condições curiosas: por conta de um levante de universitários moscovitas contra o regime czarista em 1905, o ministro da educação expulsou grande parte dos estudantes da Universidade Imperial de Moscou e, em protesto, cerca de cem professores de lá se retiraram também e foi em Shaniavsky que a maioria se refugiou. Consta que, assim, os maiores intelectos de Moscou (Blanck, 2003) estariam reunidos nesta universidade popular não reconhecida pelo Czar. Foi lá, com o renomado Pavel Blonski, que Vigotski fez os únicos cursos de psicologia de sua carreira. Blonski é tido por Joravsky como o primeiro defensor do marxismo na psicologia russa (Joravsky, 1989), antes mesmo do advento da revolução.

Estamos agora no período de 1913 a 1917, época que assistiu à eclosão da I Guerra Mundial (de 1914 a 1918) e presenciou, em 1917, a Revolução Russa. Até este ano, Vigotski permaneceu em Moscou, quando concluiu seus estudos nas duas universidades. Meses após a tomada do poder pelos bolcheviques, liderados por Lênin, o país entra em guerra civil. As forças anti-bolcheviques, oriundas de diferentes ideologias e credos, insurgiram-se contra o rumo ditatorial que o governo bolchevique parecia tomar. Foi por volta desse momento

estratégico que Vigotski retorna para Gomel, sua cidade natal. Com o advento da revolução, a legislação anti-semita havia sido revogada, e agora era possível para ele, como para todos os outros judeus, ensinar em escolas e institutos em todo o território russo. Embora não haja disponíveis muitos detalhes de como Vigotski passou esses sete anos de volta ao lar, sabemos, novamente através de alguns estudiosos de sua vida já citados (Wertsch, 1985; van der Veer & Valsiner, 1996 e Blanck, 2003), que foi um período de atividade intensa, no qual Vigotski se tornou um dos membros mais destacados de sua cidade, especialmente pela contribuição intelectual que lhe prestou. Vigotski deu aulas de temas tão variados quanto literatura, filosofia, estética, ciência, história da arte, psicologia e pedagogia em diversas instituições, além de promover palestras sobre temas também variados e publicar resenhas literárias e artísticas. Durante esse tempo, ele deve ter aprofundado o seu conhecimento em Hegel, Marx e Engels, Spinoza e ainda na maioria dos grandes autores de psicologia da Europa e dos Estados Unidos. Na escola de formação de professores<sup>8</sup> de Gomel, ele montou, junto com alguns estudantes, um pequeno laboratório, onde deu início a seus primeiros experimentos na psicologia. Deste período e de suas experiências e leituras, Lev Vigotski redigiu o livro *Psicologia Pedagógica* (Vigotski, 2003), uma espécie de manual para professores contendo suas primeiras idéias sobre educação escolar.

É irônico que os sete anos que Vigotski viveu em Gomel tenham sido um período extremamente difícil na Rússia pós-revolução (já em 1922, seria fundada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS). Estando, num plano, assolada pela escassez de diversos produtos (comida, inclusive) e pela guerra civil, em outro plano, o país havia sido abençoado com uma geração composta de pessoas que viriam a se tornar alguns dos mais brilhantes intelectuais soviéticos (Kandinsky, Chagall, Meyerhold, Stanislavsky, Maiakovski,

---

<sup>8</sup> Mantivemos as iniciais minúsculas para nos referirmos a esta escola pelo fato de existirem, nos livros sobre Vigotski, diferentes traduções para o nome da instituição. A informação importante, no caso, é que a escola formava professores.

Makarenko, etc), uma geração que empreendeu uma verdadeira (e pacífica) revolução cultural no país.

De um ponto-de-vista minimamente sóbrio sobre os acontecimentos na Rússia soviética, o historiador da ciência Loren Graham (1993) considera que a Revolução Russa teria se estendido, na verdade de 1917 a 1932, e argumenta, em favor disso, que foram estes quinze anos que presenciaram as maiores mudanças na ciência soviética, ou ainda, a preparação para muitas dessas mudanças. O que Graham nos relata ainda é que os líderes da Revolução de 1917, Lênin o principal deles, consideravam sua visão da política e da história como legitimamente científicas; resultava daí a tentativa de enxergar o marxismo como uma filosofia da ciência e de, ainda, aplicá-la aos diversos campos de conhecimento. Que a teoria marxista fosse vista como uma filosofia da ciência não era exatamente o problema; a dificuldade se instalou alguns anos após a revolução, já depois que Lênin havia morrido. Do ponto de vista de seus sucessores, a penetração do marxismo no empreendimento científico demandava a promoção rápida da ciência e da tecnologia a serviço da transformação da sociedade soviética; com isso, a contribuição de cientistas e intelectuais formados no regime pré-revolucionário era bastante suspeita, dada a antipatia de muitos desses cientistas ao bolchevismo, sua visão de mundo e seu plano de ação. Essa complicada relação entre marxismo e a ciência começou a se evidenciar no início da década de 1930. Podemos já perceber que o ingresso tardio de Vigotski na psicologia e mesmo nos círculos acadêmicos mais importantes não deixou de lhe proporcionar uma relativa tranquilidade e condições de trabalho, pelo menos nos primeiros anos em que se mudou para Moscou; sendo considerado um “novato” na psicologia, ele pode ter escapado dos olhos vigilantes dos primeiros chefes no comando da União Soviética. É inclusive irônico perceber que justamente o período após a eclosão da revolução, até aproximadamente 1926, descrito por Graham (1987) como sendo de

relativa tranqüilidade intelectual, seja a época em Vigotski produziu artigos e comunicações de preocupações estritamente metodológicas, e seja também o período em que ele produziu sua contribuição teórica de orientação mais declaradamente marxista: o texto “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (Vigotski, 1999ah).

Embora Vigotski tenha permanecido em Gomel nos primeiros anos (sete ao todo) da Revolução de 1917, é certo que esta deve ter tido algum impacto sobre o jovem professor. A extensão deste impacto é difícil de precisar; não é à toa que vemos os biógrafos e historiadores discordarem sobre esta influência. Uma coisa é certa: são muito poucos os documentos disponíveis sobre a vida e a produção de Vigotski entre os anos de 1917 e 1924. Guillermo Blanck (2002) chega a afirmar que o autor se consideraria um verdadeiro soviético, haja vista o cartão que possuía de deputado de um dos Sovietes de Moscou. Este parece ser um dos únicos documentos disponíveis que comunicam alguma coisa acerca deste período.

O período em Gomel na juventude foi também marcado, e isto é mais fácil de precisar, pelos primeiros contatos com a enfermidade que mataria Vigotski poucos anos depois - tuberculose. Foi cuidando da mãe e do irmão mais novo (para o qual a doença foi letal) que Vigotski contraiu a doença, ao que tudo indica, em 1919; seu primeiro ataque grave foi em 1920. Já neste primeiro episódio, Lev Vigotski foi internado no sanatório, tendo feito inclusive planos para o caso de não resistir à enfermidade. Esta visita a um hospital por conta da tuberculose seria a primeira de uma série de muitas outras que entremearam os períodos de intensa produção acadêmica, os quais, de acordo com del Río e Alvarez (1991), comporiam a década de “fúria criativa” (p. XVIII) de Vigotski, de 1924 a 1934. É provável que o fato de viver continuamente atormentado pelos ataques de tuberculose e pela chegada iminente da morte tenha feito o psicólogo se dedicar tanto a seu trabalho, a despeito mesmo de todas as

recomendações médicas de descanso e cuidados com sua saúde. Ele morreu em junho de 1934, aos trinta e sete anos.

### **3.2. A psicologia soviética nos anos vinte e a entrada de Vigotski nos meios acadêmicos**

Em janeiro de 1924, a agora União Soviética (Leningrado<sup>9</sup>, mais precisamente) era o palco do II Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia. De 1917 a 1923, foram suspensos os congressos usuais de psicologia e, com o fim da guerra civil, aos poucos as atividades acadêmicas podiam voltar ao normal.

Vigotski faria a sua “entrada” nos círculos acadêmicos da psicologia neste II Congresso, no qual estava instalada uma importante discussão sobre uma certa crise pela qual passava a psicologia soviética e, neste sentido, um confronto entre uma psicologia de tradição idealista e os novos enfoques objetivistas (Rivière, 1985).

Até 1923, a figura que dominara grande parte da psicologia soviética, estando inclusive à frente do Instituto de Psicologia de Moscou, era G. I. Chelpanov (1862-1936). Chelpanov era um legítimo representante da corrente espiritualista e idealista na psicologia; acreditava que a psicologia deveria, sim, estudar as leis da alma: a alma possuía entidade própria e era passível de ser estudada através da introspecção<sup>10</sup> experimental. A ele já se opunham, há já algum tempo, investigações como a de Ivan Pavlov e a de Vitor Bekhterev, representantes da Escola de Psicologia Experimental de São Petesburgo que buscavam desenvolver, de uma

---

<sup>9</sup> A cidade russa de São Petersburgo teve seu nome mudado, em 1914, para Petrogrado; no início da I Guerra Mundial, o Czar Nicolau II teria julgado o nome antigo "muito alemão". A partir de 1924, a cidade passou a se chamar Leningrado; e voltou a se chamar São Petesburgo em 1991, com o colapso da União Soviética.

<sup>10</sup> A *introspecção* foi um método elaborado pelo fisiologista e psicólogo alemão Wilhelm Wundt (1832-1920), o “pai” da psicologia científica. Wundt defendia a introspecção como um método experimental, o qual consistia em observação e análise sistemática dos próprios estados internos.



perspectiva objetivista, o programa fisiológico para a psicologia iniciado por I. M. Sechenov<sup>11</sup> (1829-1905).

Desta forma, no I Congresso Pan-Russo, em 1923, instalar-se-ia a polêmica entre Chelpanov e um de seus discípulos, Konstantin N. Kornilov (1879-1957). Kornilov foi um dos primeiros psicólogos a buscar, com o auxílio da teoria marxista, resolver os impasses entre a psicologia idealista e objetivista/materialista russas. A sua conferência no I Congresso já atacava seu “mestre” utilizando, inclusive, expedientes retóricos para deixar claro que o idealismo na psicologia ia de encontro à ideologia social no novo regime soviético (van der Veer & Valsiner, 1996). Provavelmente em decorrência disso, em 1923, ele sucedeu Chelpanov na comando do Instituto de Psicologia de Moscou.

Este era o cenário em que Vigotski se fez notar dentro da psicologia pela primeira vez em 1924. Entretanto, devemos aqui combater um mito que durante alguns anos foi cultivado por estudiosos de Vigotski e que, felizmente, já foi denunciado pelos teóricos mais cuidadosos (van der Veer & Valsiner, 1996; Blanck, 2003). Quando dizemos que ele apareceu “pela primeira vez”, podemos estar cultivando a idéia de que Vigotski era um desconhecido e modesto professor de uma pequena cidade distante dos centros intelectuais da Rússia (agora URSS); e que talvez tenha sido bastante inesperada sua apresentação no Congresso de Psiconeurologia e ainda totalmente abrupta a sua entrada na psicologia.

Definitivamente, não podemos considerar abrupta a entrada de Vigotski na psicologia. Podemos dizer, ao invés, que, apesar de sua formação acadêmica adversa, o contato com a literatura e o teatro e também seu trabalho como professor fizeram o futuro psicólogo se

---

<sup>11</sup> I. M. Sechenov é considerado o “pai” da fisiologia russa; Joravsky (1989) nos esclarece, sobre Sechenov, que a fisiologia deste teria engendrado a doutrina dos reflexos condicionados de Pavlov.

interessar por temas psicológicos. Nesta linha de argumentação, Blanck (2002) afirma que, interessado em resolver problemas da arte e da cultura, Vigotski foi sendo, aos poucos, atraído para o estudo da psicologia. Outro fator importante nos anos que precedem 1924 é o interesse por problemas pedagógicos. Questões como métodos de ensino de literatura e a educação de crianças surdas-mudas, cegas e com outros tipos de deficiências estavam na pauta do dia para nosso autor. Todas essas questões de pesquisa podem tê-lo impulsionado a montar seu laboratório de experimentos psicológicos ainda em Gomel, e podem tê-lo, também, levado às primeiras reflexões presentes na comunicação que apresentou, finalmente, no II Congresso de Psiconeurologia, em 1924.

Uma última reflexão interessante sobre essa “iniciação” na psicologia por Vigotski é feita por James Wertsch (1985). Wertsch extrapola a forma como este mito é desfeito argumentando que, talvez justamente porque não fosse psicólogo de formação, Vigotski tenha conseguido se aproximar dessa disciplina sem afetações e tenha conseguido pensá-la como parte de uma ciência social unificada. Do ponto-de-vista desse autor, no caso de Vigotski, *não ser* psicólogo fez toda a diferença. Finalmente, era improvável que Vigotski fosse alguém completamente desconhecido; afinal de contas, ele havia freqüentado duas universidades em Moscou e deve, durante os anos em que lá residiu, ter feito contatos e amizades significativas em meios acadêmicos; de alguma forma, não é inexplicável sua aparição neste Congresso.

Voltemos, agora, à situação da psicologia soviética nos anos vinte. A comunicação<sup>12</sup> feita por Vigotski, “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), foi, isto podemos afirmar, decisiva na guinada que sua carreira acadêmica teve. Em sua conferência, o professor aspirante a psicólogo criticava as abordagens dos reflexólogos Pavlov e Bekhterev,

---

<sup>12</sup> Vigotski apresentou, além desta, mais duas comunicações no congresso; ambas envolvendo questões referentes a sua experiência como professor em Gomel.

já aqui citados. A reflexologia admitia, naquela época, a existência de fenômenos subjetivos internos, mas negava a possibilidade de estudá-los cientificamente, já que todas as formas de comportamento (possíveis de estudo) seriam constituídas por reflexos condicionados. Usando os argumentos utilizados por Pavlov e Bekhterev, Vigotski declarou, em sua apresentação, a impossibilidade de tornar a reflexologia uma ciência independente: uma ciência que admitia a existência de estados propriamente subjetivos e que se recuse a estudá-los seria, no mínimo, uma ciência problemática. “Estudar o comportamento da pessoa sem a psique, como quer a reflexologia, é tão impossível quanto estudar a psique sem o comportamento” (1999aa, p. 26), declarou em sua polêmica palestra. Paralelo a essa crítica, o jovem Vigotski defendia a consciência como objeto de estudo da psicologia, e reivindicava uma nova metodologia para isto, que unificasse a ciência psicológica (esta proposta seria detalhadamente desenvolvida em seu artigo de 1926, “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”).

Ainda que tivesse inconsistências, é certo que a ousadia das propostas do pouco conhecido professor chocou a audiência; mas o mais importante é que suas proposições pareciam se adequar justamente à visão de psicologia de Kornilov. Vigotski propunha como abordagem científica o estudo monístico e objetivo da mente consciente (van der Veer & Valsiner, 1996), visão da qual o atual diretor do Instituto partilhava.

Assim, o sucesso da apresentação lhe valeu um convite do próprio Kornilov (à época, diretor do Instituto de Psicologia) para trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou. Após casar-se com uma conterrânea sua, Roza Smekhova, Vigotski partiu para Moscou e lá se instalou, no final de 1924.

Aí começa a vida de Vigotski oficialmente como psicólogo. Também presente no Congresso de 1924, Alexander R. Luria, um dos principais parceiros de Vigotski, juntou-se a ele imediatamente após a chegada em Moscou. A. N. Leontiev foi o terceiro psicólogo a formar o que ficou conhecido como *troika* - o trio de brilhantes psicólogos soviéticos que trabalharam na elaboração da teoria histórico-cultural. Essa *troika* parece ser mais uma criação de nossos tempos do que dos anos de vinte e trinta do século passado; mais um mito que o esforço de biógrafos e teóricos da psicologia soviética vem, aos poucos, tentando desfazer. Não só os três psicólogos tiveram, ao longo da vida de Vigotski e posteriormente, discordâncias, quanto havia também outros pesquisadores trabalhando no projeto de uma nova psicologia unificada.

### 3.3. Anos de “fúria criadora”<sup>13</sup>

Inicialmente instalado no porão do Instituto de Psicologia Experimental de Moscou (onde morou, com sua esposa, por cerca de um ano até o nascimento de sua primeira filha), Vigotski teria começado imediatamente a trabalhar, embrenhado no projeto de fundar uma nova psicologia, adequada às necessidades de uma nova sociedade soviética. A partir do decisivo ano de 1924, Vigotski estabeleceu duas metas básicas (Wertsch, 1985): a primeira era reformular a teoria psicológica segundo os preceitos do marxismo; e a segunda era desenvolver meios concretos de lidar com os imensos problemas com os quais se confrontava, àquela época, a União Soviética. Entre eles estavam o analfabetismo em massa e a falta de assistência a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Dentro dessa última preocupação, surgiu o interesse de Vigotski pela Defectologia, ramo da ciência soviética que tradicionalmente se ocupava do estudo de crianças com vários tipos de “problemas” ou “defeitos” - cegueira, surdez, mudez e ainda outros problemas físicos e atrasos no

---

<sup>13</sup> Expressão utilizada por del Río e Alvarez no prólogo à edição em espanhol das obras escolhidas de Vigotski (del Río & Alvarez, 1991)

desenvolvimento mental. Publicando seus primeiros artigos sobre a Defectologia a partir de 1925, ele foi o fundador e primeiro diretor do Instituto de Defectologia da Academia de Ciências Pedagógicas de Moscou.

O doutorado em psicologia, obtido por Vigotski em 1925, foi fruto da elaboração de um estudo no qual o autor relacionava a psicologia à crítica literária, o livro *Psicologia da Arte* (1999c). As origens desse escrito datam de aproximadamente 1915, note-se, quando Vigotski tinha apenas dezenove anos e redigiu a primeira versão de uma monografia em que analisava a principal tragédia de William Shakespeare (e tida convencionalmente como uma das principais obras da dramaturgia universal), *Hamlet*. Foi a partir de algumas idéias deste primeiro ensaio, terminado na época da universidade, *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* (1999b), que Vigotski redigiu o estudo que lhe daria o título de doutor em psicologia. Mais uma vez acamado por conta de um severo ataque de tuberculose, foi-lhe dispensada a apresentação pública do trabalho. Seu trabalho de doutorado reafirma os interesses na arte, em especial na literatura e no teatro, que acompanharam o psicólogo durante sua curta existência, interesses artísticos de alguma forma relacionados à psicologia e/ou à pedagogia.

Depois de sua chegada a Moscou, Vigotski dedicou-se a diversos tipos de ocupações, tais como: ministrar cursos e palestras sobre vários temas agora já mais ligados à psicologia e à pedagogia; conduzir pesquisas empíricas e sessões de diagnósticos clínicos; escrever, chefiar departamentos em várias instituições e fazer trabalhos editoriais, sendo que boa parte desses trabalhos exigia que fizesse viagens constantes. Datam aproximadamente dessa última década de Vigotski os escritos de introduções e prefácios a obras de importantes psicólogos ocidentais representantes das principais escolas de psicologia do início do século, e ainda de

alguns psicólogos soviéticos. Nestes escritos, de grande valor epistemológico, ficavam claros tanto a crítica que ele fazia à teoria e ao livro que prefaciava quanto o ponto-de-vista do qual ele enxergava a nova ciência psicológica. Atualmente também estão disponíveis (em português inclusive) transcrições de palestras que teria dado em diversos institutos, em Moscou e outras cidades soviéticas. Data de 1926 a elaboração do artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah), redigido, quando de um severo episódio de tuberculose que o condenou a quase um ano de cama, num leito de hospital ao lado de vários outros enfermos.

Os primeiros anos de sua vida como psicólogo em Moscou corresponderam também aos primeiros anos que sucederam a Revolução Russa, mais precisamente após a guerra civil que devastou o país até 1922. Os anos vinte foram uma época de relativa tranqüilidade para Vigotski pensar e produzir. É claro que a Revolução havia trazido mudanças e agitação; Graham (1993) declara que a Revolução Russa foi provavelmente a única (dentre as revoluções do século XX) a trazer, em seu bojo, um novo sistema também cognitivo e epistemológico radical. Elevado à categoria de uma filosofia da ciência, o marxismo tornou-se, especificamente na União Soviética, uma forma de conhecer e interpretar o mundo natural. E Vigotski parecia estar genuinamente comprometido com uma teoria da mente que ajudasse a construir o novo homem soviético; o período em que pesquisou e escreveu é descrito por Graham (1993) como a fase autêntica da influência do materialismo dialético sobre os cientistas. Certamente, o marxismo tornar-se-ia, ainda, justificativa para uma visão dogmática, calcificada e dominadora da ciência e da política, mas isso começaria a se manifestar alguns anos mais tarde. Infelizmente, é por esta etapa dogmática que o marxismo como filosofia científica tornou-se conhecido no ocidente; a maioria dos teóricos a que tivemos acesso fazem questão de frisar que Vigotski pertence a outra categoria de “marxista”: aquela categoria de

pensador que, principalmente durante os anos vinte, enxergou o marxismo como um sistema de pensamento inovador que poderia, se utilizado corretamente, auxiliar o desenvolvimento de teorias criativas sobre a natureza física e humana (Graham, 1993).

Sob o governo do ditador Joseph Stalin, efetivamente no poder a partir de 1929, o cerco ideológico foi se estreitando aos poucos. A partir de 1928, Vigotski publicou os primeiros textos que representavam sua tentativa de elaborar uma nova teoria psicológica: a teoria histórico-cultural. Um dos pontos centrais dessa teoria, que Vigotski propunha junto com seus colaboradores, era que as funções psicológicas superiores humanas seriam determinadas pelo contexto histórico-cultural; eles concluiriam ainda que esse processo de determinação seria culturalmente mediado, sendo a linguagem o principal instrumento mediador. Com o estreitamento ideológico que os anos governados a mão-de-ferro por Joseph Stalin trouxeram, algumas afirmações de Vigotski deixaram de ser bem aceitas. O próprio Stalin, que dava um grande valor a si mesmo enquanto cientista, julgava prontamente teorias científicas que não se ajustassem perfeitamente a sua noção de ciência e de sociedade, e deu início, já em 1934, a um reinado de terror ideológico<sup>14</sup> no qual muitos cientistas foram encarcerados e executados.

Nos anos de vida de Vigotski, a situação não era tão grave. Entretanto, como lembram Rosa e Montero (2002), historiando a obra do psicólogo soviético, a filosofia marxista defendida pelos dirigentes da nova sociedade soviética requeria o desenvolvimento de uma nova concepção de ciência. O problema era que se esperava a construção rápida de um estado socialista e nem sempre se permitia a elaboração adequada de um instrumental teórico suficientemente amadurecido para isso; a ciência deveria estar um passo à frente de tudo,

---

<sup>14</sup> Provavelmente o exemplo mais famoso- e mais catastrófico – do dogma científico prejudicando a sociedade soviética foi o “cientista” Trofim Lysenko (1898-1976). Durante mais de vinte anos, a partir de meados dos anos trinta, Lysenko, por meio de uma peculiaríssima interpretação do materialismo dialético aplicado à biologia, dominou a agricultura na URSS e fê-la retroceder imensamente; Lysenko foi responsável também por condenar a genética como disciplina científica, acusando-a de burguesa.

prescrevendo o caminho que a sociedade deveria percorrer. Porquanto Vigotski afirmasse que não existiam “manuais” de psicologia dialética e que essa estrada ainda deveria ser construída e trilhada, seu programa começou a ser criticado, a partir dos anos trinta, por ser demasiado idealista e estar distante da realidade prática. Também por não hesitar em utilizar contribuições teóricas de autores ocidentais (não marxistas, a saber), o psicólogo tornou-se alvo de crítica, e chegou a ser acusado de ser “direitista”. Em contrapartida, Vigotski criticava tentativas de criar uma falsa psicologia marxista - no caso, ele criticava cientistas que juntavam e “costuravam” referências marxistas e esperavam que estas embasassem suas proposições no campo da psicologia ou mesmo das ciências humanas, é o que veremos no capítulo seguinte. Monteiro e Rosa (2002) nos lembram de que só um exame detalhado da história do stalinismo nos faria entender por que razão o psicólogo teria sido rejeitado pelo sistema que ele próprio servira.

Em 1930, Vigotski e Luria publicaram *Estudos sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança* (1997), no qual comparavam as linhas de desenvolvimento de funções psicológicas do macaco, do homem primitivo e da criança. Eles alegavam que os três estariam em estágios diferentes do desenvolvimento cultural. Este livro é um marco na teoria histórico-cultural. Impulsionados por essa idéia, os psicólogos planejaram uma viagem ao Uzbequistão, uma das repúblicas localizadas no sul da União Soviética à qual os planos de coletivização da economia não haviam chegado completamente. A idéia da expedição era estudar os processos psicológicos superiores de povos em estado de “transição”, ou seja, no momento de mudanças culturais que ocasionariam também uma mudança cognitiva. Os resultados desta pesquisa transcultural chefiada por Luria (o estado de saúde de Vigotski certamente não lhe permitiu juntar-se à equipe) foram alvo de duras críticas. Ao concluir que os sujeitos membros de localidades que estavam em processo de coletivização tinham



dificuldades com o pensamento abstrato, Luria provocou a ira de ideólogos defensores do regime soviético. Seus resultados foram considerados pseudocientíficos, anti-marxistas e reacionários; a publicação definitiva da pesquisa foi adiada por conta de seu conteúdo “anti-revolucionário” e acabou ocorrendo apenas na década de setenta (Luria, 1994).

Em busca de um ambiente de trabalho mais tranqüilo, Vigotski e seus parceiros aceitaram, em 1931, um convite de trabalho no recém-fundado Departamento de Psicologia de uma instituição em Kharkov, na Ucrânia. Na mesma época, ele se matriculou novamente na universidade, dessa vez, para tentar concluir o curso de medicina que há vários anos havia largado. Seus interesses em distúrbios de origem neurológica do pensamento e da linguagem fizeram-no voltar-se à medicina, embora ele não tenha concluído o curso.

Seus últimos anos de vida foram de atividade cada vez mais intensa, e quanto mais sua saúde se deteriorava, mais ele parecia apressar-se. Revezando-se entre as exaustivas viagens para as cidades onde trabalhava, os novos estudos na universidade e a elaboração de seus artigos, é possível que Vigotski tenha percebido que corria contra o tempo. O último capítulo de “Pensamento e Linguagem”<sup>15</sup> (2001) foi ditado pelo psicólogo, já deitado, em sua casa, após sofrer uma hemorragia um mês antes de falecer.

Em junho de 1934, após mais uma hemorragia, Vigotski faleceu no hospital, aos trinta e sete anos. Alguns de seus manuscritos foram publicados logo após sua morte, mas sua obra foi banida da União Soviética em 1936, no contexto de uma perseguição mais sistemática a intelectuais por parte do regime stalinista. Em 1956, após vinte anos de condenação, teve

---

<sup>15</sup> A publicação integral deste livro no Brasil, traduzida diretamente do russo por Paulo Bezerra, recebeu o título de “A Construção do Pensamento e da Linguagem”.

início a reedição da obra vigotskiana (Stalin morreu em 1953). A publicação de *Pensamento e Linguagem* no ocidente teve lugar, pela primeira vez, em 1962.

Pode-se especular bastante quanto aos rumos que tomariam os planos teóricos elaborados por Vigotski. Se ele não tivesse vivido apenas trinta e sete anos, talvez nem pudéssemos considerar tão tardia sua entrada, aos vinte e sete anos, no mundo da psicologia acadêmica. O fato é que esta sua vida acadêmica durou precisos dez anos; e dez anos para reconstruir a psicologia e proceder, através dela, à reestruturação completa da sociedade soviética é muito pouco tempo. Embora tenha sido criticado, no fim da vida, por ser “anti-marxista” e pensar na contramão do progresso social russo, Vigotski e sua teoria são fruto tanto da turbulenta história da Rússia, quanto do que acreditamos ser a teoria marxista tal qual assimilada pela intelectualidade daquele país. Como já dissemos no início do capítulo, falar que uma coisa é “fruto” da outra não deve, aqui, implicar uma idéia de determinação.

#### 4. A CRISE NA PSICOLOGIA

A partir da contextualização que fizemos no capítulo anterior, vislumbramos algo da relação de Vigotski com o marxismo, com a Rússia e a União Soviética, com a psicologia e com outras “humanidades”. Foi nosso objetivo mostrar um Vigotski complexo, heterogêneo, por vezes disperso ou contraditório e, com o perdão do sentido pejorativo da palavra, pretensioso. Re-elaborar por completo a psicologia não era tarefa de pouca monta, e Vigotski e seus colaboradores declaravam tal objetivo publicamente. Aqui podemos chamar atenção para um tópico ao qual já nos referimos anteriormente: nesta audaciosa busca por uma psicologia dialética, encontrava-se o Vigotski *metodólogo*, sobrepondo-se ao *psicólogo*<sup>16</sup>. Em nossa opinião, o texto mais representativo desse Vigotski metodólogo e que se situa, nas palavras de Rivière (1985), numa posição intermediária entre seus primeiros escritos e os trabalhos em que já formulava mais claramente os primeiros postulados de uma nova teoria da origem social das funções psíquicas superiores, é intitulado “O Significado Histórico da Crise na Psicologia: uma investigação metodológica” (Vigotski, 1999ah). A representatividade deste artigo é evidenciada, para nós, pelo fato de este ser, entre os textos do autor dedicados à análise da psicologia do início do século XX, o de maior densidade teórica, e o que aborda o escopo mais largo de problemas metodológicos e filosóficos. Também diversos autores, quando buscam uma reflexão teórica sobre as contribuições de Vigotski e não apenas utilizam o seu referencial numa investigação empírica, situam “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” como um texto fundamental<sup>17</sup> no conjunto do pensamento vigotskiano. Aqui procederemos à análise do conteúdo deste artigo, na tentativa de reconstituir as preocupações metodológicas de Vigotski.

---

<sup>16</sup> Esta suposta “divisão” entre um Vigotski psicólogo e um metodólogo foi explicitada por Davydov e Radzikhovskii no artigo “Vygotsky’s theory and the activity-oriented approach in psychology”, no livro editado por James Wertsch, *Culture, Communication and Cognition: Vygotskian Perspectives*, em 1985.

<sup>17</sup> Os autores a que nos referimos são utilizados na feitura deste trabalho: Davydov & Radzikhovskii, 1985; Rivière, 1985; e van der Veer e Valsiner, 1996.

#### 4.1. Crítica da razão psicológica<sup>18</sup>

“O Significado Histórico da Crise na Psicologia” foi terminado, ao que tudo indica, no verão de 1926. Foi a época em que Vigotski esteve acamado por conta da tuberculose; consta inclusive que foi no hospital que o psicólogo redigiu o texto que, na edição em português da Martins Fontes, tem aproximadamente 200 (duzentas) páginas. O volume publicado pela editora constitui-se numa coletânea de textos intitulada *Teoria e Método em Psicologia* (1999a), sendo “O Significado Histórico...” o maior e talvez o mais importante destes artigos. Este foi um dos escritos de Vigotski que mais demorou para vir à tona oficialmente; embora seja citado por psicólogos soviéticos nos anos 30, o manuscrito foi perdido durante a II Guerra Mundial, encontrado nos anos sessenta e só veio a ser publicado, finalmente, em 1982. Assim, apesar de tardiamente descoberto, o artigo é, de acordo com importantes comentadores de Vigotski (van der Veer & Valsiner, 1996), uma valiosa forma de nos acercarmos do posicionamento de nosso autor em relação aos problemas filosóficos e epistemológicos que ele considerava relevantes para a psicologia no início do século XX. É curioso saber que podemos delinear estas posições quando conhecemos o conteúdo do artigo: Vigotski procura, em “O Significado...”, diagnosticar a crise que se instalara na Psicologia no início do século, e faz isto com o auxílio da história desta ciência.

A crise que Vigotski identifica na ciência psicológica não é exatamente uma novidade, dizem Valsiner e van der Veer (1996), se prestarmos atenção na história da psicologia e atentarmos para os autores que, antes do psicólogo russo, já haviam feito tal diagnóstico. Especificamente um importante autor tratou deste tema em momento muito próximo ao período em que Vigotski elaborou o artigo: o gestaltista Karl Bühler publicou, em 1927, um livro chamado

---

<sup>18</sup> A expressão “crítica da razão psicológica” é utilizada por Iarochevski e Gurguenidze, no epílogo da compilação de textos de Vigotski *Teoria e método em psicologia* (1999).

*Die Krise der Psychologie* [A Crise da Psicologia] (1927). Já o pensador marxista Georges Politzer morreu antes de concluir seu projeto de crítica das três principais escolas psicológicas e da reconstrução da psicologia de um ponto-de-vista marxista, concluindo apenas o volume de crítica da psicanálise (Politzer, 2004). Ainda que o nosso psicólogo não tenha sido exatamente o pioneiro no diagnóstico de uma possível crise na psicologia, Iarochovski e Gurguenidze (1999, p.497), em epílogo à publicação dos textos de caráter metodológico do autor, afirmam, no entanto, que foi Vigotski quem provavelmente contribuiu com a primeira tentativa coerente de explicar a crise da ciência psicológica do ponto-de-vista do marxismo; eles afirmam que isto é, de fato, uma novidade. De qualquer forma, o fato de diagnosticar uma crise na psicologia sugere que Vigotski era um cientista minimamente preocupado com as origens e o futuro de sua ciência.

A teoria marxista está na base tanto do diagnóstico que o autor faz da crise quanto da sua proposta de unificar a ciência da psicologia através de uma nova metodologia (marxista, a saber). Ainda falaremos um pouco mais sobre este forte viés marxista; o que é importante, neste momento, é compreender que Vigotski acreditava e defendia, em seu artigo, que o estudo da história da psicologia enquanto ciência demonstraria a necessidade de uma nova psicologia unificadora e uma nova metodologia a ela integrada.

O entendimento de que o estudo da história da ciência estaria amparando uma espécie de diagnóstico metodológico revela-se, em certa medida, logo no início do artigo. Ali ele afirma que pretende empreender uma investigação metodológica baseada no “estudo histórico das formas concretas que a ciência foi adotando e na análise teórica dessas formas para chegar a princípios generalizadores, comprovados e válidos” (1999ah, p.210). Ele fala, ainda, em analisar a situação dos sistemas psicológicos da época do ponto de vista da história da ciência,

quer dizer, pensando nestes sistemas como “como acontecimentos concretos, historicamente vivos” (p.210). A partir de suas palavras, podemos ver que Vigotski de modo algum considerava a história como uma coleção de fatos passados; sua visão de história como algo vivo e em movimento é não apenas muito cara aos pressupostos de sua teoria histórico-cultural como também declaradamente inspirada em pressupostos marxistas. “(...) não reconhecemos outra história a não ser a marxista” (p. 415), afirma o psicólogo para, em seguida, declarar-se quanto à relação entre psicologia e marxismo: “(...) não podemos dizer: ‘psicologia marxista’, no sentido em que se diz: psicologia associativa, experimental, empírica, eidética. A psicologia marxista não é uma escola entre outras, mas a única escola verdadeira como ciência: outra psicologia, afora ela, não pode existir” (p.415).

O argumento inicial de Vigotski é o de que não existe ainda uma psicologia geral, unificada. Àquela época existiam, sim, muitas correntes em psicologia e cada uma delas elegia uma categoria definida como seu objeto de estudo. O psicólogo toma como exemplos três grandes escolas psicológicas: a psicologia subjetivista tradicional, a reflexologia e a psicanálise. O fenômeno psíquico, o comportamento e o inconsciente seriam, respectivamente, os objetos de estudo específicos destas escolas. Em sua opinião, um fato qualquer seria expresso por cada um desses sistemas de forma tão diferente que isso acarretaria, na verdade, em *fatos* diferentes; certamente isto implicaria também em diferentes métodos de investigação. Desta forma, o acúmulo dos fatos em cada sistema daria origem, com o passar do tempo, a três generalizações e classificações distintas; e gradualmente veríamos nascer três ciências diferentes (pp.213, 214) – um quadro, a nosso ver, de fragmentação da psicologia.

Outros fatores responsáveis eram, ainda, responsáveis por essa crise, e isso foi apontado não apenas por Vigotski. Um outro problema era que a psicologia não parecia se ajustar ao

método das ciências naturais. Ao contrário destas últimas, a psicologia era, ainda, uma “pseudo-ciência”, com correntes de pensamento diferentes que não dialogavam entre si, e onde também não era possível aplicar um método de investigação herdeiro, em certa medida, do positivismo, tradição importante no início do século XX. A objetividade e a neutralidade eram imprescindíveis em ciência, e a psicologia parecia não lidar com fenômenos que se submetessem a estes critérios de cientificidade. Um grande responsável por este problema, para Vigotski, era a tradicional dicotomia filosófica entre mente e corpo.

Neste sentido, a crítica mais severa de Vigotski em relação à ciência e à filosofia da época era justamente a sua “herança” cartesiana – o dualismo de substância que, em sua opinião, fazia a ciência psicológica se fragmentar em correntes teórico-práticas que pouco dialogavam entre si<sup>19</sup>. Este dualismo era a perspectiva predominante na ciência e na filosofia tradicionais no Ocidente, e era o grande responsável, para Vigotski, pela fragmentação histórica da ciência psicológica. Nas palavras do próprio autor (Vigotski, 1999ah), a psicologia havia sido dividida entre uma corrente dita científico-natural materialista (da qual faziam parte, entre outras correntes, o behaviorismo e a reflexologia), e uma corrente espiritualista (por exemplo, a psicologia descritiva de Dilthey e a psicanálise, que acreditavam na irredutibilidade do fenômeno psíquico). Isto significa que a divisão era, respectivamente, entre uma corrente que negava o psíquico ou subjetivo (de natureza não-material) em favor de uma suposta neutralidade e objetividade, e outra corrente que, por acreditar na existência de uma substância não-material (a subjetividade, o inconsciente ou outro fenômeno psíquico), não se submetia aos parâmetros de uma ciência empírica, que lidasse com fatos reais de forma

---

<sup>19</sup> Apesar de Vigotski de alguma forma “responsabilizar” a teoria de Descartes pelos problemas diagnosticados na crise, é quase unânime entre psicólogos que foi a partir do paradigma cartesiano que a constituição do sujeito e, conseqüentemente, do espaço psicológico (Figueiredo, 1996), é possível. Talvez seja o caso de um feitiço que se vira contra o feitiço quando afirmamos que Descartes está na raiz dos problemas de um campo científico que ele mesmo teria ajudado a instaurar.

objetiva e pudesse mensurá-los e controlá-los. Para o psicólogo, este era precisamente o quadro da crise na psicologia do início do século XX.

Sabemos que é extremamente complicado julgar um sistema filosófico da magnitude do de René Descartes; o que podemos fazer é, com algum cuidado, lidar com o aspecto de seu pensamento que é mais comentado na filosofia e ciência ocidentais hoje, visto não ser à toa que nos referimos a um “paradigma” cartesiano. Poderíamos nos arriscar a dizer que a primeira e segunda meditação de Descartes, provenientes das “Meditações sobre a Filosofia Primeira” (1988), instauram alguns dos pilares epistemológicos da modernidade. Descartes argumenta, em suas meditações, em favor da distinção entre corpo e alma e, logo em seguida, acerca da natureza do espírito humano, um “eu”, uma instância interior e privada que conhece a si mesma através da introspecção. A instalação da interioridade é fundamental epistemologicamente para conectar a noção de conhecimento à de subjetividade, e o filósofo francês é um dos principais responsáveis por esta ligação. Interessa-nos especificamente o aspecto de sua doutrina que dicotomizava mente e corpo, atribuindo a cada uma destas substâncias naturezas diferentes. Especificamente, no artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, Vigotski não responsabiliza Descartes diretamente pelos problemas da psicologia, embora o dualismo mente-corpo fosse um problema que o interessou bastante durante anos (van der Veer & Valsiner, 1996, p. 157); a discussão aprofundada do dualismo de Descartes está presente em um trabalho posterior sobre as emoções (o trabalho ainda não está publicado no Brasil).

Em seguida, ainda nas primeiras seções do artigo, Vigotski aproveita para fazer algumas reflexões quanto ao próprio funcionamento da ciência.



Ele acreditava no caráter dinâmico do conhecimento científico; para ele, existia uma regularidade na mudança e no desenvolvimento das idéias e também no aparecimento e morte dos conceitos (1999ah, p.219). Isso é explicado cientificamente se relacionarmos a ciência a alguns fatores (p.219):

1. o substrato sócio-cultural da época;
2. as leis e condições gerais do conhecimento científico;
3. e as exigências objetivas que a natureza dos fenômenos que são objetos de estudo coloca ao conhecimento científico no estágio atual da investigação.

Van de Veer e Valsiner (1996, p.160) afirmam que a visão de Vigotski dos determinantes da ciência seria um misto de internalismo e externalismo. De fato, Vigotski chama a atenção para a lógica interna da ciência e das condições objetivas que ela nos impõe no processo de investigação, mas também nos lembra de que a ciência é um empreendimento que ocorre no curso da história da sociedade. De qualquer forma, talvez Vigotski fosse cuidadoso o suficiente para não se posicionar radicalmente num dos extremos desta polêmica dicotomia na história da ciência - isto é, se ela realmente existisse enquanto tal no início do século XX. Entretanto, sabemos que alguns de seus posicionamentos epistemológicos o associam diretamente com alguns filósofos e historiadores da ciência específicos, é o que veremos agora. Em “O Significado Histórico...” (1999ah), Vigotski afirmará, um tanto genericamente, que tudo que é descrito como fato já é teoria e que, ao mesmo tempo, por mais abstrato que seja um conceito, ele já encerra, em si, um grau de realidade. Ele procurará, neste contexto, dissolver e reposicionar o que ele enxergava como falsas antinomias, a exemplo de “conceito X fato” ou “realidade X pensamento” (pp. 246-248). Por sua vez, o bastante famoso Thomas Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1987), tentou desfazer o que ele pensava

ser uma falsa oposição entre as noções de descoberta (novidade de fatos) e invenção (novidade concernente a teorias). Invenção e descoberta não seriam eventos isolados porque a descoberta ou assimilação de um fato novo (no caso, no processo de investigação científica) pressuporia um ajustamento da teoria a este, ou seja, o que temos como fato é algo contingente a leis e condições gerais de conhecimento científico e também a valores históricos e culturais. Certamente, este pequeno ponto de convergência não é suficiente para traçarmos um paralelo significativo entre Vigotski e Kuhn. No entanto, para Iarochevski e Gurguenidze (1999), essa aproximação se veria, principalmente, na própria idéia da natureza das crises na ciência e o caminho para solucioná-las. Vigotski dizia: “A crise é destruidora, mas benéfica: nela se oculta o auge da ciência, seu enriquecimento, sua força, e não a impotência e a falência” (p.324); para depois acrescentar que “(...) a criação da psicologia geral não é uma questão de acordo, mas de ruptura” (p. 336). É sabido que Kuhn, em sua clássica teoria sobre os paradigmas científicos, acreditava que a transição entre um paradigma e outro se daria através de uma “revolução científica”, gerada por fenômenos não explicados pelo paradigma vigente – ocasionando uma crise. Angel Rivière (1985, p.34), por sua vez, arrisca uma comparação entre o psicólogo soviético e o filósofo da ciência Paul Feyerabend, quando este se referiu a sistemas científicos “incomensuráveis” - é o que Vigotski diria de escolas como a psicanálise e a reflexologia. É provável, no entanto, que a semelhança termine aí, visto que a “obsessão” de Vigotski pelo método dialogaria muito pouco com o antimetodismo do filósofo austríaco. Em seu famoso *Contra o método* (1989), Feyerabend defenderia justamente que o empreendimento científico seria complexo demais para que fosse guiado por um dado conjunto de regras metodológicas.

Especificamente, Vigotski tentava reposicionar as dicotomias às quais nos referimos no parágrafo anterior defendendo uma relação de natureza dialética entre os termos. Isso nos

remete a outra orientação teórico-metodológica fortemente presente em sua obra e que pode, também, ser considerada um ponto-de-vista “externalista”: o marxismo.

Embora este seja um tópico polêmico nas atuais reflexões sobre a obra vigotskiana, a maioria dos autores aos quais temos tido acesso (Bakhurst, 1991; Blanck, 2002; Newman e Holzman, 2002; van der Veer & Valsiner, 1996; Wertsch, 1985) defendem uma forte orientação marxista no psicólogo. No artigo “O significado...”, Vigotski já deixa claro que a psicologia geral que ele propõe, em resposta à crise por ele diagnosticada, é uma psicologia dialética, antes de tudo (p. 393): “A dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral”. A idéia era que o método marxista embasasse essa nova ciência psicológica, rompendo com o quadro da época de fragmentação e crise.

#### **4.2. Marxismo e materialismo dialético**

Temos uma idéia do peso que há em simplesmente pronunciarmos a palavra “marxismo”. Este peso existe por muitas razões: pelo que a História enquanto disciplina nos mostrou ao longo do século XX e pelo que nossos próprios olhos e ouvidos têm sistematicamente presenciado em termos de ascensões e declínios, guerras, disputas e impasses ético-políticos de um sem-número de sociedades e de seus específicos modos-de-produção – para utilizar um termo marxista bastante familiar. Outra razão são os muitos sentidos, tendências, contradições e dissidências que são abarcados pelo próprio termo “marxismo”, termo que se torna impreciso justamente pela quantidade de significados que guarda. Por isso, é necessário, aqui, separar joio de trigo, com toda a parcialidade que isto venha a requerer; é preciso, assim, distinguir, entre tantos “marxismos”, aquele ao qual estamos nos referindo.

Quando falamos da influência ou da relação de Vigotski com o marxismo, falamos, primeiramente, do marxismo tal como interpretado por intelectuais soviéticos entre o fim do século XIX e início do XX. Graham (1993) nos lembra de duas grandes e diferentes interpretações da escola de pensamento fundada por Karl Marx: no ocidente, ela teria sido interpretada genericamente como uma teoria da economia e da sociedade; na União Soviética ela teria, no entanto, assumido dois sentidos complementares: o *materialismo histórico*, que é considerado uma teoria do desenvolvimento social, e o *materialismo dialético*, que seria, e é o que bem nos interessa, uma filosofia da ciência. Talvez esta classificação de Graham simplifique a presença do marxismo, no oriente e especialmente no ocidente, onde autores de tradições distintas como Gramsci, Sartre, Benjamim e Lukács, por exemplo, desenvolveram interpretações importantes do marxismo no século XX. Bottomore (1996), em verbete sobre o marxismo, lembra-nos que, no estágio inicial que sucedeu a morte de Marx, o capitalismo na Rússia mal havia começado a se desenvolver, e que a doutrina marxista era exposta, basicamente, como uma visão de mundo filosófica (p. 446). O marxismo só passaria a se desenvolver como uma ideologia oficial do país a partir da Revolução Russa, a partir de 1917, sob o comando de Lenin e, posteriormente, de Stalin. O fato é que o termo *materialismo dialético* é uma expressão cunhada por Gueorgui Plekhanov (1856-1918), pensador considerado o “pai” do marxismo russo. Faz sentido, assim, dizer que o materialismo dialético enquanto uma filosofia da ciência é uma das peculiaridades do marxismo russo. O próprio Vigotski, em seu artigo em 1926, já se posicionava quanto a esses problemas: “Não se deve chamar de marxista tudo que se relaciona com o marxismo e, de fato, na maioria dos casos, assim se entende, sem mais explicações” (1999ah, p. 412). Ele segue, no mesmo comentário, afirmando ainda que alguns psicólogos tendem, erroneamente, a associar imediatamente o marxismo ao materialismo dialético.

Assim, o marxismo ao qual nos referimos terá, portanto, no materialismo dialético seu ponto de tensão e sua relação estreita com o trabalho metodológico de Vigotski. Aqui não lidaremos com a doutrina materialista dialética posterior à Revolução Russa e ao domínio stalinista em especial, visto que os textos de Vigotski a que fazemos referência datam, em maioria, de até meados dos anos vinte. Quando falamos em dialética na tradição marxista, Bhaskar (1996) distingue três sentidos básicos: o método, ilustrando uma dialética epistemológica; uma dialética ontológica, ou seja, um conjunto de leis que governa uma realidade; e uma dialética referente ao movimento da história. Ao longo de nossas reflexões sobre Vigotski, vislumbramos, em alguns momentos, traços desses três sentidos; mas parece que o principal deles é o primeiro, o significado metodológico. Neste sentido, o autor defende, em “O Significado Histórico...”, que “o conhecimento da metodologia e história das ciências nos faz ver a ciência como um sistema vivo, em constante evolução ou avanço, de fatos demonstrados, leis, suposições, estruturas e conclusões, que se completam ininterruptamente, são criticados, comprovados, rejeitados parcialmente, interpretados e organizados de novo” (p.318). Ele arremata, coerentemente, referindo-se a esta como uma compreensão dialética da ciência. Resta-nos, agora, esclarecer melhor o que entendemos por materialismo dialético.

Graham (1987, pp. 62, 63; 1993, p. 102) sintetiza os preceitos deste que representaria uma filosofia natural para os russos, e transcrevemos<sup>20</sup> aqui aqueles que se aproximam mais da discussão filosófica direcionada à psicologia vigotskiana:

1. O mundo é material;
2. O mundo material forma um todo inter-conectado;

---

<sup>20</sup> Transcrevemos aqui os outros preceitos formulados por Graham (1993, p. 102), em livre tradução nossa, para contextualizar melhor a filosofia do materialismo dialético. 1. o mundo é material e feito do que a ciência atual denominaria como matéria-energia. 2. A matéria é infinita em suas propriedades, e portanto o conhecimento humano nunca estará completo. 3. O movimento presente no mundo é explicado por fatores internos, e portanto nenhum agente externo é necessário para realizar este movimento.

3. O conhecimento do homem deriva da realidade natural e social de existência objetiva, e o ser determina a consciência;
4. O mundo está em mudança constante;
5. As mudanças na matéria ocorrem de acordo com determinadas leis;
6. As leis do desenvolvimento da matéria ocorrem em diferentes níveis correspondentes a áreas de interesse distintas na ciência; isto significa que é impossível explicar um organismo biológico a partir, por exemplo, de leis físico-químicas.
7. O conhecimento do homem aumenta com o tempo e por conta de sua utilização prática, este “progresso”, no entanto, ocorre através da acumulação de verdades relativas e não absolutas.

Estes postulados indicadores do conhecimento do mundo natural formam, de forma simplificada, a face do materialismo dialético russo, embora muitos outros autores, afirma Graham (1993), utilizassem estes princípios mesmo no ocidente sem se declararem marxistas ou materialistas dialéticos. Assim, a crescente demanda soviética por uma psicologia de orientação marxista está intimamente relacionada ao pensamento filosófico-científico que acabamos de descrever. Podemos ter uma idéia dessa relação quando nos debruçamos, por exemplo, sobre a proposta do psicólogo Konstantin Kornilov. Chefe do Instituto de Psicologia de Moscou a partir de 1923, ele foi um dos principais responsáveis pela tentativa de elaborar uma psicologia marxista. Kornilov foi também quem convidou Vigotski para trabalhar em Moscou quando de sua aparição no congresso de Psico-Neurologia em 1924 (vide capítulo três, seção 3.2.) em São Petersburgo. Embora Kornilov não tenha conseguido articular sua teoria reatológica o suficiente com o marxismo, ele teria conseguido, segundo Rivière (1985), enunciar as premissas fundamentais do que seria uma genuína psicologia de orientação marxista. Essas premissas seriam, diz Rivière (1985, p. 26):

1. Monismo materialista, considerando as funções psíquicas como propriedades da matéria organizada;
2. Reconhecimento da irreducibilidade dos fenômenos psíquicos a fisiológicos;
3. Reconhecimento da natureza social das reações humanas e do idealismo da psicologia individual, incapaz de dar conta da influência das classes sociais;
4. Reconhecimento da natureza sempre em mudança da realidade física e social, da interconexão universal dos fenômenos e do caráter emergente das sínteses dialéticas.

É possível perceber como as premissas de um a sete do materialismo dialético enumeradas por Loren Graham se articulam com as de um a quatro atribuídas por Angel Rivière a Kornilov. Emergem aí, como uma espécie de síntese destes postulados, as idéias de monismo material (em contraposição a um dualismo mente-corpo), de uma certa determinação do social na constituição de fenômenos psíquicos em princípio individuais, da irreducibilidade do psíquico ao físico (referindo-se à idéia de “níveis” de desenvolvimento de fenômenos e sua possibilidade de conhecimento) e ainda de um constante movimento ou mudança na natureza, na história e na sociedade.

Mantendo essa síntese em mente, vejamos a solução marxista de Vigotski no artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (Vigotski, 1999ah).

#### **4.3. Marxismo, Vigotski e método**

Embora Vigotski elogiasse o diagnóstico de Kornilov quanto à crise da psicologia (1999ah, p. 322) e quanto a sua terceira via alternativa - a psicologia marxista-, ele afirmava, também, que

esse diagnóstico era apenas o início de um caminho metodológico. O problema é que Kornilov pretendia articular os pressupostos da psicologia marxista com a sua própria proposta teórica, a *reatologia*. Este certamente não é o contexto apropriado para entrar em detalhes de mais uma teoria; ainda assim, é necessário dizê-lo aqui, Vigotski via na reatologia uma semelhança de procedimentos e objeto com o behaviorismo norte-americano e a reflexologia de Pavlov. Um maior esclarecimento de Rivière (1985) nos revela que Kornilov, em sua proposta reatológica, teria uma concepção passiva do fenômeno psíquico, uma concepção materialista mecanicista. Esta crítica contradiz o postulado número quatro trazido pelo próprio Kornilov: a irreducibilidade do psíquico ao físico. Assim, embora Kornilov tenha sido bem-sucedido em formular as premissas de uma psicologia de orientação marxista, ele teria fracassado, do ponto-de-vista de Vigotski, em integrar esses preceitos a sua própria orientação teórica.

Talvez Kornilov, recém alçado ao posto de direção do Instituto de Psicologia de Moscou, quisesse mostrar seu talento e diligência enquanto cientista, ao definir tão explicitamente o caminho a ser imediatamente seguido pela ciência psicológica naqueles anos vinte. O fato é que sua prescrição à psicologia futura não teve apoio intelectual do jovem Vigotski. Um dos argumentos de nosso autor era justamente esse: o de que a psicologia de orientação marxista que eles defendiam não dispunha ainda de sua própria metodologia, e querer encontrar em determinadas obras uma fórmula pronta da psique seria como exigir “a ciência antes da própria ciência” (1999ah, p. 358). Ainda sobre Plekhanov e outros marxistas, Vigotski afirma que eles “não dispõem, não só de uma metodologia acabada, mas nem mesmo do germe dela: esses autores não tinham se colocado esse problema e suas manifestações sobre o tema têm antes de mais nada um caráter não-psicológico (...)” (p. 359). Vemos, então, que, se a partir dos anos trinta Vigotski foi alvo de críticas por supostamente não se adequar às necessidades



do regime soviético (vide capítulo três), talvez isto ocorresse justamente por ele se recusar a fazer “ciência antes da própria ciência”.

Ao invés disso, Vigotski propunha, a partir de seu diagnóstico da crise, a elaboração de uma psicologia geral. A existência de várias escolas, a exemplo da Gestalt, o behaviorismo, a psicanálise e a reflexologia dava origem, como dissemos no início deste capítulo, a uma luta não entre tendências dentro de uma mesma ciência, mas entre ciências distintas, que se excluíam mutuamente. Estas escolas, ao tentarem definir uma psicologia geral, tenderiam a “criar uma só psicologia” (p. 326), ou seja, a unificar a ciência psicológica do ponto-de-vista exclusivo de seu próprio sistema teórico; e isto definitivamente não era a saída para solucionar a crise. Assim, a psicologia ou metodologia geral surgiria da necessidade de dar coerência ao conhecimento científico, e não de escolher um ou outro determinado sistema teórico. Uma primeira chave compreensiva desta afirmação é que Vigotski deixava claro em seu artigo que a análise da crise psicológica tinha um papel fundamental na busca dessa psicologia geral.

O novo modelo de ciência proposto por Vigotski é uma espécie de antecipador da sua principal teoria, a teoria histórico-cultural. De certa forma, é como se a teoria que ele estava gestando fosse a resposta para os problemas que ele enxergava na psicologia. No artigo “Vygotsky’s Uses of History”, Sylvia Scribner (1985) afirma que Vigotski explora novas formas de trazer uma perspectiva histórica para o estudo da natureza humana. Scribner (1985, p. 120) ainda afirma que a análise histórica é a chave do sistema vigotskiano. Estudar algo historicamente é, argumenta a autora, justamente a essência da abordagem dialética - no caso, a dialética marxista. Ela traz (1985, p.122) uma afirmação fundamental de Vigotski: a de que os processos psicológicos superiores não podem ser explicados pelas leis da natureza nem por

leis do espírito (subjetivas, poder-se-ia dizer também), mas que suas raízes devem ser procuradas nas regularidades das leis da história. Quando ele fala “leis da história”, estaria se referindo, na verdade, à história materialista de Marx e Engels. Diversos autores que usamos como referências ressaltam o método de Vigotski como o que há de mais marxista em suas contribuições científicas (Wertsch, 1985; Newman e Holzman, 2002; van der Veer & Valsiner, 1996).

É também por esta razão que seguimos a esteira destes autores e enfatizamos o papel que Vigotski dava ao método: neste último estava o sentido de criação da psicologia geral, na metodologia. Ele enxergava como uma questão de caráter metodológico a possibilidade da psicologia enquanto ciência. Vigotski afirmava, ainda, que a ciência era filosófica até seus últimos elementos e estava perpassada de metodologia. Ele partia do pressuposto de Marx e principalmente Engels (o qual deixou inacabada uma das obras mais representativas da aplicação do marxismo à filosofia da ciência, *Dialética da Natureza*, 1985) de entendimento da dialética como uma teoria da ciência geral, abarcando a natureza, o pensamento e a história. Dessa forma, o psicólogo russo considerava como psicologia geral precisamente a dialética da psicologia, uma “ciência das formas mais gerais do devir tal como se manifesta no comportamento e nos processos de conhecimento” (1999ah, p.247). Certamente não se tratava de criar uma psicologia que simplesmente respondesse ao marxismo; a questão era bem mais complexa, dizia ele (p. 392):

(...) a análise da crise e da estrutura da psicologia testemunha indiscutivelmente que nenhum sistema filosófico pode dominar diretamente a psicologia como ciência sem a ajuda da metodologia, ou seja, sem criar uma ciência geral: que a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque essa psicologia nada seria além da dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo à psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, fora dessa formulação, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e a dissolver a dialética em pesquisas e testes; (...) a uma revolução simplesmente terminológica. Em resumo, a uma tosca deformação do marxismo e da psicologia.

Esta outra declaração fundamental, e aqui pedimos licença pelo tamanho dessas citações, reitera o conteúdo da anterior e termina como uma frase já bastante famosa de Vigotski, citada por diversos teóricos em psicologia:

Mas é preciso saber o que se pode e o que se deve buscar no marxismo. Não se trata de adaptar o indivíduo ao sábio, mas o sábio ao indivíduo; o que precisamos encontrar em nossos autores é uma teoria que ajude a conhecer a psique, mas de modo algum a solução do problema da psique, a fórmula que contenha e resuma a totalidade da verdade científica. (...) O que sim *pode ser buscado* previamente *nos mestres* do marxismo não é a solução da questão, e nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção (...). Não quero receber de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações, o que é a psique, o que desejo é aprender *na globalidade*<sup>21</sup> do método de Marx como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique. (p. 395)

Em síntese, era preciso um método, e o materialismo dialético (tal como o circunscrevemos aqui) proveria a metodologia mais integral e adequada à psicologia geral. Embora os livros de psicologia dialética ainda não tivessem sido escritos, era este o caminho de saída para a crise na ciência psicológica.

#### **4.4. A psicologia dialética e a possibilidade da consciência**

“Como enfocar a análise da psique” (p. 395): este era um dos desafios fundamentais dentro da psicologia de orientação metodológica marxista para Vigotski. Ele sabia e declarava, inclusive, que o objeto da psicologia - a psique, a consciência - era o mais difícil no mundo e o que menos se deixava estudar (p. 390) - era essa, ao menos, sua opinião. Isto ajudava a instaurar o problema que caracterizava a crise: o fenômeno psicológico estava na encruzilhada da batalha entre as duas correntes psicológicas que descrevemos na seção anterior deste capítulo, caracterizando a crise na psicologia: se uma tendência recorria a um pólo científico-naturalista e rejeitava a idéia de um fenômeno psíquico irreduzível ao físico em termos de propriedades e substâncias, a outra se posicionava no outro oposto do pólo: afirmava a

---

<sup>21</sup> Os grifos neste parágrafo são do próprio Vigotski.

existência de um fenômeno psíquico formado por uma substância própria, e isto dificultava sua sujeição a métodos de apreensão e análise rigorosamente científicos. Em palavras mais simples, o dilema era a existência de uma ciência que negava o subjetivo ou a existência de uma psicologia que, aceitando o fenômeno psíquico, deixava de ser ciência<sup>22</sup>.

Vigotski defende a idéia de uma psicologia objetiva que tem a consciência como objeto primeiro de estudo não apenas em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”; na verdade, esta é uma discussão que se encontra de certa forma “pulverizada” ao longo do artigo, na medida em que é parte do argumento acerca do dualismo na ciência psicológica e da proposição da psicologia de orientação marxista. A consciência é defendida de forma mais explícita e sistemática (na medida do possível, tendo em vista que um artigo é um espaço um tanto limitado para tal) no artigo “A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento” (1999ab), escrito em 1925 e publicado numa coletânea sobre psicologia e marxismo organizada por Kornilov. Notemos que a escrita em defesa da consciência foi feita cerca de um ano antes de “O significado...”; e na famosa apresentação no Congresso de Psico-Neurologia em 1924, “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), havia já uma argumentação inicial em favor deste objeto de estudo.

Algumas chaves de compreensão do conceito de consciência para Vigotski são o tipo de substância de que ela seria feita (em mais uma referência ao materialismo dialético) e a idéia de que o desenvolvimento desta consciência seria, de acordo com o filósofo David Bakhurst (1991), entre muitos outros teóricos, constantemente mediada e transformada pelas relações entre a criança e o ambiente social (p. 78). O legado de Vigotski mais difundido no ocidente

---

<sup>22</sup> O já citado livro de Luís Cláudio Figueiredo (1996, p. 22) também localiza este dilema de forma bastante semelhante. O autor declara que, para instituir a ciência psicológica, a psicologia se vê obrigada, a um só tempo, a reconhecer e desconhecer seu objeto. Se não o reconhece, não se legitima como ciência independente, bem podendo ser anexada a outras ciências, como a medicina, a pedagogia, etc. Se o reconhece, não se legitima enquanto ciência, já que não é capaz de formular leis gerais com caráter preditivo.

é, sem dúvida, sua teoria histórico-cultural e alguns conceitos aplicáveis, sobretudo, ao desenvolvimento e educação infantis (o de zona de desenvolvimento proximal, por exemplo); entretanto, alguns dos autores no ocidente que se dedicam a um estudo de caráter teórico da obra vigotskiana (Bakhurst, 1991, Robbins, 2001; Rivière, 1985; Wertsch, 1985) muitos dos quais estão presentes neste trabalho, colocam como praticamente indiscutível a centralidade do conceito de consciência. Esta afirmação é importante, sobretudo quando oriunda de autores formados na tradição soviética e que desenvolveram seus programas de pesquisa numa espécie de desdobramento do sistema de pensamento vigotskiano (Davydov & Radzikhovskii, 1985; Zinchenko, 1985, 1998; Iarochovski & Gurguenidze, 1999). Para esses autores, Vigotski defenderia que o problema da consciência era um problema real e que, para ser estudado, o conceito deveria ser alçado a um status metodológico diferente, colocado como um objeto de estudo independente (Davydov & Radzikhovskii, 1985, p. 46). Zinchenko (1985, p. 99) chega a afirmar que a importância da consciência era tanta para Vigotski que este costumava avaliar uma teoria psicológica particular em termos de sua contribuição para o estudo deste fenômeno; para Zinchenko, a consciência sempre foi o maior objeto de estudo na pesquisa do psicólogo. Pela relação com o marxismo que Vigotski buscou, não surpreende sua afirmativa de que este conceito seria, a grosso modo, um *produto das relações sociais*. Veremos, no capítulo seguinte, que a questão da consciência era bem mais complexa do que pretendia esta fórmula marxista inicial.

## 5. O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

A análise do conceito de consciência é o elemento central desta dissertação; e se fizemos, até o momento, uma análise histórica e epistemológica de caráter mais genérico sobre Vigotski e sua obra, é porque tínhamos em mente este ponto de chegada. Propondo uma analogia um tanto arriscada, a centralidade deste conceito nesta dissertação reflete, em grande medida, a centralidade da consciência no pensamento de Vigotski, nas suas reflexões filosófico-metodológicas e em sua proposta de psicologia.

O risco da afirmação anterior pode não estar tanto na analogia quanto no conteúdo mesmo da proposição; pretendemos mostrar, neste capítulo, o quanto o próprio Vigotski legitima a afirmação da relevância da consciência – quiçá referenciando suas próprias palavras –, e ainda o quanto o fazem outros estudiosos de sua obra.

Já dissemos anteriormente que Vigotski não só dava grande importância ao conceito de consciência como costumava avaliar a relevância de teorias psicológicas de acordo com a sua contribuição ao estudo do conceito (vide capítulo quatro, p. 69, Zinchenko, 1985). Nosso autor devia ter em mente essa avaliação quando, em primeiro lugar, diagnosticava a crise na psicologia no século XX, e ainda quando categorizava as diversas escolas psicológicas da época da crise em dois pólos básicos: uma corrente científico-natural materialista e outra dita idealista ou espiritualista. Sistemas teóricos como o behaviorismo (conhecido atualmente como behaviorismo metodológico), a psicanálise, a reflexologia russa, a psicologia personalista de William Stern e a psicologia subjetivista de origem alemã se encaixavam em um ou outro pólo da controvérsia. A idéia, agora, é, ao invés de analisar tão-somente as

asserções de Vigotski acerca de como esses sistemas teóricos se relacionavam com a noção de consciência, examinar alguns aspectos dessas teorias *in loco*, isto é, a partir de seus próprios autores. Procurar, por exemplo, no texto de Sigmund Freud o que ele dizia sobre a consciência e comparar essas informações com as reflexões que Vigotski empreendeu sobre este conceito no âmbito da psicanálise constitui-se, a nosso ver, numa tarefa de maior valor epistemológico do que apenas ler Freud pela lente vigotskiana. É claro que esta é uma tarefa de dimensões épicas; para torná-la metodologicamente razoável e honesta, o que podemos fazer é delimitar os textos de outros autores àqueles textos, se não referidos por Vigotski, ao menos escritos durante o período de sua vida, para não incorrerem em anacronismo. Também, dessa maneira, restringiremos nossas reflexões a um conjunto pequeno de textos, o que significa que não podemos generalizar nossas conclusões a respeito do que uma teoria ou outra afirma a respeito da consciência, por exemplo, e sim do que um determinado autor afirma em um texto específico. Apenas no tópico 5.1.3, modificaremos o procedimento de análise, e lá explicaremos por que razão. Procederemos, agora, ao exame breve do behaviorismo, da psicanálise e da Gestalt.

### **5.1. A consciência e as psicologias**

Agora analisaremos, então, alguns exemplos de posições acerca da categoria consciência e do objeto de estudo da psicologia em algumas teorias. Oportunamente, as teorias que escolhemos constituem os sistemas mais tradicionalmente conhecidos em psicologia – behaviorismo, psicanálise e Gestalt. Será interessante observar, também, que os posicionamentos das três teorias são bastante diversos entre si e que, embora algumas evidências (van der Veer & Valsiner, 1996) sugiram que Vigotski possuía maior proximidade com a Gestalt, ele manteve, em diferentes períodos de sua vida, diálogos intensos com obras tanto psicanalíticas quanto

behavioristas, e foi justamente esse tipo de contato que colaborou para sua síntese crítica da crise na psicologia. Refazer este caminho crítico é uma forma de compreender os fundamentos de sua proposição do conceito de consciência e mesmo de alguns pressupostos de sua teoria histórico-cultural.

### **5.1.1. O behaviorismo watsoniano**

A primeira medida fundamental neste tópico argumentativo é localizar o behaviorismo ao qual nos referimos. De modo geral, a teoria comportamentalista refere-se muito mais aos trabalhos do psicólogo norte-americano B. F. Skinner (1904-1990), que forneceu as bases teóricas e metodológicas do behaviorismo, tal como o conhecemos hoje (embora, é claro, o comportamentalismo tenha ainda outros nomes decisivos para a edificação de seu corpo teórico, e o skinneriano seja apenas um dos behaviorismos existentes hoje), e responde pelo que se costuma designar *behaviorismo radical*. Dado que Skinner só começou a se dedicar à psicologia a partir dos anos trinta, época em que Vigotski já vivia seus últimos anos, a análise feita pelo psicólogo soviético restringiu-se ao chamado *behaviorismo metodológico* do também norte-americano John B. Watson (1878-1958).

À primeira vista, pode soar estranho não chamarmos o pensamento de Watson, e sim o de Skinner, de *radical*. A primeira sentença do artigo “Psychology as the Behaviorist Views it”, uma espécie de manifesto comportamentalista redigido publicado por Watson em 1913, afirma que a psicologia deve ser um ramo experimental puramente objetivo da ciência natural. Ele descarta, em seguida, a introspecção como método da psicologia e declara que o estudo do comportamento humano é apenas uma parte do esquema investigativo do behaviorista, dado que este último não reconhece nenhuma linha divisória entre o homem e o animal (1913, p.



158). Para Watson, a psicologia e a fisiologia eram ciências cujos princípios fundamentais eram os mesmos, diferindo, apenas, na forma de ordenar seus problemas (Watson, 1947).

Vigotski distinguia o ser humano dos outros animais justamente pela complexidade de suas funções psicológicas, em especial as superiores, complexidade que seria produzida, em última instância, pela nossa capacidade de utilizar instrumentos (não apenas concretos, mas também psicológicos – os signos). Esta já seria uma das primeiras grandes distinções entre os dois psicólogos e suas propostas teóricas.

O diagnóstico da crise psicológica feito por Vigotski localizava o behaviorismo watsoniano, já é possível vislumbrar, no pólo das psicologias que se pretendiam científicas à maneira de uma ciência natural e, para se ater a esses status, tais teorias descartavam métodos que não fossem considerados rigorosamente científicos (o próprio Watson, em seu manifesto, critica a psicologia por possuir algo de “esotérico” em sua metodologia); não era de surpreender que, aliado a essas reflexões, Watson negasse a consciência como objeto de estudo da psicologia. O comportamento, sim, era o único possível objeto de estudo de nossa ciência. O behaviorista chega, inclusive, a sugerir que a eliminação da consciência do escopo de investigação da psicologia aproximaria a nossa ciência de outras. A questão de se a consciência existe não parece ser relevante para Watson, na medida em que ele argumenta que insistir nessa questão nos levaria, inevitavelmente, à metafísica; basta saber que o conceito em questão não deve ser passível de estudo por nós. Esta se constitui noutra diferença entre seu pensamento e o de Vigotski, o qual não só defendia a existência da consciência como defendia a possibilidade de ela ser estudada de forma independente, *an sich* – termo utilizado pelo próprio Watson; o psicólogo soviético estaria, dessa forma, alcançando o conceito a um status metodológico

diferenciado (Davydov & Radzikhovskii, 1985, p. 46). O behaviorista Watson também defendia uma re-orientação metodológica, mas no sentido do comportamento:

ou a psicologia deve mudar seu ponto-de-vista de modo a levar em consideração os fatos do comportamento, tenham eles ou não conseqüências sobre os problemas da consciência, ou o comportamento deve figurar sozinho como uma ciência inteiramente separada e independente<sup>23</sup> (Watson, 1913, p. 159).

Diante dessas considerações, dizer que John B. Watson era radical talvez não seja muito justo ou super-simplifique suas idéias. É possível ver que o projeto de psicologia de Watson possuía preocupações metodológicas decisivas para o que ele pretendia empreender enquanto ciência do comportamento. Não à toa, o behaviorismo pode ser considerado uma das grandes revoluções na psicologia, e Watson, um dos pioneiros na edificação desse sistema teórico. O behaviorista foi um dos primeiros a lutar declarada e sistematicamente contra uma psicologia introspeccionista da consciência com base em evidências empíricas consistentes e reflexões epistemológicas coerentes. Anos depois de seu manifesto, Watson declarava, em 1929, que na psicologia subjetivista nunca houve descobertas, senão especulações medievais acerca da alma (Watson & McDougall, 1947, p. 346). Ele acusava o alemão Wilhelm Wundt de apenas ter trocado o termo “alma”, justamente, pelo termo “consciência”. Para Watson, a impossibilidade de controlar experimentalmente os problemas psicológicos era um grave defeito metodológico das psicologias que se propunham estudar estados de consciência; haveria, na pesquisa em psicologia subjetiva, tantas análises quanto psicólogos, ou seja, cada um investiga e produz conhecimentos que não podem ser compartilhados ou replicados. Um behaviorista se atém, na pesquisa, àquilo que ele pode observar, e faz disso o campo de estudo real da psicologia.

---

<sup>23</sup> A tradução do original em inglês é nossa.

Parece que a crítica de Vigotski direcionada ao behaviorismo norte-americano procede, em muita medida (ao menos do ponto-de-vista que ele procurava defender). O comportamentalismo era uma corrente teórica que possuía muito em comum com a reflexologia russa; em verdade, Watson explicitamente se inspirava teoricamente nos Veremos, mais adiante, que Vigotski, em seus primeiros anos de produção intelectual na psicologia, partiu de alguns conceitos como o de reflexo e o de reação para defender a existência da consciência; com o passar dos anos, ele deixou de se referir ao aporte reflexológico e passou a propor uma noção de consciência de natureza bastante diferente. O que queremos deixar claro aqui é que, apesar de dialogar em vários pontos com a tradição objetivista russa (e, por conseguinte, a tradição comportamentalista norte-americana), Vigotski criticava-os por deixarem a consciência fora do escopo de investigação psicológica, quando não por negarem a existência da mesma. Em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah), ele afirma que, para Watson, deixar o termo “consciência” de fora da psicologia seria tão fundamental quanto um astrônomo se recusar a falar no idioma do horóscopo (p. 307). No entanto, Vigotski acrescenta que, embora Watson proponha uma clara re-formulação da psicologia em termos comportamentais, o seu behaviorismo falha em estabelecer essa linguagem e metodologia objetivas. De fato, o behaviorista afirma (Watson & McDougall, 1947, p. 342):

O behaviorismo é um retorno ao senso comum. A idéia central é: dado um certo objeto ou situação, o que o indivíduo fará quando confrontado com este(a). Ou o inverso dessa formulação: vendo um indivíduo fazendo algo, estar apto a prever que objeto ou situação provoca este ato.

Watson arremata: “Tudo isso soa real; alguém poderia dizer que parece simplesmente senso comum. Como alguém pode fazer objeção a essas formulações?” (p.342)

Ao mesmo tempo que parece empreender uma revisão metodológica, Watson apela ao instinto do senso comum de qualquer homem cotidiano, para que este perceba o quão naturalmente a ciência do comportamento se impõe diante de nós.

Embora seja interessante, esta última crítica feita por Vigotski não parece ter efeito direto sobre a principal distinção entre seu pensamento e o de Watson: a proposição da noção de consciência. O que nos interessa é saber que, para o behaviorismo watsoniano, os fatos do comportamento eram o objeto de estudo da psicologia, mesmo que isso significasse o desmembramento do behaviorismo do resto das outras psicologias. Vigotski parecia estar de acordo com o objetivismo que propunha o behaviorismo; na edição inglesa de “A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento” [Consciousness as a problem in the Psychology of Behavior] (Vygotsky, 1925), inclusive, há uma nota em que o autor se refere a um artigo de Watson recente na época sobre o comportamento não-verbalizado como contendo soluções para o problema da consciência bastante próximas às suas. Certamente, no artigo (Watson, 1924), Watson não se refere ao comportamento não-verbalizado como “consciência”, mas de fato tenta solucionar o problema das funções que não passam pela linguagem verbal. Por mais que Vigotski louvasse, em princípio, a tentativa do behaviorismo metodológico, ele discordava do que ele pensava ser reducionismo em se tratando do fenômeno da consciência, principalmente à medida que seu pensamento foi se afastando da reflexologia, do próprio behaviorismo e correntes teóricas afins. Talvez não seja à toa que Rivière (1985, p. 31) chama justamente de objetivismo não-reducionista a proposta de Vigotski e seu grupo de pesquisa. Para Rivière, um “objetivismo não-reducionista” seria uma espécie de terceira via alternativa, tanto ao subjetivismo psicológico e sua cientificidade duvidosa, quanto ao objetivismo principalmente da reflexologia, o qual, em sua preocupação incessante com o rigor científico, reduzia todos os fenômenos humanos a reflexos.

### 5.1.2. A psicanálise

Um dos motivos pelos quais nos dedicaremos a examinar alguns escritos de Sigmund Freud aqui é o de mera conveniência: ao contrário de textos como os de Watson, por exemplo, sua obra completa se encontra disponível em português há muitos anos. Longe de se localizarem nas estantes de livros de história da psicologia, seus textos possuem uma vitalidade tal que continuam sendo leitura fundamental para psicanalistas e psicólogos. Alguns psicólogos, no entanto, justificam a atualidade dos escritos de Freud situando-os muito mais no campo, de certa forma, mais atemporal da filosofia do que no contingente campo da ciência<sup>24</sup>. Ainda assim, a difusão e popularidade da psicanálise são praticamente indiscutíveis no ocidente, e Sigmund Freud ainda é uma autoridade incontestável, a despeito das contribuições de vários outros estudiosos à teoria psicanalítica.

É sabido que Vigotski valorizava profundamente os trabalhos de Freud (van der Veer & Valsiner, 1996, p. 117) e era grande conhecedor de sua obra, tendo sido, inclusive, membro da Sociedade Psicanalítica Russa, juntamente com Alexander Luria. Van der Veer e Valsiner (1996) afirmam que Vigotski teria gradualmente se tornado cada vez mais crítico da teoria freudiana. Uma evidência disso é que no livro *Psicologia Pedagógica* (2004), escrito quando o autor ainda morava em Gomel, no início dos anos vinte, ele declara, ao introduzir a psicologia para professores, que “a consciência representa só uma parte insignificante da nossa experiência psíquica, já que existe todo o imenso mundo do inconsciente” (p. 5). Ele ainda dedica uma pequena seção do capítulo sobre o pensamento ao tema “O Eu e o Id”, explicando brevemente alguns aspectos da teoria freudiana.

---

<sup>24</sup> Esta opinião acerca da psicanálise pode ser considerada um senso comum acadêmico que beira a superficialidade em alguns aspectos. No processo de elaboração desta dissertação, por exemplo, tenho duas colegas de mestrado (Elaine Starosta Fogel e Taiane Mara de Felippo) que se dedicam a estudar precisamente a proposição da psicanálise por Sigmund Freud, argumentando e defendendo a idéia de que ele considerava científico o campo de estudos que então inaugurava.

Poucos anos mais tarde, no artigo “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, aproximadamente em 1927, Vigotski se posiciona de forma diferente em relação à psicanálise. Ele dedica uma seção inteira do artigo a criticar a proposta de integração teórica entre a psicanálise e o marxismo, defendida, a partir dos anos vinte, por alguns psicólogos soviéticos – sendo Luria um dos principais responsáveis por esta tentativa de fusão. Uma das primeiras incongruências que nosso psicólogo enxergava nesta fusão era a “dessexualização” da teoria freudiana pelos soviéticos. Isto porque, explicava Vigotski, “o pansexualismo não concorda de modo algum com a filosofia de Marx. ‘Bom’, dizem-nos, ‘admitamos o freudismo sem os postulados da sexualidade’. Mas ocorre que esses postulados constituem precisamente o nervo, a alma, o centro de todo o sistema. É possível aceitar um sistema sem seu centro?” (1999ah, p. 257). Depois dessa primeira crítica, ele prossegue (p. 259-260):

Porque nos encontramos diante de uma situação muito estranha: Freud e sua escola não se declaram em momento algum monistas, nem materialistas, nem dialéticos, nem continuadores do materialismo histórico. Em contrapartida, declaram a respeito deles: ‘você são isto, aquilo e mais aquilo; vocês mesmos não sabem o que são’. Não que essa situação seja impossível, ela poderia ocorrer, mas exige que se esclareça com precisão as bases metodológicas da doutrina, que se estabeleça como a concebem e como a desenvolveram seus autores (...).

Na esteira deste argumento, Vigotski afirma que Sigmund Freud não teria estado de acordo com o monismo materialista que os russos enxergavam na psicanálise; Freud reconheceria, neste sentido, o inconsciente como uma força especial, a qual não se reduziria a nenhuma outra. Do ponto-de-vista de Vigotski, entretanto, existia outra espécie de reducionismo: a teoria freudiana reduziria os processos psicológicos superiores a “raízes que evoluíram pouco, primitivas, em essência pré-históricas, pré-humanas, sem deixar espaço para a história” (1999ah, p. 261). O sistema psicanalítico é, assim, criticado por Vigotski pelo seu caráter supostamente não dinâmico, conservador, anti-dialético e anti-histórico (p. 261).

Certamente a crítica que Vigotski faz a Freud encontra embasamento no materialismo dialético; mas ao longo de seu percurso intelectual, essa será a filosofia quase sempre presente em suas reflexões. Parece que é numa tentativa de justificar esta nossa observação que ele se posiciona, mais adiante em seu artigo: “Para referir-se criticamente a um sistema alheio é preciso antes de mais nada dispor de um sistema de princípios próprio. Julgar Freud à luz de princípios extraídos do próprio Freud significa justificá-lo de antemão” (1999ah, p. 268). Até que ponto isto é um argumento para legitimar as suas reflexões não sabemos com tanta certeza; mas pensamos que é um alerta importante, pois possibilita-nos perceber que Vigotski, quando falava, teria noção do lugar a partir do qual o fazia.

Se procede o comentário já feito anteriormente (vide capítulo quatro, seção 4.4) de que Vigotski avaliava as correntes psicológicas em relação à contribuição potencial que elas teriam ao estudo da consciência, é necessário, então, nos dedicarmos a esse outro tipo de reflexão sobre a psicanálise. A teoria freudiana estaria, para o psicólogo russo, possivelmente posicionada no pólo das correntes psicológicas que, por pressuporem uma irreduzibilidade de seu objeto de estudo – o inconsciente, no caso –, não se encaixariam adequadamente nos critérios de uma ciência natural e objetiva. No artigo “A Psique, a Consciência, o Inconsciente” (1999ae), Vigotski afirma que teorias psicológicas se desenvolvem de forma bastante distinta uma da outra, em função da forma como explicam os conceitos que figuram no título do artigo. O fenômeno psíquico, aí, encontra três vias de resolução: renunciar ao estudo da psique, como faz a reflexologia russa; estudá-la como um fenômeno isolado da realidade (à moda da psicologia descritiva e subjetivista de Wilhelm Dilthey) e conhecê-la através do inconsciente. Esta última via, naturalmente, seria a escolhida por Freud.

O artigo de Vigotski citado acima, embora não se saiba exatamente quando foi escrito, foi publicado originalmente em 1930, e podemos dizer que responde à fase mais “crítica” do autor em relação à psicanálise. Para ele, a tentativa de criar uma psicologia com o auxílio do inconsciente tem duas vertentes: uma afinidade com a psicologia idealista e um materialismo, ao introduzir a idéia de um forte determinismo cuja base fica reduzida ao nível biológico ou orgânico – ou ao instinto de preservação da espécie (1999ae, p. 143). Isto se refere justamente às duas premissas fundamentais da psicanálise, nas palavras do próprio Freud (1999a): primeiro, os processos mentais seriam, por si mesmos, inconscientes, e do conjunto de toda a vida mental, apenas alguns atos seriam conscientes. A outra tese psicanalítica fundamental seria a de que os “impulsos instintuais” só poderiam ser descritos como tendo natureza sexual, “tanto no sentido estrito como no sentido mais amplo do termo” (p.32), e desempenhariam papel importante na causa das doenças nervosas e mentais. Vigotski se refere ao que poderia ser considerado um dualismo mente-corpo no pensamento freudiano. De fato, ainda em suas conferências introdutórias, Freud se posiciona epistemologicamente em relação à psicanálise e outras psicologias (p.30): “Nem a filosofia especulativa, nem a psicologia descritiva, nem o que é chamado de psicologia experimental (que está estritamente aliada à fisiologia dos órgãos dos sentidos), tal como são ensinadas nas universidades, estão em condições de dizer-lhes algo de utilizável pertinente à relação entre corpo e mente, ou de lhes proporcionar uma chave para a compreensão dos possíveis distúrbios das funções mentais”. Freud prossegue afirmando que a psiquiatria era um dos campos que vinha se esforçando em descrever e categorizar distúrbios mentais, mas que até aquela época (entre 1915 e 1917), ainda não era possível observar correlações entre o que ele chamava de órgão anatômico da mente e os sintomas dos distúrbios, tal como se apresentavam. Veremos que é a este ponto que ele se dedicava enquanto pesquisador (p. 30):



Essa é a lacuna que a psicanálise procura preencher. Procura dar à psiquiatria a base psicológica de que esta carece. Espera descobrir o terreno comum em cuja base se torne compreensível a consequência do distúrbio físico e mental. Com esse objetivo em vista, a psicanálise deve manter-se livre de toda hipótese que lhe é estranha, seja de tipo anatômico, químico ou fisiológico, e deve operar inteiramente com idéias auxiliares puramente psicológicas; e precisamente por essa razão temo que lhes parecerá estranha de início.

Vigotski não hesita em acusar Freud de não conseguir resolver uma questão que ele mesmo acredita ser insolúvel, que é a de se o inconsciente é psíquico ou não. Esta crítica, presente em “A Psique, a Consciência, o Inconsciente” (1999ae), parece não fazer tanto sentido quando nos debruçamos sobre alguns dos textos de Freud. O psicanalista austríaco afirma, em primeiro lugar, que é um equívoco equivaler o termo “consciente” ao termo “psíquico” (1999a, p. 31); mas declara que é justamente a divisão do psíquico em consciente e inconsciente que se configura como a premissa fundamental da psicanálise (“O Ego e o Id”, 1999b). Freud ainda afirma algo que, veremos mais tarde, assemelha-se ao que Vigotski também dizia: que a consciência seria uma “qualidade do psíquico” (1999b, p. 25). Neste sentido, Freud especula que a consciência produziria percepções de excitação provenientes do mundo externo e de sentimentos de prazer e desprazer que surgiriam do interior do aparelho psíquico; com isso reservaríamos ao sistema da consciência uma localização no espaço – a fronteira entre exterior e interior, um sistema voltado para o mundo externo, mas que envolve outros sistemas psíquicos (1999c, p. 39).

É possível depreender da teoria freudiana que, embora a consciência não se coloque como o objeto fundamental de estudo da psicanálise, tanto ela quanto o inconsciente fazem parte do continente da psique; certamente, uma importância consideravelmente maior em termos de investigação científica repousa sobre o inconsciente. Isto porque a prova da existência do inconsciente é a que abriria, para Freud, um caminho novo e decisivo para a ciência e mesmo para o mundo (1999a). Todo o conhecimento de que somos capazes estaria ligado à

consciência, mas esta não poderia ser considerada a essência do psíquico. A consciência seria, em verdade, a superfície do aparelho mental, o sistema através do qual os fenômenos inconscientes viriam à tona. Balizando afirmações como esta, ele ainda declara, em *Além do Princípio do Prazer* (1999c), que estaria se baseando em concepções diretamente oriundas da anatomia cerebral, a qual localiza a consciência na camada mais externa do cérebro – ou seja, no córtex cerebral. A consciência seria uma espécie de “veículo” do inconsciente; e os fenômenos psíquicos viriam à tona como conscientes, por esta razão. O objeto de estudo mais apropriado, pelas radicais transformações epistemológicas (e talvez mesmo morais e sociais) que carrega é, assim, o inconsciente.

Desta forma, a partir de algumas afirmativas freudianas e de suas contraposições com os escritos de Vigotski (e, é claro, de nossa reflexão sobre ambos), concluímos que, embora se utilize de conhecimentos previamente produzidos pela psiquiatria e pela neurologia, Freud atribuía aos processos mentais (tanto conscientes quanto inconscientes) uma natureza psicológica independente do que a ciência médica e a ciência psicológica objetiva (tanto russa quanto norte-americana) se propunham a explicar e considerar científico.

Outra reflexão que podemos fazer é a de que a crítica de Vigotski a Freud não parecia residir tanto na assunção do conceito de inconsciente, quanto na *natureza* deste conceito. Em primeiro lugar, Freud se refere, em um dos seus textos aqui citados, a uma relação entre corpo e mente; depois, afirma que a psicanálise deve lidar com variáveis puramente psicológicas – o que a estaria localizando no segundo pólo da dicotomia corpo-mente. Embora parecesse ser o projeto de Freud erigir uma ciência tendo o inconsciente como objeto de estudo, do ponto-de-vista de Vigotski, este era um projeto que encontrava, no dualismo de substância, um obstáculo difícil de ser transposto.

É interessante notar que a crítica de Vigotski a Freud referia-se ao dualismo de substância muito mais do que ao suposto problema de cientificidade apresentado pela psicanálise. Uma crítica corrente à época em questão (e ainda existente nos dias de hoje) feita por muitos psicólogos era ao fato de o inconsciente, na condição de objeto de estudo da psicanálise, não ser observável diretamente. Tanto com relação a esta aparente dificuldade quanto com relação à natureza puramente psicológica do inconsciente, Freud parecia ter uma atitude algo resignada, o que se revela em algumas passagens de seus textos: “A psicanálise revela tantas coisas novas, e, em meio a tudo isso, tantas coisas que contraditam opiniões tradicionais, e tanto fere sentimentos profundamente arraigados, que não pode deixar de provocar contestação” (1999a, p. 24). Ele prossegue admitindo que não há verificação objetiva da psicanálise nem possibilidade de demonstrá-la e que isto costumava impedir os médicos de se interessarem por ela, estes últimos acostumados a desconfiar da qualidade científica do psíquico e deixá-lo de lado para que fosse decifrado por poetas, filósofos e místicos. Vigotski parece, em alguma medida, solidarizar-se com esta acusação a Freud, lembrando-nos, em “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), que muitas ciências não podem estudar seu objeto recorrendo à observação direta; a psicanálise, pensamos, seria uma delas. Vigotski finaliza esta que seria sua primeira comunicação apresentada à grande comunidade científica psicológica russa declarando que “o psicólogo encontra-se com frequência na mesma situação do historiador e do arqueólogo e atua então como o detetive que investiga um crime que não presenciou” (1999aa, p. 31). Cremos que Vigotski não enxergava contradição entre uma ciência que estudasse seus objetos de forma indireta e uma ciência de caráter objetivo. Haveria, sim, uma contradição entre uma psicologia que se pretendesse uma ciência natural de fenômenos não-naturais; ele discutiria isto, anos depois, em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah).

### 5.1.3. A Gestalt

Há algumas grandes dificuldades em se proceder a um exame mínimo da psicologia da Gestalt e dos comentários de Vigotski em relação a esta. A primeira delas é de ordem mais técnica, mas não por isso menor: a escassez de livros clássicos do gestaltismo enquanto sistema psicológico, escritos que datariam dos anos dez, vinte e trinta do século passado. Ao contrário do behaviorismo e da psicanálise, escolas que permanecem vivas na atualidade, na forma de pesquisas empíricas em diversos campos e aplicações clínicas, a Gestalt é considerada como um sistema quase que desaparecido do cenário psicológico científico enquanto área de estudos, tendo sido esquecida pouco depois da década de trinta (van der Veer e Valsiner, 1996, p. 178); ela existe, ainda, na raiz de algumas áreas clínicas, a exemplo da Gestalt-terapia (a qual, a despeito do nome, tem postulados diferentes do da Gestalt) e de outras perspectivas, como as corporais e as de orientação transpessoal. Ainda assim, algumas das reflexões trazidas por esse sistema psicológico ainda encontram eco em pressupostos filosóficos e procedimentos metodológicos de diversas teorias atuais, o que nos leva à segunda grande dificuldade: o intenso diálogo travado por Vigotski com a Gestalt praticamente ao longo de toda sua trajetória intelectual, e os vários pontos de diálogo e concordância que ele possuía com o sistema psicológico originado na Alemanha. A “crítica” de Vigotski à Gestalt é muito mais sofisticada que às outras correntes da época, e se encontra de forma bastante “pulverizada” ao longo de seus escritos. Van der Veer e Valsiner (1996, p. 183) declaram, inclusive, que a relação do teórico russo com a Gestalt teria sido fundamental para o desenvolvimento de sua teoria histórico-cultural; ele foi responsável, também, pela organização, revisão técnica e prefácios de várias traduções de obras gestaltistas para o russo; os prefácios a essas edições estão disponíveis em português inclusive, e foram utilizados no curso de nosso trabalho (Vigotski, 1999ac, 1999db, 1999dc, 1999dd).

Dessa forma, de um lado, temos o difícil acesso à obra dos gestaltistas clássicos (Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler); do outro, temos a teoria da Gestalt extremamente presente na obra de Vigotski. O impasse é difícil de ser resolvido; a solução encontrada foi modificar um pouco a lógica de leitura. Como seria complicado localizar os principais textos gestaltistas que circulavam no período em que Vigotski produziu (foi o que tentamos fazer com a análise das escolas anteriores), utilizaremos como base principal de resgate da teoria livros de história da psicologia aliados aos poucos livros de Gestalt propriamente ditos. Ao invés de olharmos a teoria tal como foi produzida no passado, veremos quais seus principais pressupostos elencados, na atualidade, por estudiosos da psicologia; a partir daí, relacionaremos estes pontos à teoria de Vigotski, seu diagnóstico da crise, e sua apropriação de idéias gestaltistas.

A Gestalt era a escola mais nova entre as correntes psicológicas existentes à época; o artigo que representa a sua fundação é o “Estudos Experimentais da Percepção do Movimento”, de 1912, escrito por Max Wertheimer. Seu caráter de novidade é tal que Vigotski, em 1924, a descreve como “... a nova tendência da psicologia alemã, a denominada `psicologia da gestalt` (W. Köhler, K. Koffka, M. Wertheimer e outros), que ganhou nos últimos três-quatro anos enorme importância...” (1999aa, p. 28). Embasada filosoficamente pela fenomenologia, a Gestalt seria, dessa forma, mais uma nova tentativa de eliminar alguns dos velhos problemas da psicologia (Marx & Hillix, 1978, p. 271); criticava, por um lado, a posição elementarista da velha escola alemã da qual Wundt era o principal representante; e atacava, por outro, o behaviorismo metodológico. O gestaltismo criticava o behaviorismo por este acreditar na noção de experiência objetiva. Köhler (1959) nos esclarece este comentário: para ele, um comportamentalista era capaz de acreditar na observação objetiva de um fenômeno num laboratório de física, por exemplo, e duvidar da observação de um evento qualquer na vida

cotidiana. Köhler argumenta que não necessariamente dois físicos observariam o mesmo fenômeno e que a experiência direta, subjetiva, fazia parte desse processo – adquirindo, assim, importância científica. Dessa forma, a Gestalt era vista, por Vigotski, como um dos sistemas que compunham, juntamente com a psicologia de William Stern<sup>25</sup> e a psicologia marxista de Kornilov, a terceira via psicológica alternativa às tradicionais vias científico-natural e idealista.

*Gestalt*, a palavra alemã, significa forma, estrutura, configuração, ou ainda uma totalidade. Congruente com a crítica ao elementarismo de algumas correntes psicológicas, a psicologia era definida, para a Gestalt, como o estudo da experiência imediata do organismo total (Marx e Hillix, p. 300), sendo que a percepção foi a área de estudos mais desenvolvida para estes psicólogos. Assim, diferentemente da concepção vigotskiana, os gestaltistas não reservavam à consciência o status de objeto de estudo por definição. Isto não impedia que lhe concedessem importância; Koffka argumentava que não havia sentido em desenvolver uma psicologia sem consciência, à maneira dos comportamentalistas, pois isto reduziria esta ciência ao estudo do comportamento animal (Schultz & Schultz, 1998, p. 316). Podemos especular se, quando falavam em “experiência imediata do organismo total”, estivessem se referindo, em verdade, à consciência ou a uma instância equivalente do fenômeno psíquico, mas isto nos parece um salto epistemológico descuidado. A orientação filosófica da Gestalt, queremos dizer com isso, seus pressupostos acerca de problemas como a relação mente-corpo e a natureza da experiência imediata, esta última de orientação fenomenológica, diferiam sensivelmente da orientação de Vigotski, mais afeito ao materialismo dialético como filosofia – embora ele utilize argumentos do filósofo Edmund Husserl, ao tratar da distinção entre

---

<sup>25</sup> William L. Stern (1871-1938), filósofo e psicólogo alemão, foi um dos pioneiros dos campos da psicologia da personalidade e da inteligência; e foi o criador do conceito de QI – coeficiente de inteligência. Vigotski lidou, em seu diagnóstico da crise na psicologia, com o a teoria denominada de *psicologia personalista* de Stern.

idealismo e materialismo e, conseqüentemente, das relações entre espírito e matéria e entre sujeito e objeto (“O significado...”, 1999ah, pp. 377-386).

No que se refere à relação entre mente e corpo, por exemplo, os gestaltistas procuraram se desvencilhar da dicotomia alegando a unidade do organismo. Na palestra “Gestalt Theory”, feita por Wertheimer em 1924 e compilada numa edição norte-americana em 1938 (W. D. Ellis, 1938, apud Schultz & Schultz, 1998), temos uma tentativa de desfazer a oposição entre os termos mente e corpo. Wertheimer afirma que não é irrelevante tentar definir se um fenômeno é psíquico, ideal, ou se é puramente material, e enfatiza outro tipo de preocupação (Schultz & Schultz, 1998, p. 309):

A questão não é saber quais são os elementos materiais, mas qual é o tipo de totalidade. Operando em termos de problemas específicos, cedo se percebe quantas atividades corporais existem que não dão nenhum indício de uma separação entre corpo e mente. Imagine uma dança, uma dança cheia de graça e júbilo. Qual é a situação numa tal dança? Teremos uma soma dos movimentos físicos dos membros e uma consciência psíquica? Não. É claro que essa resposta não resolve o problema; temos de começar outra vez.

Wertheimer justifica-se ainda afirmando que a Gestalt não é apenas um resultado, mas um dispositivo e, com ele, tem-se um guia para futuros problemas de pesquisa. Por isso, entendemos que a Gestalt seria uma abordagem ou um modo de estudar fenômenos, de perguntar sobre eles; e não, necessariamente, de fazer afirmações a priori sobre eventos.

O caráter monista da Gestalt era uma das grandes zonas de contato entre ela e Vigotski. O psicólogo russo, no entanto, posiciona-se de maneira diferente em relação ao monismo gestaltico; enquanto o re-afirma em alguns escritos (1999dc; 1999ac), já noutros mostra-se cético em relação a ele (1999ah). Van der Veer e Valsiner (1996) atribuem essa aparente oscilação ao método de composição e escrita tese-antítese-síntese, isto é, a depender da função do texto e do público para o qual escrevia, ele procurava descrever longamente as

pesquisas, criticar mais profundamente a teoria ou fazer-lhe uma síntese explicativa. Para nós, é bem difícil mapear o caráter de tantos textos, mas parece uma explicação verossímil. Embora ele não se dedique, realmente, de forma aprofundada à crítica do monismo (van der Veer & Valsiner, 1996, p. 179), reservando a ela poucos parágrafos em seu artigo sobre a crise (Vigotski, 1999ah), ele afirma que a Gestalt termina por realizar uma teoria materialista, pois os gestaltistas usavam termos da física para se referir ao fenômeno psíquico<sup>26</sup>; e também porque enxergavam a psique como parte do comportamento, e os processos conscientes como processos parciais de grandes conjuntos (Koffka, 1925, apud Vigotski, 1999ah<sup>27</sup>). O psíquico e o físico faziam parte de uma só totalidade, uma só Gestalt, e essa solução, para Vigotski, era insuficiente para desfazer a dicotomia corpo-mente. O que para Vigotski constituía-se numa visão da dupla natureza do comportamento para a Gestalt (1999ah, p. 303) podia se relacionar a um importante postulado gestaltista, o *princípio do isomorfismo*. De acordo com este princípio, talvez faça mais sentido falar, na teoria gestaltista, em paralelismo psicofísico do que monismo. Isto porque o princípio do isomorfismo, tal como enunciado por Köhler, declarava que os processos cerebrais refletiam a experiência tal como ela acontecia; para os gestaltistas, o cérebro funcionava como uma espécie de campo de força, no qual as atividades corticais manteriam inter-relações complexas e paralelas à experiência (Goodwin, 2005, p. 307). Marx e Hillix (1978) concordam que o isomorfismo da Gestalt não seja uma solução eficaz para o problema mente-corpo e continue incorrendo em dualismo, visto que, uma vez que adotemos o princípio em questão, falta saber, ainda, qual a natureza dos dois conjuntos de fenômenos que estão sendo relacionados.

---

<sup>26</sup> Era sabidamente importante a influência da física a Gestalt. O físico e filósofo austríaco Ernst Mach (1838-1916) veio a influenciar diretamente os trabalhos do trio gestaltista; Köhler, em especial, estudou com o físico alemão Max Planck (1858-1947). Kurt Lewin (1890-1947), outra importante figura do movimento, estudou física e matemática, além de doutorar-se em psicologia.

<sup>27</sup> Confiaremos, aqui, na referência feita a Koffka, já que para nós é impossível checá-la. O estilo frenético de escrita de Vigotski tornava-se, às vezes, pouco cuidadoso, já que ele, com alguma frequência, citava em seus textos idéias de autores sem lhes fazer a devida referência; outras vezes, os autores eram até citados, mas não se sabia de qual obra.



Não temos muita dúvida em afirmar que o principal ponto de concordância, que exerceu grande influência sobre Vigotski, foi este que pode ser considerado o pressuposto básico do pensamento gestaltista: a relação *parte-todo*. A apropriação de Vigotski do núcleo desta idéia será discutida mais adiante (vide seção 5.4, pp. 106, 107, sobre a unidade de análise); mas já podemos adiantar alguns pontos. Para a Gestalt, o todo era diferente da soma das partes, e não apenas isto era verdade, como também que os processos parciais eram determinados pela natureza do todo; ou seja, a totalidade tinha características próprias de estrutura e funcionamento, uma espécie de conjunto de leis internas. Uma vez que fracionássemos o todo, essas características se perdiam. O famoso exemplo da molécula da água, a qual perde suas propriedades se forem analisados seus elementos separados (hidrogênio e oxigênio), foi bastante utilizado, tanto por Vigotski (1995, p. 99; 2001, pp. 8, 397) quanto pelos criadores da Gestalt.

Essa visão sistêmica dos fenômenos e da forma de estudá-los (e também de *explicá-los*, é o termo que ele utiliza) era bastante apreciada por Vigotski. Em prólogo à versão russa de um livro de Thorndike, ele afirma (1999da, p. 160):

Estudar um fato completamente isolado do resto do mundo, desprovido da inter-relação que existe entre os fenômenos, significa condenar a priori objeto de investigação. Explicar cientificamente algo nada mais significa que do que descobrir sua conexão com outros fenômenos e integrar o novo conhecimento na trama e no sistema do que já se conhece, o que constitui um modo de proceder bastante novo ao que defende o enfoque tradicional.

Havia, no entanto, algumas críticas a este aspecto da abordagem gestáltica. Ao recorrerem ao conceito de estrutura ou de Gestalt para explicar tantos fenômenos, esses psicólogos perdiam de vista alguns aspectos fundamentais destes últimos, para o psicólogo russo. A sua principal queixa era o caráter anti-histórico ou ainda anti-desenvolvimental das chamadas estruturas. Prefaciando um livro de Kurt Koffka sobre o problema do desenvolvimento na psicologia estrutural (ou da Gestalt, no caso), Vigotski justifica sua crítica. Ele aponta que o principal

conceito da psicologia da Gestalt, o conceito mesmo de Gestalt ou de estrutura, rapidamente passou de problema a postulado, ou seja: a psicologia do desenvolvimento adota a noção de estrutura para se referir e explicar o desenvolvimento psíquico da criança. O problema central dessa assertiva era: se o desenvolvimento significa justamente o aparecimento do novo, como explicar, do ponto-de-vista de uma estrutura já presente desde cedo na consciência da criança, a criação de novas formas comportamento (1999, pp. 248-249, p. 307)? O problema do surgimento de novas estruturas, ou da transformação de uma estrutura em outra, permanece sem solução. Vigotski comenta que não nega de modo algum a contribuição da Gestalt, mas que se deve ir além dela: deve-se remeter à história das funções psicológicas superiores do homem para entendermos como se dão as mudanças. Ele ainda acusa Köhler de desconsiderar a importância do significado no desenvolvimento da linguagem, o que mostra um Vigotski, no ano de 1934, sintonizado com as questões semióticas de análise da consciência, como veremos nas seções seguintes.

No rastro desse incômodo pelo caráter supostamente anti-histórico da Gestalt, o autor também se queixa da falta de um ponto-de-vista social da psicologia estrutural (1999dd), e ainda, em outro artigo, chama de anti-dialética a teoria do desenvolvimento infantil de Karl Bühler, outro conhecido gestaltista alemão, por este conceber o desenvolvimento como um processo contínuo e não por saltos (1999db). É possível que essa crítica não possa ser generalizada para a Gestalt como um todo. Aparentemente, o gestaltista Kurt Lewin falava de “processos históricos na psicologia e em outras ciências” (Lewin, 1978, p, 54) como possuindo natureza dialética e referia-se também à natureza histórica dos fatos psicológicos.

Como pudemos vislumbrar, era bastante intrincada a relação de Vigotski com a Gestalt; apesar das críticas que lhe fazia, o psicólogo admirava sua visão sistêmica de todo e partes e a

sua disposição em defender a possibilidade de se estudar a consciência, tal como a abordagem estrutural a concebia. Talvez uma avaliação da psicologia gestaltista do desenvolvimento, com a inspiração dialética que parecia ser de sua preferência, possa ilustrar em alguma medida seus diálogos com a Gestalt (1999dd, p. 319):

Mas, apesar disso, o princípio estrutural é historicamente mais progressista do que os outros conceitos que veio substituir, acumulados ao longo do desenvolvimento de nossa ciência. Por isso, nessa via que abre a concepção histórica da psicologia infantil, o princípio estrutural precisa ser negado dialeticamente, o que significa, ao mesmo tempo, conservá-lo e superá-lo.

Este é um dos momentos em que o psicólogo fala explicitamente num movimento dialético, e pensamos, inclusive, que sua reflexão neste caso específico vem bastante a calhar no contexto de trabalhos que, como este nosso, dedicam-se a uma crítica teórica. O movimento de negação, ou minimamente de estranhamento, parece fundamental para que possamos refletir sobre idéias e teorias.

## **5.2. Transformação no conceito vigotskiano de consciência**

Um exame breve de algumas psicologias em voga nos anos 20 do século passado mostra-se nos útil para uma primeira reflexão: a crítica que Vigotski fazia às correntes psicológicas, de modo geral, não era de caráter exatamente panfletário ou imediato. Queremos dizer que ele não se apressava em detonar seus pressupostos básicos ou a lógica interna de funcionamento destas; embora isto pudesse ocorrer, o que ele tinha em mente era uma reflexão mais ampla, de fundo epistemológico. Não se tratava de substituir uma psicologia por outra com base nos pressupostos teóricos internos de cada uma, mas de, refletindo sobre os pressupostos metodológicos e filosóficos de cada corrente psicológica, reformular a psicologia enquanto ciência. Em certa altura de seu trabalho, ele diz que a criação dessa psicologia geral era uma

questão de ruptura e não de acordo (“O Significado...”, 1999ah, p. 336); poderia estar se referindo a uma ruptura entre visões de mundo e não só entre teorias psicológicas, talvez.

Novamente aqui podemos nos reportar à própria situação da então União Soviética; o ímpeto vigotskiano no mínimo grandioso (para não dizer mesmo pretensioso) de reformular a ciência psicológica geral encontra uma analogia na tentativa quase obsessiva que sobreveio, com a Revolução Russa, de fundar um novo Estado e um novo homem soviético. Ambos os empreendimentos se embasavam, desta forma, no pensamento marxista em alguma instância. Já discutimos aqui (vide capítulo quatro), no entanto, que há um possível equívoco em considerar imediata ou panfletária a adesão de Vigotski ao marxismo, tanto é que, posteriormente em sua trajetória intelectual, ele seria acusado inclusive do contrário.

Afora a já discutida questão da presença do marxismo em Vigotski, devemos nos dedicar propriamente ao conceito de consciência defendido por ele; e a primeira coisa a perceber aqui é que, mesmo sendo proposto como categoria fundamental para a sua psicologia, o conceito de consciência foi, ao longo dos anos, desenvolvendo-se e transformando-se dentro dos trabalhos do autor. Há alguns escritos que abordam este tema de forma mais explícita: o primeiro seria “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), a famosa comunicação de 1924 apresentada num congresso em São Petersburgo que “abriu as portas” da psicologia para Vigotski. Há ainda “A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento” (1999ab), fruto de sua primeira conferência quando já no Instituto de Psicologia em Moscou, ao que tudo indica em 1925; “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, terminado entre 1926 e 1927; e “A Construção do Pensamento e da Linguagem” (2001), publicado já no fim de sua vida, em 1934. Há ainda uma compilação e notas de estudos de seminários feitos por alunos e colegas da equipe de pesquisa de Vigotski entre os

anos de 1933 e 1934, intitulada “O Problema da Consciência” (1999af). Inicialmente publicada por Leontiev nos anos sessenta, esta compilação, por conter fragmentos de anotações feitas por outras pessoas que não o próprio psicólogo, provavelmente contém problemas em sua edição, o que requer cuidado redobrado quando utilizada como fonte de pesquisa.

De fato, se tomarmos os textos em ordem de escrita cronológica, percebemos uma mudança na forma de conceituar a consciência. Esta mudança é percebida, em particular, por Davydov e Radzikhovskii (1985) e Rivière (1985), e tem como ponto decisivo, para este último autor, a transição entre um viés reflexologista, nos idos de 1924, a uma concepção semiótica ou mediacional do conceito.

Em “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), Vigotski apresenta-se pela primeira vez a um grande público de psicologia; sua comunicação procurava criticar justamente a reflexologia, a corrente psicológica dominante nos meios acadêmicos russos. Ele afirmava que a reflexologia tornava-se mais problemática à medida que investia no estudo de formas de comportamento humano cada vez mais complexas, por conta da definição reflexológica de qualquer comportamento como um sistema de reflexos condicionados. Para Vigotski, resumir todo e qualquer comportamento a tal denominador comum era incorrer em reducionismo; e era também reducionista a atitude de, à maneira do já examinado behaviorismo norte-americano, não levar em conta a consciência como mais uma espécie de comportamento possível de ser observado e estudado.

Vemos que Vigotski critica o ponto-de-vista da reflexologia (também conhecida como psicologia objetiva, inicialmente fundada por Bekhterev), mas propõe uma espécie de meio-

termo ao sugerir a possibilidade de a consciência ser estudada pelos reflexólogos. Utilizando a linguagem da corrente que criticava, ele define a consciência como “um mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos” (1999aa, p. 15). Chega a afirmar que “dar-se conta significa transferir certos reflexos para outros. O inconsciente baseia-se psiquicamente em que alguns reflexos não se transmitem a outros sistemas.” (p. 14) Uma passagem um pouco mais longa esclarece melhor seu argumento (p.10):

Surge a pergunta: por que admitimos o estudo dos reflexos verbais em sua integridade e inclusive depositamos nesse campo as maiores expectativas e não levamos em consideração *esses mesmos* reflexos quando não se manifestam externamente mas sem dúvida existem objetivamente? Se pronuncio em voz alta, para que o experimentador ouça, a palavra “tarde”, que me surgiu por associação, isto é considerado uma reação verbal, um reflexo condicionado. Mas se pronuncio a palavra para mim mesmo, sem que seja ouvida, se *a penso*, deixa por isso de ser um reflexo e se altera sua natureza? E onde está o *limite*<sup>28</sup> entre a palavra pronunciada e a não-pronunciada?

É um pouco mais sutil a crítica de Vigotski aqui; mas podemos perceber que, conquanto argumente de dentro do sistema reflexológico acerca da existência da consciência, ele afirma algo bastante radical dentro da teoria: que os eventos da consciência, apesar de não se manifestarem exteriormente, possuíam *existência objetiva*. Este é o ponto crucial de sua conferência e o que pode ter causado tanta polêmica no congresso de 1924. Outra declaração em tom mais inflamado torna mais claro este ponto:

Falemos claro. Os enigmas da consciência, da psique, não podem ser eludidos com subterfúgios nem metodológicos nem teóricos. Não se pode fazer rodeios para deixar a consciência de lado. (...) Psicologicamente a consciência é um fato indubitável, uma realidade primordial e um fato, não secundário, nem casual, de enorme importância. Ninguém o discute. Podemos adiar o problema, mas não eliminá-lo por completo. (p. 27)

Vigotski arremata essa declaração lembrando que tudo isso deve ser resolvido experimentalmente, de acordo com procedimentos objetivos. Ele recomenda aos reflexólogos

---

28 Os itálicos são do próprio autor.

que abandonem o materialismo da fisiologia ao qual estão aprisionados e aceitem o desafio de serem materialistas na psicologia.

Para uma platéia de reflexólogos em sua maioria, a proposição de Vigotski pode ser considerada, no mínimo, corajosa. Ainda assim, o mecanismo através do qual ele propõe que se estude a consciência é tão reflexológico quanto o do estudo de um comportamento qualquer. A diferença básica é que, em um evento psíquico, o reflexo produzido por determinada sensação torna-se, em seguida, excitante para um novo reflexo: esta relação, chamada por Vigotski reflexo-excitante reversível, é uma relação entre reflexos que não ocorre no caso de comportamentos mais simples.

Aproximadamente um ano depois, outras questões já passam a se tornar importantes na defesa de Vigotski do conceito de consciência. Pensamos ser um pouco exagerada a afirmação de Davydov e Radzikhovskii (1985) de que haja, de fato, uma diferença tão radical entre este primeiro artigo e o escrito cerca de um ano depois, “A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento” (1999ab). O autor acabara de se mudar para Moscou e para o Instituto de Psicologia, cuja direção havia sido recentemente assumida por Konstantin Kornilov. Kornilov era, como dissemos anteriormente (vide capítulo três), um dos fundadores de uma escola de origem reflexológica, a reatologia. Ele já era um dos que tentava, durante essa época, realizar uma síntese teórica entre a psicologia e pressupostos marxistas. Entretanto, o viés reflexológico e reatológico era uma tendência clara no Instituto, e certamente poderia influenciar o trabalho e a pesquisa de seus integrantes. A certa altura do artigo, o próprio Vigotski admite que, no organismo, não há processos outros além das reações – sendo as reações, por sua vez, o conceito fundante da reatologia de Kornilov.

Nas palavras de Rivière (1985), as quais parecem constituir um ponto-de-vista mais moderado sobre a questão, o citado artigo de Vigotski de 1925 possui como característica principal a tentativa de conjugar a categoria do reflexo com a idéia da origem social da consciência. Neste sentido, há, sim, uma atitude bastante crítica em relação à reflexologia, visto que ele considera extremamente problemática a admissão da principal premissa reflexológica de que seria possível explicar todo o comportamento humano sem recorrer a fenômenos subjetivos. No entanto, como ele já apontava na comunicação “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos” (1999aa), o problema estava justamente em considerar que o fenômeno psíquico possuísse uma natureza subjetiva, inacessível experimentalmente e, conseqüentemente, não científica.

Mais uma vez desejamos acentuar que não parece haver tanta diferença entre os dois textos de Vigotski. Em alguns livros de pessoas historiando a psicologia vigotskiana, como Joravsky (1989), por exemplo, costuma-se confundir os dois artigos, e essa distinção é necessária não apenas historicamente, mas para compreender a gradual transformação pela qual passou o pensamento de Vigotski. No entanto, lendo e relendo estes escritos, pudemos perceber que há neles, inclusive, passagens quase iguais entre si; a citação do primeiro artigo que transpusemos na página anterior, onde o autor toma como exemplo a palavra “tarde”, aparece, cerca de um ano depois, em “A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento”; Vigotski utiliza, inclusive, a palavra “tarde” como exemplo nos dois artigos. Está ainda em ambos os artigos a idéia de origem social da consciência através da seguinte afirmação: temos consciência de nós mesmos porque a temos das outras pessoas e isso ocorre através de um mesmo mecanismo, qual seja, o de reflexos reversíveis, como já mencionado alguns parágrafos acima. “Tenho consciência de mim mesmo na medida em que para mim sou outro, ou seja, porque posso perceber outra vez os reflexos próprios como



novos excitantes” (“A Consciência como Problema da Psicologia do Comportamento”, 1999ab, p. 82). Menos de um ano antes, em “Os Métodos de Investigação Reflexológicos e Psicológicos”, ele já havia se expressado de modo bastante semelhante (1999aa, p. 18): “reconhecemo-nos a nós mesmos somente na medida em que somos outros para nós mesmos, isto é, desde que sejamos capazes de perceber de novo os reflexos próprios como excitantes”. Diversos autores, quando teorizam sobre a gênese da consciência ou dos processos psicológicos superiores (Rivière, 1985, Blanco, 1996; Davydov & Radzikhovskii, 1985), inclusive no Brasil (Molon, 2003), citam uma ou outra frase de Vigotski, sem chamar a atenção, entretanto, para o fato de que ela aparece quase *ipsis literis* em seus dois artigos.

Não há nada de especificamente errado em descobrir idéias muito semelhantes em textos diferentes de Vigotski. Entre a palestra que lhe fez ser convidado para trabalhar em Moscou e a primeira fala pública que fez depois de ter começado a trabalhar, existe pouca distância e, portanto, uma ligação compreensível e, uma vez que isto tenha sido localizado, vale, naturalmente, lembrar das distinções entre os dois textos. A nosso ver, a maior distinção entre eles seria que, no segundo momento, o autor abandona a tentativa de buscar dentro da reflexologia ou da reatologia uma metodologia adequada para investigar os fenômenos da consciência, afirmando uma “urgente necessidade de elaborar uma nova metodologia para investigar os reflexos inibidos” (1999ab, p. 77), ou ainda, numa observação um pouco mais irônica, “uma capitulação completa da metodologia puramente reflexológica, cuja utilização deu bons resultados no caso dos comportamentos dos cachorros” (p. 78).

A origem social da consciência, mais especificamente localizada na linguagem e no comportamento social, é uma idéia que também se encontra presente nos dois trabalhos; ela será, no entanto, melhor desenvolvida anos mais tarde; logo em 1926, em “O Significado

Histórico da Crise na Psicologia”; no manuscrito “Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores” (1995) de 1931; e em 1934, em *Pensamento e Linguagem*. No já examinado (vide capítulo quatro) artigo de 1926, encontra-se, no entanto, uma reflexão de fundo epistemológico mais sistematizada acerca do problema da consciência e da própria psicologia; e é a ela que nos dedicaremos agora.

### **5.3. A consciência no espelho**

Foi possível perceber, nos dois artigos analisados, uma certa condescendência de Vigotski com relação ao ponto-de-vista reflexológico, paralelamente aos primeiros comentários acerca de uma possível origem social da consciência. Ele chega afirmar a importância da linguagem, do comportamento social e da relação com o outro na formação da consciência; e seus próximos escritos, de certa maneira, são o desenvolvimento dessas idéias ainda embrionárias.

Em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah), a consciência é discutida não só como objeto fundamental de estudo para a psicologia, mas também na forma de um conceito que, quando examinado de perto, produz uma reflexão epistemológica abrangente, a qual compreende algumas antinomias típicas da ciência e da filosofia, outras correntes psicológicas e seus problemas metodológicos. Esta é uma promessa e tanto; esperamos agora examiná-la para que se torne compreensível.

A idéia central defendida por Vigotski nesse artigo é a crise na psicologia e o que ela significa e denuncia. Para o autor, como já foi dito anteriormente nessa dissertação, distinguam-se, àquela época, dois grandes blocos de teorias psicológicas. Resumidamente, os caminhos da psicologia seriam estes: ou o da ciência, e neste caso, deveria ser capaz de explicar fenômenos

(rejeitando o que havia neles de psíquico ou subjetivo); ou o do conhecimento de visões particulares sobre o que viria a ser o psíquico (e assim, impossibilitando sua existência como ciência). Até aqui não dissemos exatamente nada de novo. O que parece chamar a atenção é o argumento que Vigotski usa para atribuir significado à crise: esse significado residiria, para ele, na formulação equivocada e confusa do problema gnoseológico<sup>29</sup>; ou melhor, da confusão entre o problema gnoseológico (ou epistemológico) e o ontológico. Parece que o problema fundamental estaria em confundir a relação entre espírito e matéria com a relação entre sujeito e objeto. “Quando isto é feito”, diz Vigotski, “é comum identificar o subjetivo com o psíquico, e a partir daí se conclui que o psíquico não pode ser objetivo” (1999ah, p. 379). Ou seja, o psíquico, ou espiritual, é às vezes considerado como sendo aquilo que é subjetivo. Certamente nossa psique ou nossa consciência<sup>30</sup> pode ser (e é) “subjetiva” – ou seja, ela pode ser de natureza não material; mas sendo assim, “subjetivo” não é o termo que devemos utilizar, segundo Vigotski, pois ele produz uma grave confusão conceitual. O psicólogo nos chama a atenção para que não confundamos a *consciência*, enquanto um dos termos da antinomia sujeito-objeto; com a *consciência* empírica, psicológica, aquela que é, por definição, objeto de estudo da psicologia.

Com o objetivo de esclarecer essa discussão, seguiremos mais um pouco o raciocínio feito por Vigotski (pp. 381, 382). Ele ilustra: se perguntarmos, a um materialista e a um idealista, o que devemos estudar, o ato tal como é, ou o ato tal como eu o represento; o primeiro responderá o ato em si; e o segundo, a percepção que ele tem do ato. De outra forma, o que devemos estudar: o pensamento ou o pensamento sobre o pensamento? Para Vigotski, sem sombra de

---

<sup>29</sup> Na tradução do artigo do russo para o inglês, consta a palavra *epistemológico* ao invés de *gnoseológico*; a palavra *gnoseológico* aparece também na tradução para o espanhol. Não estamos considerando significativas as eventuais diferenças entre os termos.

<sup>30</sup> De modo geral, temos também usado de forma intercambiável os termos “consciência” e “psique”. Certamente quando Vigotski escolheu o primeiro termo, imprimiu a ele características próprias – é o que estamos tentando mostrar; ainda assim, quando usamos um nome no lugar do outro, é porque pretendemos nos referir, independente de nomenclaturas, àquilo que seja, por definição, o objeto de estudo da psicologia.

dúvida devemos estudar o pensamento em si – ele pede, neste caso, o auxílio de Marx, em sua afirmação de que, se a essência e a forma de manifestação das coisas coincidissem, toda a ciência seria desnecessária (Marx, 1985, p. 939). É aí que podemos nos perguntar: se nós, psicólogos, cientistas humanos, estudamos o fenômeno psíquico em si e admitimos que ele possui natureza e existência objetivas, o que será, então, dos fenômenos subjetivos? Quem vai estudar esse tipo de fenômeno, “isso *que parece para cada um*<sup>31</sup>?” (1999ah, p. 382).

“Mas o problema do que as coisas ‘parecem’ é também algo que ‘parece’ um problema”, continua Vigotski (p. 382). A falsidade desse problema está, para ele, novamente na confusão entre gnoseologia e ontologia.

Em gnoseologia, *aquilo que parece* existe, mas afirmar que aquilo é realmente a existência é falso. Em ontologia, *o que parece* não existe em absoluto. Ou os fenômenos psíquicos existem e então são materiais e objetivos, ou não existem e não podem ser estudados. É impossível qualquer ciência só sobre o subjetivo, sobre *o que parece*<sup>32</sup>, sobre fantasmas, sobre o que não existe. (...) Não cabe dizer: no mundo há coisas reais e irrealis – o irreal não existe. O irreal deve ser explicado como a não-coincidência, como a relação entre duas coisas reais; o subjetivo como a consequência de dois processos objetivos. (p. 386)

A explicação de Vigotski pode soar, em algum momento, um tanto intrincada; alguns parágrafos depois, ele utiliza a metáfora do espelho para pensar o conceito de consciência no contexto da relação entre epistemologia e ontologia. Aqui, ao nosso ver, suas reflexões se tornam mais claras. Vejamos:

Um objeto - uma mesa, por exemplo - é refletido num espelho. Chamemos de **A** a mesa e de **a** o seu reflexo no espelho. **X** é o processo de refração da luz que ocorre no espelho, refletindo a mesa. Aqui, não podemos dizer que **a** (o reflexo da mesa) é tão real quanto **A** (a mesa em si); tampouco dizer que **a** é falso; ocorre que **a** é real *de outra forma*. O reflexo **a** é o resultado

---

<sup>31</sup> Itálicos no original.

<sup>32</sup> Os itálicos desta citação também estão no original.

aparente que parte de A e de X. Entretanto, conhecendo A e X, é possível estudar, explicar, prever e ainda transformar o reflexo a.

Para Vigotski, a filosofia e a ciência ocidentais tradicionalmente focalizam, em seus processos de investigação, o objeto em si, A, ou apenas o reflexo, a imagem, a. De um ponto de vista dialético (na ciência que ele propunha), é necessário estudar a como um resultado, uma consequência do objeto em si, já que o reflexo não existe por si só: é preciso relacionar a mesa ao espelho e também às leis que ocasionam o reflexo. Se a consciência seria a, o reflexo, A seria a existência, é o que Vigotski indica alguns parágrafos depois (1999ah, p. 388); finalmente, X, as leis de refração da luz no espelho, seria o processo que ocorre na consciência. A autora Dorothy Robbins (2003) sugere que essas leis de refração seriam o processo de internalização e mediação que ocorre através da linguagem e de outros signos. Cremos, certamente que levar a metáfora às últimas consequências cause-nos alguns prejuízos conceituais pois, ao passo em que procuramos achar “equivalentes” para as “letras” A, a e X, respectivamente, corremos o risco de cristalizar as posições de cada categoria e distorcer as eventuais relações de complementaridade ou pertencimento que existem entre elas – e incorremos, aí, numa simplificação bastante perigosa, a nosso ver. Em verdade, a própria Robbins, ao estudar essa metáfora, lembra, no início de seu artigo, que uma metáfora não é completa e que tampouco pode realmente ilustrar fatos empíricos (Fichtner, 1999, apud Robbins, 2003); mas ilustrar relações teóricas. No caso do exemplo do espelho, acreditamos que Vigotski tinha um objetivo principal: mostrar que a consciência humana, vista por algumas correntes psicológicas como um evento interno e às vezes de difícil acesso e investigação, torna-se um resultado aparente, uma consequência da relação entre a realidade e o processo de internalização desta através da linguagem e de outras ferramentas simbólicas – o que não significa que não possamos estudá-la. Significa, sim, que se conhecermos, no caso,

A e X, conheceremos a consciência e ainda, em particular, as funções psicológicas superiores a cujo estudo Vigotski se dedicou.

A analogia proposta por Vigotski não é exatamente original na literatura científica e filosófica – especialmente a de orientação marxista. Ela pode ser relacionada, em primeiro lugar, a um conhecido princípio do materialismo dialético, de acordo com o historiador da ciência Graham (1987); o de que a existência determina a consciência. Este é uma máxima presente em textos de Marx e Engels (1999, p. 37, 1977, p. 24<sup>33</sup>): e Lenin, posteriormente (1982), de posse desta premissa, dedica-se bastante a teorizar sobre o que, para ele, seria a fundação da teoria materialista do conhecimento: a consciência é uma imagem do mundo exterior, e sem este mundo, nem a consciência nem quaisquer sensações existiriam. Não à toa, as palavras *reflexo* e *imagem* são freqüentemente utilizadas para se referir à epistemologia materialista nessa obra de Lenin.

Mesmo que não possamos levar a analogia vigotskiana às últimas conseqüências, compreendemos seu valor, especialmente no contexto do argumento que ele pretendia defender. As analogias têm sido uma ferramenta largamente utilizada pela ciência, de acordo com Tenório (2003), justamente pelo seu potencial heurístico e criativo. Mesmo os filósofos e cientistas críticos do raciocínio por analogia acabam utilizando-o a certa altura de suas exposições, é o que o autor também nos mostra; o próprio Vigotski, inclusive, não apenas utiliza analogias com freqüência, como ainda reflete sobre seu uso (1999ah, p. 285). Tenório argumenta ainda que uma analogia cria um “excedente de significado” (2003, p. 21), o qual permite ao cientista explorar relações e extrapolar conceitos já estabelecidos num paradigma

---

<sup>33</sup> Para sermos mais precisos, a afirmação de Marx no Prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1977, p. 24) é a de que “... não é a consciência dos homens que determina seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”. De qualquer forma, permanece, na citação, a a relação de determinação a que havíamos nos referido, e na direção vida (ou existência) → consciência.

científico. Não por acaso, a metáfora do espelho figura possivelmente entre as mais prolíficas da ciência e da história das idéias, tendo inclusive levado autores importantes a se debruçarem especificamente sobre os seus possíveis excedentes de significado (Eco, 1989). Sendo assim, uma analogia pode produzir, no mínimo, uma reflexão relevante acerca dos pressupostos teóricos e metodológicos de uma ciência, e isto é o objetivo de Vigotski em seu artigo, ou pelo menos é isto que percebemos.

Pensamos que é interessante perceber os significados que a metáfora do espelho carrega, no contexto das reflexões epistemológicas de Vigotski. Em introdução a uma coletânea de textos em epistemologia, Manuel Maria Carrilho (1991) coloca como uma das questões mais recentes deste campo de estudos justamente as “condições históricas” da constituição do conhecimento, além das “condições psicogenéticas” de sua aquisição. Seria o conhecimento algo de origem exclusivamente subjetiva? Vigotski já procurava responder a esta pergunta em seu já citado artigo, dissolvendo e reposicionando falsas antinomias como “conceito X fato” ou “realidade X pensamento” e, ainda, “sujeito X objeto”. Como tentamos mostrar acima, a metáfora vigotskiana do espelho é, em grande medida, uma tentativa de pensar as categorias de subjetivo e objetivo e se, nas palavras de Carrilho (1991), podemos pensar num dos sentidos da palavra “epistemologia” como uma oposição à “ontologia”, o argumento de Vigotski quanto à suposta confusão entre estes dois termos parece possuir consistência teórica – em especial no que tange a seu diagnóstico da crise na psicologia.

Dessa forma, em sua metáfora, Vigotski provavelmente quer nos mostrar algumas coisas: que a é um resultado da relação entre A e X e só existe a partir deles; depois, que a relação entre sujeito e objeto dá-se dentro do espelho, ou seja, está em a (na consciência). Finalmente, ele

finaliza sua exposição declarando que a existência de A e X, independentemente de a, é um pressuposto da psicologia materialista.

Parece-nos que a defesa da consciência como central para a psicologia e a discussão deste conceito quanto à natureza de sua existência são uma contribuição bastante significativa, tanto no contexto da obra de Vigotski, quanto ampliando nosso olhar para o horizonte de uma psicologia de orientação materialista dialética originada na União Soviética. O psicólogo cubano Fernando González Rey (2004) é um dos autores que nos chama a atenção para a importância específica deste contexto ao qual acabamos de nos referir; para ele, descontextualizando a obra de Vigotski, perdemos de vista sua historicidade e se torna mais difícil compreender algumas de suas construções teóricas (2004, p. 23). A ascendência cubana de Rey e o fato de boa parte de sua formação intelectual ter se dado na União Soviética podem nos influenciar a aceitar sua afirmação com um pouco mais de cautela; mas de fato concordamos com a sua idéia de que a grande contribuição de Vigotski estaria em separar o conceito de psique do conceito de uma essência humana inerente ao indivíduo, interna a este, e associar a psique à atividade humana e vê-la como um sistema complexo no qual as partes se relacionam entre si e com o todo. Essa psique seria um conceito de natureza material, ainda que não apelasse para uma materialidade mecanicista. Dado que parte significativa do esforço de Rey tem girado em torno da noção de subjetividade, o que ele sinaliza em Vigotski é precisamente o social como parte constituinte do subjetivo – isto não deixa de se referir, em outras palavras, ao caráter da consciência, tal como já explicitado anteriormente.



#### **5.4. Uma unidade de análise para o estudo da consciência: o significado?**

É interessante que González Rey seja crítico das apropriações norte-americanas da psicologia vigotskiana, em especial aquelas afins ao cognitivismo e à análise pragmática e semiótica da psique; mas o que nos chama atenção é que ele faça essa crítica, quando uma das frases diretas do discurso de Vigotski, presente em “O Problema da Consciência” (1999af, p. 188), seja esta: “A análise semiótica é o único método adequado para estudar a estrutura do sistema e o conteúdo da consciência”. A própria idéia de mediação, bastante presente nos escritos do psicólogo e tida como um dos pilares centrais de sua teoria, já sugere um “tom” semiótico a seu pensamento e à forma como ele enxergava a constituição da consciência e das funções psicológicas superiores. Defendemos, até o momento, que Vigotski tinha a consciência como objeto primeiro de estudo da psicologia. Sim, mas como estudar este objeto, como acessá-lo e apreendê-lo no processo de investigação? Para proceder a qualquer tipo de investigação – em particular àquela em que estudaria as relações entre pensamento e linguagem, em seu famoso escrito de 1934 (*A Construção do Pensamento e da Linguagem*, 2001) – era necessário ao pesquisador definir que métodos ele iria aplicar, e avaliar se o método escolhido levaria à resolução razoável do problema. Dentro do método, era necessário, mais precisamente, uma unidade de análise.

O problema da unidade de análise na obra de Vigotski permanece uma das questões de fundo epistemológico centrais para a compreensão de seu pensamento e para a investigação empírica contemporânea para adeptos de sua teoria, e tem sido alvo de preocupação de estudiosos vigotskianos importantes principalmente no exterior, mas também para grande parte da comunidade acadêmica brasileira que se dedica ao estudo do psicólogo. No cerne de sua preocupação metodológica, Vigotski colocava a necessidade de uma unidade de análise

(2001, p. 8, citação abaixo) para levarmos a cabo o estudo dos processos psicológicos. A unidade de análise seria, assim, uma condição para se exercer qualquer investigação em psicologia.

Afora o dissenso contemporâneo em torno do que deva ser a unidade de análise na teoria vigotskiana, sobre o que falaremos em breve, pontuamos o que, obviamente, é quase um ponto pacífico entre pesquisadores atuais: o fato da existência e da necessidade de uma unidade de análise. Pode parecer redundante fazer esta afirmação nesta altura da discussão, mas vejamos aqui qual a sua importância. Especialmente em *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001), o autor nos esclarece quanto a isso: a importância de uma unidade de análise está justamente em se opor e superar a tradicional análise de elementos. Unidade, aqui, opõe-se a elemento. Isto porque, explica-nos Vigotski, a psicologia vinha sendo dominada, em seu tempo, por uma análise funcional e atomística dos fenômenos, em oposição a uma análise destes últimos de caráter mais integrado e complexo, ou seja, em unidades. Logo em seguida, no mesmo livro, ele esclarece melhor seu argumento, numa longa passagem que toca no problema enfrentado pela Gestalt, a relação parte-todo (2001, p. 8):

Subentendemos por unidade um produto da análise que, diferente dos elementos, possui todas as propriedades que são inerentes ao todo e, concomitantemente, são partes vivas e indecomponíveis dessa unidade. A chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química mas o estudo das moléculas e do movimento molecular. De igual maneira, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, próprias do organismo vivo, é a verdadeira unidade de análise biológica. A psicologia que deseje estudar as unidades complexas precisa entender isso. Deve substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra em unidades. Deve encontrar essas propriedades que não se decompõem e se conservam, são inerentes a uma dada totalidade enquanto unidade, e descobrir aquelas unidades em que essas propriedades estão representadas num aspecto contrário para, através dessa análise, tentar resolver as questões que se lhe apresentam.

Ao contrário do elemento isolado, a unidade guarda em si todas as características do todo; o processo de análise inclui, assim, o exame da unidade, da relação entre suas partes e sua

relação com o todo. Neste sentido, Vigotski defende a impossibilidade de estudar intelecto e afetividade em separados (2001, p. 16; 2004) e critica a psicologia de seu tempo que estudava as funções psicológicas isoladas umas das outras e considerava a unidade funcional da consciência como algo de natureza permanente e imutável. Por esta razão, argumenta Vigotski, era simples relegá-la a segundo plano e satisfazer-se em estudar, por exemplo, a percepção ligada à atenção sempre da mesma forma, assim como a percepção ligada à memória e assim por diante com as outras tantas funções psicológicas (2001, pp. 2, 16). Depois desse comentário, o autor conclui que “a parte das relações é a parte menos trabalhada pela psicologia” (2001, p. 2). Noutro texto, escrito no mesmo ano em que afirma isso, vemos ele sistematizar algumas das idéias que já apresentamos e outras sobre as quais falaremos ainda (1999ag, p. 193):

Cremos que o sistema de análise psicológica adequado para desenvolver uma teoria deve partir da teoria histórica das funções psíquicas superiores, que por sua vez se apóia em uma teoria que responde à organização sistemática e ao significado da consciência do homem. Essa doutrina atribui um significado primordial a: a) a variabilidade das conexões e relações interfuncionais; b) a formação de sistemas dinâmicos complexos, integrantes de toda uma série de funções elementares; e c) a reflexão generalizada da realidade na consciência. Estes três aspectos constituem, na perspectiva teórica que defendemos, o conjunto de características essenciais e fundamentais da consciência humana e são a expressão da lei segundo a qual os saltos dialéticos não são apenas a transição da matéria inanimada à sensação, mas também desta para o pensamento.

A sua apropriação dessa relação sistêmica entre partes e todo é sabidamente uma das grandes contribuições teóricas da escola gestaltista e é possível especular acerca de sua grande influência sobre Vigotski. Também o raciocínio do psicólogo encontra eco, de acordo com Wertsch (1985, p. 199), na análise de todos holísticos, a qual seria, por sua vez, uma contribuição metodológica marxista. O pensamento sistêmico seria posteriormente desenvolvido em maior profundidade, a partir dos anos cinquenta, por Ludwig von Bertalanffy (1975), com sua teoria geral dos sistemas, e é uma metodologia e forma de raciocínio razoavelmente conhecida nos dias de hoje; desse modo, não seria injusto dizer que

esta reflexão feita por Vigotski também é uma contribuição importante para o campo da pesquisa em psicologia, principalmente.

É verdade que a proposição de uma unidade de análise é algo presente na obra do psicólogo, principalmente nos escritos de seus últimos anos de vida. Entretanto, como bem nos lembra Bakhurst (1991, p. 72), a definição de uma unidade de análise específica, assim como outras reflexões na obra de Vigotski, era mais uma proposta ou hipótese de trabalho do que algo definido a priori, e isto é algo com que concordam teóricos de orientações distintas à dele (Zinchenko, 1985). Assim, a despeito de algumas orientações quanto a uma unidade de análise em psicologia feitas pelo próprio autor, particularmente em *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001), os autores que estudam Vigotski costumam discordar bastante quanto a isso, revelando, cada um, a sua orientação epistemológica e filosófica ao se posicionarem. Ousamos identificar duas tendências principais, nas quais, naturalmente, fazemos desaparecer nuances teóricas porventura significativas: o já citado Fernando Rey encaixa-se num primeiro bloco: o daqueles que, talvez orientando-se por uma visão mais afeita ao marxismo de modo geral, acreditam que a unidade de análise está na ação, na atividade humana ou na atividade laboral. Fora o cubano, temos estudiosos dentro da tradição soviética, como V. V. Davydov, L. A. Radzikhovskii, V. P. Zinchenko e o próprio Leontiev; e ainda Angel Rivière e James Wertsch (este último guarda uma especificidade na escolha da unidade de análise. Ele dizia que o significado era a unidade para analisar a natureza semiótica da consciência, mas não a consciência em si; isto seria feito através da atividade). Este bloco de pesquisadores perfaz uma maioria no conjunto de teóricos com que tivemos contato; há ainda, filiados a essa tendência, visões mais extremadas como a do pesquisador norte-americano Mohamed Elhammoumi, que afirma que as relações sociais de produção seriam a unidade de análise psicológica para Vigotski (Elhammoumi, 2002). A outra grande

tendência corresponde, como já começamos a indicar no início desta seção, à visão mais semiótica da unidade de análise. Nesta tradição, encontramos, primeiramente, dois estonianos talvez dissidentes da tradição soviética: Aaro Toomela (2000), que defende o significado do signo como unidade de análise das funções psicológicas; e Jaan Valsiner, que argumenta, juntamente com René van der Veer (1996), em favor do significado da palavra. Situado talvez entre as duas tendências, está o psicólogo Michael Cole, o qual sintetizou, a partir de suas experiências com pesquisadores soviéticos como Luria e também a partir de suas próprias reflexões e pesquisas, o conceito de artefato, ampliando o conceito de instrumento ou ferramenta na teoria histórico-cultural (Cole, 1990). No Brasil, existe uma bem divulgada escola de psicologia denominada sócio-histórica de orientação explicitamente marxista, com importantes representantes na Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo (Bock, Gonçalves e Furtado, 2001); e a despeito de termos associado o marxismo a uma unidade de análise centrada na atividade, essa ligação é feita sem cuidado e baseando-nos apenas em coincidências. Em nosso país, por exemplo, parecem existir mais representantes afiliados a uma orientação centrada no significado e na análise semiótica da obra de Vigotski e que fazem referências constantes tanto a Marx quanto ao método dialético – representantes, por exemplo, do grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, como Angel Pino, Ana B. Smolka, Maria Cecília Góes etc. Se prestarmos atenção às diferentes tradições, veremos que a escolha de uma unidade de análise frequentemente pode ser relacionada à afiliação teórica do autor – se adere à teoria histórico-cultural, sócio-histórica etc (vide apêndice A).

Estes são apenas alguns nomes no enorme contingente de estudiosos da obra de Vigotski, que se dedicam a pesquisas teóricas e empíricas com base em sua teoria. Nessa dissertação, afiliamo-nos, em certa medida, à segunda tradição, a que preconiza a natureza semiótica da

unidade de análise reivindicada pelo autor, amparados, de alguma forma, na dedicação declarada do próprio ao tema do significado e do sentido, em particular nos escritos correspondentes à última fase da vida de Vigotski, entre 1932 e 1934, de acordo com Susana Molon (Molon, 2003, p. 136). Como dissemos anteriormente, há algumas indicações textuais feitas pelo psicólogo que nos fazem tomar essa posição. Ele diz: “Que unidade é essa que não se deixa decompor e contém propriedades inerentes ao pensamento verbalizado como uma totalidade? Achemos que essa unidade pode ser encontrada no aspecto interno da palavra: *no seu significado*<sup>34</sup>” (2001, p. 08). Há também a frase que já citamos precisamente no início desta seção, em “O Problema da Consciência” (1999af, p. 188): “A análise semiótica é o único método adequado para estudar a estrutura do sistema e o conteúdo da consciência”.

Entretanto, ainda que nos identifiquemos mais com os autores de uma determinada tradição e recorramos a referências bastante específicas de Vigotski para reforçar nossa posição, convém lembrar o caráter de convenção que uma tradição ou determinada tendência propõe. Quando instituímos vertentes ou lados distintos de uma mesma questão, mesmo que seja por motivos didáticos, corremos sempre o risco, como já falamos acima, de homogeneizar detalhes e perder, assim, algumas sutilezas. Mas neste caso, convencionar duas grandes tradições e seus entremeios tem dois propósitos principais: o primeiro é o de mapear os diversos posicionamentos de autores, e situar os extremos em que alguns deles se encontram e as posições mais intermediárias ou conciliatórias que outros adotam; o segundo é simplesmente mostrar, de forma panorâmica, a divergência e variedade que há na literatura acerca da unidade de análise na obra de Vigotski, e talvez concluir que, dado o grande número de pessoas que se dedicam a tal assunto, certamente ele ainda consta na “agenda vigotskiana” no início deste novo século.

---

<sup>34</sup> Itálicos originais do autor.

Desejamos, agora, voltar a refletir sobre a variedade de posicionamentos acerca da unidade de análise. Depois de fazer um mapeamento de vários autores e tentar pinçar da obra do teórico russo possíveis respostas para esse problema, há outras coisas para serem lembradas. Primeiro, que a produção teórica de Vigotski foi bastante frenética e desordenada e, segundo, que foi interrompida prematuramente. Diante disso, não surpreende que ele não tenha deixado indicações acuradas do que devemos usar como unidade de análise e também que seus escritos dêem margem a interpretações diferentes quanto a essa unidade. Além disso, mesmo que essas dúvidas não tenham sido geradas intencionalmente por ele, podemos nos apegar ao fato de que ele não considerava pronta sua proposta científica psicológica; isso nos deixa na estratégica posição de, em posse de seus escritos e refletindo sobre eles e sobre a teoria psicológica hoje, lançarmo-nos a nossas próprias interpretações (com o devido cuidado, certamente). Quanto a isso, é apropriado o comentário de Sylvia Scribner, quando diz que se “ambigüidades estão presentes do trabalho de Vigotski, não é função da interpretação ‘livrar-se’ delas<sup>35</sup>” (1985, p. 129).

Seguindo o rastro desse alerta, percebemos que, no mesmo texto (aliás, na mesma página!) em que afirma a análise semiótica como a mais apropriada para o estudo da consciência, o psicólogo também declara<sup>36</sup>: “O fato central de nossa psicologia é o fato da ação mediada” (1999af, p. 188). Às vezes, ele fala em *objeto*; outras vezes, em *unidade de análise*; outras ainda, em *fato central*. Afora possíveis incongruências devido a traduções, essas são categorias com status diferenciados dentro de uma teoria científica. Entretanto, mesmo que a ação mediada, por exemplo, não tenha o status de objeto, ela parece desempenhar um papel

---

<sup>35</sup> A tradução dessa frase a partir do inglês é feita por nós.

<sup>36</sup> Neste caso, Vigotski não declara textualmente esta sentença; ela faz parte do trecho em que seus discípulos (entre eles possivelmente Leontiev, o primeiro responsável pela publicação das notas) tomam nota de uma intervenção oral sua. Pareceu-nos uma situação em que seria aceitável referir-se a um conteúdo como sendo do próprio autor, diferentemente de outras afirmações do manuscrito que constituem reflexões feitas pelos seus “discípulos” acerca do conteúdo da intervenção principal de Vigotski.

fundamental no pensamento vigotskiano. Voltando, agora, ao texto a que fazíamos referência (Vigotski,1999af): nele temos, como muito importantes na teoria vigotskiana, uma categoria que se refere à ação e outra que se refere à análise semiótica. Notemos, aí, que ele está dizendo duas coisas diferentes – mas que não se excluem tampouco.

Por que essas afirmações não se excluem? Pelo simples fato de que, no âmbito do pensamento do autor, diversos termos e conceitos co-existem na tentativa de, ao admitir a existência do psiquismo humano, tentar compreendê-lo.

Dessa forma, se curiosamente não o fizemos até agora, vale enunciar alguns pressupostos do pensamento vigotskiano, para entendermos melhor como estes conceitos convivem e qual o seu grau de importância na teoria. Procuramos levar em conta neste caso que, por “pensamento vigotskiano”, compreendemos, em especial, a teoria histórico-cultural, elaborada com a colaboração de um de seus parceiros de trabalho, Alexander Luria. Consideramos que essa teoria representa em grande medida o esforço epistemológico do autor em dar conta dos problemas que enxergava na ciência psicológica e superá-los; não é à toa que van der Veer e Valsiner (1996) declaram que são justamente as reflexões presentes em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah), artigo terminado aproximadamente em 1926, que prepararam o caminho de construção da teoria histórico-cultural, cujos principais textos datam, como já foi dito, de 1928 a 1932. Pois bem: um dos pontos centrais da teoria é a idéia de que as funções psicológicas superiores humanas<sup>37</sup> são determinadas pelo contexto histórico-cultural, e também a noção de que esse processo de determinação é culturalmente mediado por signos e instrumentos psicológicos, sendo a linguagem o principal

---

<sup>37</sup> Estamos considerando, no curso deste trabalho, que a consciência é constituída pelo conjunto de funções ou processos (os termos são utilizados intercambiavelmente nos textos de Vigotski, devido, certamente, a diferenças de tradução) psicológicos superiores e inferiores. As funções superiores seriam, para o autor, as que diferenciariam o homem de outros animais.



instrumento mediador. A teoria histórico-cultural é centrada, do ponto-de-vista metodológico, numa abordagem genético-desenvolvimental, isto é, através do estudo da história do comportamento em 3 domínios:

- o filogenético, que diz respeito à evolução da espécie;
- o ontogenético, que se refere ao desenvolvimento individual;
- o histórico, que diz respeito ao ambiente sócio-histórico-cultural em que se dá o comportamento.

A sistematização destes domínios se deu no controverso livro de Vigotski e Luria, escrito em 1930, *Estudos sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança* (1997). Outra obra bastante importante foi a monografia de Vigotski não publicada em vida “Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores” (1995), escrita em 1931. No primeiro texto, Vigotski e Luria afirmam que é seu objetivo apresentar de forma sistematizada o caminho de evolução psicológica, do macaco até o homem cultural (Vygotsky & Luria, 1996). Por homem “cultural”, eles entendem o homem das sociedades complexas, localizando o homem “primitivo”<sup>38</sup> numa escala de desenvolvimento intermediária. A idéia é que, para analisar qualquer fenômeno humano complexo (o fenômeno psíquico, no caso), era necessário estudar-lhe a história, ou seja, ir reconstruindo suas formas mais primitivas até seu estado atual (van der Veer & Valsiner, 1996); isto tanto é defendido que não são poucas as vezes que

---

<sup>38</sup> Uma das críticas sofridas por Vigotski e Luria, tanto no livro quanto na divulgação da teoria histórico-cultural, era justamente o fato de eles considerarem “atrasadas” algumas culturas consideradas primitivas à época. Embora o termo “primitivo” já tenha, nos dias contemporâneos, caído em desuso por conta da carga pejorativa e discriminatória que comporta, é possível defender que tampouco era essa a carga que os psicólogos soviéticos quisessem sugerir ao usarem o termo “primitivo”. É mais provável que as críticas que sofreram tivessem mais a ver com o crescente clima de tensão política e patrulha ideológica que começava a se instaurar na União Soviética a partir dos anos trinta do que com a teoria propriamente dita.

o autor cita uma frase de Pavel Blonski<sup>39</sup>, seu único professor de psicologia na universidade, que diz que “o comportamento só pode ser entendido como história do comportamento” (1995, p. 68; 1997, p. 93; 1999ad, p. 98).

Ainda no livro de 1930, Vigotski afirma que, na linha evolutiva que vai do macaco para a criança, passando pelo homem primitivo, há mudanças cruciais ocasionadas por eventos específicos, mudanças que representam vínculos que ligam uma etapa do desenvolvimento à seguinte. Da passagem do macaco para o homem primitivo, há o uso e “invenção” das ferramentas; no homem primitivo, o início do trabalho e do desenvolvimento da linguagem e outros signos psicológicos significam o começo do comportamento cultural (no sentido de um comportamento mais complexo e próximo do homem desenvolvido); finalmente, na criança, há a ruptura da linha do desenvolvimento em duas: uma psicológico-natural e uma psicológico-cultural. Enquanto a linha natural de desenvolvimento seria a que responde pelas funções biológicas humanas, como por exemplo percepção e atenção involuntárias, a linha de desenvolvimento cultural seria aquela que se desenvolve à medida que a criança cresce, e é constituída pelo que Vigotski e Luria chamavam de funções psicológicas superiores – memória e atenção voluntárias, solução de problemas, imaginação etc. Embora exista essa divisão entre linhas, Vigotski chamava a atenção para que as estudássemos numa síntese complexa, e afirmava que uma tarefa básica de sua investigação era precisar justamente as leis da estrutura e desenvolvimento dessa síntese (Vygotski, 1995).

Para James Wertsch, a abordagem teórica de Vigotski pode-se resumir em três temas básicos (1985, pp. 14-15): a) a crença num método genético, desenvolvimental ou, em nossas palavras, históricos; b) afirmação de que os processos psicológicos superiores no indivíduo

---

<sup>39</sup> O filósofo, psicólogo e pedagogo ucraniano Pavel Blonski (1884-1941) teria sido, de acordo com o historiador da psicologia russa David Joravsky (1989, p. 220), o primeiro psicólogo a aceitar o regime soviético e a pregar a necessidade de uma psicologia marxista.

têm suas origens em processos sociais; e c) a de que esses processos mentais só podem ser compreendidos se compreendermos as ferramentas que signos que os medeiam. Esta é uma forma de sintetizar o que dissemos nos parágrafos anteriores. Outra característica importante, lembrada por Rego (1999, p. 41), é a de que a relação entre o homem e seu meio sócio-cultural tem natureza dialética; ao mesmo tempo que o indivíduo *age* sobre seu entorno e o modifica, é também modificado por ele. Vigotski justifica isso epistemologicamente declarando que estudar algo historicamente é estudar esse algo em movimento, e essa seria a exigência básica do método dialético (1995, p. 67).

Enfim, são muitos os termos e conceitos que integram a teoria de Vigotski, e falar sobre eles de forma pouco aprofundada pode complicar nossa compreensão de seu esquema teórico, ao invés de esclarecê-la. A idéia aqui, como dissemos, era ter uma noção das categorias que fazem parte de seu pensamento. Algumas delas aparecem aí de uma forma ou de outra; palavras como *mediação, ação, atividade, signo, significado, história e cultura*. A despeito de uma aparente multiplicidade e talvez até excesso de temas e conceitos, Wertsch afirma que cada tema só pode ser bem entendido se considerarmos a sua relação com os outros (1985, p. 15); isto condiz, inclusive, com a abordagem vigotskiana de análise por unidades em contraposição à análise por elementos. É por isso que, nessa altura de nosso raciocínio, desejávamos relativizar em alguma instância a precisão de uma unidade de análise na obra do psicólogo russo. É bastante complicado nos decidirmos pelo significado ou pela atividade, um em detrimento do outro; afinal, como nos lembra Wanda Aguiar, quando internalizamos alguma atividade cotidiana, não é apenas uma atividade que se internaliza, mas uma atividade com significado (Aguiar, 2001). A própria linguagem, considerada o principal instrumento psicológico na teoria histórico-cultural, não deixa de ser em si mesma um tipo de atividade. Wertsch, del Río e Alvarez (1998) defendem que, na pesquisa sociocultural de orientação

vigotskiana de modo geral, há uma inequívoca inter-relação entre os conceitos de ação e mediação; Zanella (2004, p. 127) enfatiza a importância de categorias como significação e atividade; e Smolka (1999, p. 26) fala em ações que adquirem múltiplos sentidos e se tornam práticas significativas a depender das relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros; já Zinchenko (1998) localiza essa divergência teórica no cerne das distinções entre a psicologia histórico-cultural de Vigotski e a psicologia da atividade de Leontiev. Zinchenko coloca que Leontiev foi aos poucos se deslocando do significado para enfatizar a atividade, à medida que seu programa de pesquisa se desenvolveu no decorrer do século XX.

Parecem ser muitas as possibilidades de leitura. Levando em conta as principais “tendências” no que se refere à unidade de análise, falar em “ação mediada” (Vigotski, 1999af, p. 188) pode sugerir uma espécie de meio termo entre estudiosos que defendam o significado e aqueles outros que se colocam pela atividade ou pela ação. Em verdade, o que para nós emerge como mais importante dessa discussão é a necessidade de se discutir, inclusive na psicologia contemporânea, qual a categoria mais apropriada, ou quais são elas – a possibilidade de haver mais de uma é razoavelmente grande – para analisar o fenômeno psíquico humano – a consciência em toda sua integralidade, diria Vigotski. Admitir a possibilidade de estudá-la não é algo exatamente novo na ciência psicológica, mas permanece atual a preocupação de fazê-lo com uma metodologia cuidadosa, compreensiva e ao mesmo tempo compartilhável. Esta preocupação pode se revelar, em nossa opinião, numa categoria de análise que leve em conta, por um lado, as características históricas e culturais que, em todo momento, parecem contingenciar a existência do fenômeno psíquico; e por outro, considere a implicação dos sujeitos no processo de investigação científica sem abdicar da

propriedade, característica das ciências humanas e da psicologia em particular, de compreensão<sup>40</sup> e transformação do fenômeno psicológico e também de toda a realidade.

### 5.5. A consciência: síntese das formulações vigotskianas

Para falarmos sobre o conceito que constituía o principal foco de análise desta dissertação, iniciamos este capítulo visitando alguns textos de correntes psicológicas existentes nos anos vinte do século passado criticadas por Vigotski (e, não por acaso, que permanecem grandes representantes da psicologia até hoje). O behaviorismo metodológico de John Watson defendia a psicologia como uma ciência que estudasse o comportamento humano, análoga a qualquer ciência natural, lidando com eventos observáveis e compartilháveis cientificamente; dentro dessa perspectiva, a consciência naturalmente não se encaixava – sua existência não era necessariamente negada pelos behavioristas, mas ignorada, uma vez que não possuía acesso objetivo. Tivesse entrado em contato com as idéias de outros behavioristas a partir dos anos trinta (como o próprio Skinner), Vigotski talvez pudesse ter realizado diálogos mais prolíficos com a teoria comportamental. Já a psicanálise freudiana possuía características bastante diferentes da perspectiva watsoniana. Nos textos a que tivemos acesso, Freud

---

<sup>40</sup> Nesta frase, Vigotski preferiria o termo *explicação* à palavra *compreensão* ou *descrição*. Enquanto autores como Pino (2005) enfatizam como contribuição vigotskiana a importância de uma abordagem interpretativa ao fenômeno humano, Blanck (2002, p. 43) afirma que o objetivo do russo seria, pelo contrário, examinar a psique através de uma “explicação científica, determinista e causal” das funções psicológicas. De fato, embora estivesse a par da famosa distinção filosófica *explicação X compreensão* estabelecida pelo alemão Wilhelm Dilthey e tivesse familiaridade com a proposta do filósofo em separar as ciências naturais das ciências humanas com base naquela distinção, Vigotski tinha uma posição bastante interessante a este respeito (1995, pp. 101-105). Ele afirmava, primeiro, que a descrição não era um tipo de análise suficiente em psicologia, visto que duas ações podem ter externamente a mesma aparência e nem por isso ser similares; e também que poderíamos refletir se a passagem da descrição para a explicação não seria uma característica da maturação das ciências em geral. Aliado a isso, ele dizia, ainda, que para realizar tal passagem, era preciso mais do que substituir um conceito por outro: a ampliação da análise descritiva incluía, segundo ele, a etapa de definição do “nexo genético” e na medida em que se desenvolvia e, assim, a ciência se converteria em explicativa. Para ele, vários conceitos de outros campos científicos passavam de descritivos a explicativos graças ao reforçamento desse vínculo genético. O fenômeno não se definia, dizia, por sua forma externa, mas por sua origem real (p. 102). Em tempo, uma declaração interessante de Alvarez e del Río (1998, p. XXI): “Porque uno de los conceptos esenciales en la aproximación vygotkiana a la psicología es que su modo de explicación, en la medida en que parte de presupuestos auténticamente evolutivos e históricos, no es especulativo, sino constructivo. Es decir, la explicación teórica se valida en la medida en que sea posible construir la estructura que se trata de explicar.”

defendia o inconsciente como objeto de estudo por excelência da corrente psicanalítica; e enfatizava que esse e outros fenômenos psíquicos (como a consciência, parte menos significativa da psique) não só eram de natureza irreduzível a qualquer espécie de substância como também só podiam, por conta disso, lidar com hipóteses puramente psicológicas: isso significava que nenhum conhecimento da física ou da química seria suficiente para dar conta de apreender o fenômeno psíquico. Tais declarações incorriam, para Vigotski, em idealismo; e ele considerava o sistema freudiano como tendo um caráter anti-dialético e anti-histórico (ainda que admirasse vários aspectos da teoria). Também a Gestalt admitia a possibilidade da consciência (embora não se dedicasse declaradamente a seu estudo); a proposta desse sistema e de alguns seus representantes, a exemplo de Wertheimer, Koffka e Köhler, buscava superar dualismos e atomismos característicos de grande parte das correntes psicológicas da época. Grande admirador da Gestalt, Vigotski tinha grandes zonas de contato com seus teóricos; ele fazia críticas, principalmente, à falta de historicidade das estruturas gestálticas, as quais, ao invés de problemas, tornavam-se postulados que guiavam a priori muitas das pesquisas nessa área. Provavelmente, a teoria das relações parte-todo constitui a contribuição da Gestalt mais significativa ao pensamento do psicólogo soviético.

O breve exame de algumas teorias psicológicas serviu para dar sentido à crítica de Vigotski quanto à crise na psicologia, e caracterizar a proposição de seu conceito de consciência. Percorremos alguns de seus textos e vimos que o conceito passa de um viés mais estritamente reflexológico para um de natureza mais social e semiótica – por conta, no caso, da proposição, em um de seus escritos, do significado da palavra como unidade de análise psíquica. O problema da discordância quanto ao que deva ser essa unidade foi relatado por nós; dedicamo-nos, por algumas páginas, a uma exposição rápida de algumas asserções básicas da teoria histórico-cultural vigotskiana – em primeiro lugar, para dar uma noção ao leitor do que

viria a ser o caráter social da consciência; depois, de como instâncias culturais e históricas formam as funções psicológicas superiores e, principalmente, de como uma análise essencialmente histórica daria conta do estudo dessas funções. Por último, tentamos mostrar de que forma a análise semiótica, o significado das palavras e outros signos poderiam explicar os fenômenos psíquicos. Mapeamos duas unidades básicas de acordo com a perspectiva de Vigotski ou com o ponto-de-vista da escola psicológica soviética – o significado e a atividade; e refletimos sobre a dificuldade (e talvez mesmo a inutilidade) em definir uma unidade de análise específica, tendo em conta a complexidade do objeto a que nos dedicamos, em psicologia, a estudar.

Outra reflexão importante deste capítulo foi o resgate da metáfora do espelho, utilizada por Vigotski em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1999ah) para ilustrar a condição epistemológica da categoria consciência. Ele declara, no artigo, que os dualismos em que incorrem algumas teorias psicológicas se devem a uma confusão entre epistemologia e ontologia. Essa confusão ocorre quando tomamos por subjetivo um evento psíquico, quando este último, em verdade, tem natureza objetiva. Assim, comparando a consciência a um reflexo no espelho, ele afirma que devemos estudá-la não como algo totalmente real nem como uma imagem ou ilusão simplesmente, e sim como um evento que é real de outra forma. A consciência deve ser estudada como um fenômeno resultante da realidade e da internalização desta; a breve explicação de sua teoria histórico-cultural também teve o intuito de nos ajudar a visualizar de que modo a realidade é refletida na consciência.

A noção da consciência refletindo a vida, a realidade, não era uma metáfora original de Vigotski; vimos, por exemplo, que Lenin fez bastante uso dela em pelo menos um de seus escritos filosóficos (1982). Ainda que não falemos exatamente em reflexo, a relação

unidirecional realidade → consciência é característica de Marx e Engels, e é considerada, para alguns historiadores (Graham, 1987, 1994), uma das premissas do materialismo dialético, inclusive na Rússia. Tampouco Vigotski foi o único psicólogo soviético a se dedicar à consciência de um ponto-de-vista inspirado no marxismo; seu contemporâneo Sergei Rubinstein (1889-1960) foi um dos teóricos mais conhecidos a se dedicar ao problema da natureza da consciência e sua relação com o mundo material (Rubinstein, 1968), e se utilizava da metáfora do espelho, de certa forma, quando afirmava que o fenômeno psíquico era reflexo do mundo enquanto realidade objetiva (1968, p. 11). O programa rubinsteiniano, dedicado ao estudo da consciência e com fortes preocupações filosóficas, embora próximo cientificamente, não se afinava política e ideologicamente com o vigotskiano; para Joravsky (1989), a ascensão rápida e pouco explicada de Rubinstein a cargos importantes na psicologia soviética teria causado desafetos nos discípulos de Vigotski – e fez o próprio Rubinstein criticar ou ignorar severamente trabalhos elaborados na perspectiva vigotskiana (1989, p. 459). De qualquer forma, o argumento aqui é que o tema da consciência, em especial de um ponto-de-vista inspirado pelo marxismo, era recorrente na psicologia russa desde o início dos anos vinte – ou desde o eclodir da Revolução Russa, também é uma possibilidade de leitura. Luria e Leontiev, a partir dos anos trinta, também desenvolveram seus programas de forma mais independente, mas ainda inspirados pelas reflexões geradas na época da suposta *troika*; é também a partir desse desenvolvimento que, no curso de suas próprias investigações, os parceiros de Vigotski, especialmente Leontiev, alçaram a atividade à categoria de análise psicológica e fundaram uma escola de orientação sensivelmente distinta da histórico-cultural – embora com as mesmas raízes.

Assim, temos, bem resumidamente, os seguintes temas de pesquisa recorrentes: a preocupação com uma psicologia informada pelo marxismo e por alguns problemas sociais



enfrentados pela União Soviética e o contínuo exame científico e filosófico da consciência e de suas relações com o mundo. Esses itens constituíram uma pauta básica de investigação tanto para Vigotski, no caso, o objeto dessa dissertação, quanto para seus parceiros Leontiev e Luria, e ainda toda uma geração de psicólogos e outros cientistas soviéticos que viveram e produziram durante a primeira metade do século XX.

## **6. CONCLUSÃO**

É muito difícil terminar de escrever. As razões para essa dificuldade são, no entanto, basicamente as mesmas que descrevemos no início da dissertação. Parece que começos e fins são complicados pelo mesmo motivo, por estancarem um determinado fluxo – aqui, neste caso, de idéias; dessa forma, os meios ou os processos seriam mais importantes, ou ainda, de um ponto de vista dialético, o que seria mais importante, de fato, seria o movimento, a transição entre uma etapa e outra. Assim, não seria o caso de desmerecer o valor da conclusão; mas sim o de ter em mente que ela, como as anteriores, é mais uma etapa, e uma condição para as etapas que se seguem a ela.

Mantendo ainda este ponto de vista, é objetivo nosso realizar, aqui, uma síntese do caminho já percorrido; o percurso de investigação, revisitado, poderá resgatar e ainda atualizar os sentidos de algumas das reflexões feitas durante o percurso, o que é uma forma de tentar responder ao problema inicial de pesquisa.

### **6.1. Síntese do caminho percorrido**

Em primeiro lugar, procuramos retratar um Vigotski circundado por cadeias de eventos pessoais, históricos, políticos e ideológicos que, ao correrem paralelamente e se entrecruzarem, contingenciaram sua formação como pesquisador, profissional e cidadão. A Revolução Russa, o advento do regime comunista e sua posterior transformação figuram, talvez, entre os eventos mais relevantes no percurso de Vigotski e fazem-nos compreender sua adesão ao materialismo dialético enquanto filosofia da ciência e lente para enxergar o mundo.

Estes eventos também podem figurar como importantes na explicação para a rápida ascensão de Vigotski nos meios acadêmicos soviéticos e sua ainda mais rápida impopularidade a partir dos anos trinta, levando à proibição de sua obra de 1936 até 1956 (Stalin falecera em 1953). Também podemos imaginar que as difíceis condições da extinta União Soviética possam ter não apenas atrasado a divulgação de sua obra, como ainda tenham-na feito de forma um tanto distorcida, cortando, por exemplo, passagens de citações de Lênin e Marx (como foi o caso da primeira reedição de *Pensamento e Linguagem*, em 1962). Embora se considerasse um marxista genuíno, Vigotski possuía argumentos por demais complexos e sutis para ser compreendido por alguns de seus colegas de trabalho, os quais pareciam não se preocupar em ter opiniões próprias, e sim, afiliar-se rapidamente a algum grupo de opiniões oficiais; esta é, pelo menos, a hipótese de Kozulin (1994). Kozulin ainda afirma que Vigotski rechaçava por completo o papel da ideologia marxista comandando a investigação científica (1994, p. 229); isto nós mesmos pudemos constatar em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (Vigotski, 1999ah), quando o autor afirma que a psicologia marxista ainda não está pronta precisamente porque deve ser construída, e que extrair conceitos do marxismo e transpô-los para a ciência psicológica era uma revolução meramente terminológica, ou ainda, “uma tosca deformação do marxismo e da psicologia” (1999ah, p. 392). Este artigo, inclusive, foi um dos textos que mais tardiamente apareceu publicado mesmo em russo, em 1982; e não é improvável que seu conteúdo profundamente ideológico, mas em nenhuma instância panfletário, tenha contribuído para tanto atraso.

Em seguida a estas primeiras reflexões, resgatamos um Vigotski que partiu do profundo conhecimento da literatura tanto soviética quanto de outras culturas européias, da filosofia e do trabalho como educador para reflexões sobre a natureza e a formação da mente e sobre as relações entre os seres humanos. Assim, ele “desembocou” na psicologia enquanto campo de

estudo científico e este passou a ser seu principal e declarado interesse, aliado, ao longo dos anos, a problemas mais específicos do campo da pedagogia ou da pedologia<sup>41</sup>.

Seja pelas condições do agitado contexto sócio-político e ideológico soviético ou pela sua bagagem intelectual altamente interdisciplinar que o fazia aproximar-se da psicologia de forma menos “viciada” (Wertsch, 1985), Vigotski produziu uma reflexão muito importante, ao que nos interessa, sobre a ciência psicológica. Ele empreendeu uma trabalhosa análise das principais teorias e correntes psicológicas existentes nos anos vinte, como psicanálise, reflexologia, psicologia subjetivista, Gestalt, behaviorismo, reatologia e psicologia personalista. A partir daí, ele produziu uma síntese na qual diagnosticava uma crise, um quadro de fragmentação e ausência de diálogo entre teorias. O significado dessa crise se revelava num profundo dualismo existente na psicologia; como já dissemos anteriormente (vide capítulo quatro), de um lado, agrupavam-se teorias e sistemas que negavam a possibilidade de acessar o fenômeno psicológico ou subjetivo e estudá-lo por vias cientificamente rigorosas; tais correntes restringiam-se, assim, ao que podia ser observado de forma objetiva e corriam o risco, para Vigotski, de perder seu *status* de ciência independente das outras ciências naturais. Do outro lado, estavam aquelas psicologias que se empenhavam em defender a psique como objeto de estudo, incorporando, em sua investigação, métodos cientificamente pouco confiáveis como a introspecção e ainda outros tipos de relatos impregnados de subjetividade; já estas correntes, por adquirirem singularidade e autenticidade em matéria de objeto de estudo e metodologia, não conseguiam se integrar ao corpo das disciplinas científicas da época, como a física, a fisiologia etc.

---

<sup>41</sup> Kozulin (1994) define a pedologia como uma parte da psicologia educativa cujos temas transcendiam os da pedagogia tradicional; e também poderia ser descrita como o “o estudo da criança”; uma abordagem de natureza mais disciplinar. A pedologia foi ideologicamente condenada pelo regime stalinista nos anos trinta (van der Veer & Valsiner, 1996).

Vigotski pensava, num raciocínio dialeticamente paradoxal (Kozulin, 1994), que a resposta para a saída da crise estava na própria crise. Partindo dela e encarando-a como tendo um valor positivo, era possível romper com o quadro vigente e, assim, pensar e empreender uma espécie de “caminho-síntese”. Este caminho possuía algumas “reflexões-diretrizes”: primeiro, a necessidade de uma revisão metodológica. O método se constituía, como já dissemos antes (vide capítulo um), numa alavanca por meio da qual a filosofia dirigia a ciência (Vigotski, 1999ah, p. 391). A importância de uma reflexão filosófica era tamanha em seu pensamento que ele afirmava: “O psicólogo engana-se totalmente a si mesmo se acreditar que o trabalho de laboratório pode levá-lo a resolver as questões fundamentais de sua ciência: essas questões pertencem à filosofia” (1999ah, p. 351). A partir de então, Vigotski recorria ao marxismo para, em posse de uma concepção de mundo, homem e natureza, defender uma metodologia de caráter histórico e dialético em psicologia que pudesse unificar a ciência e dar conta dos fenômenos que se encontravam em seu escopo de investigação. Isto nos leva à outra diretriz fundamental: a possibilidade do acesso ao fenômeno psíquico, no caso, a consciência, defendendo a idéia de que esta possuía uma existência em si objetiva. Uma psicologia com uma metodologia integrada, livre da “doença” do empirismo<sup>42</sup> e da confusão conceitual entre ontologia e epistemologia poderia dar conta do estudo da consciência e permanecer dentro do campo científico tradicional.

É certo que há muitos pormenores que, confrontados, revelam contradições sutis no pensamento de Vigotski, e algumas de suas idéias foram se modificando ao longo dos anos.

Ainda assim, não é descuido afirmar que o tipo de preocupação metodológica que possuía

---

<sup>42</sup> Em tempo de notas de rodapé: Vigotski responsabilizava o empirismo pelo dualismo na psicologia. Grosso modo, esta filosofia pregava a existência de uma realidade objetiva, a qual independia da nossa impressão sobre ela. As nossas *impressões*, para usar um termo cunhado pelo grande filósofo escocês David Hume (2001), eram formuladas no contato com esta realidade. Neste sentido, a psicologia, querendo estabelecer-se no campo das ciências naturais, precisava possuir esta premissa – devemos cientificamente estudar a realidade objetiva, física, tal como ela é. Mas o problema era que a psicologia, ao assumir uma perspectiva empirista, tornava-se justamente a ciência natural do estudo de eventos não naturais (Vigotski, 199ah). Por essa razão, ela se bifurcava em materialista e idealista, à maneira do diagnóstico vigotskiano.

aparece como uma constante em vários de seus textos, teorias e conceitos. Desde 1924, por exemplo, em seu primeiro livro publicado, *Psicologia Pedagógica* (2003), ele já tocava nos assuntos de crise e de uma psicologia objetiva que pudesse estudar a consciência, e estes assuntos também são comentados, claro, com menor profundidade, em *Psicologia da Arte* (2001), um escrito terminado aproximadamente em 1925. Sua teoria histórico-cultural, elaborada entre os anos de 1928 e 1932 e que situava o desenvolvimento do homem na cultura e em vários níveis da história e discutia as suas funções psicológicas superiores, também não deixa de realizar, em suas proposições teóricas e empíricas, muito das reflexões epistemológicas e da visão de mundo que ele propunha; pensamos que o mesmo pode se dizer de conceitos como o de zona de desenvolvimento proximal, embora uma exame mais cuidadoso seja, neste caso, necessário.

Atrelada a esta reflexão metodológica e à preocupação com a constituição da psicologia enquanto ciência estava a proposta de Vigotski do estudo da consciência – foi o que procuramos mostrar em seguida. Para despertar essa reflexão, começamos o capítulo em questão retomando algumas características de correntes psicológicas que faziam parte do “diagnóstico” de Vigotski, no intuito de compreender as críticas que ele fazia a algumas dessas teorias, e até que ponto tais críticas faziam sentido. As seções dedicadas a essa discussão também serviram como uma espécie de rápido panorama da psicologia nos anos vinte do século passado, mais especificamente, do behaviorismo metodológico, da psicanálise e da Gestalt; era no mínimo justo que pudéssemos ver as psicologias com as quais Vigotski dialogava de um ponto-de-vista um pouco menos contaminado do que apenas a opinião do autor.

Depois de dar alguma voz a outros autores acerca do que viria a ser um possível objeto de estudo para a psicologia, voltamos nosso foco à análise vigotskiana da consciência. O conceito de consciência e a forma como devemos estudá-la são, para nós, uma forma de materializar as preocupações que ele tinha, principalmente quando nos debruçamos sobre três fatores em particular: a natureza material e objetiva do fenômeno psíquico; o método de acessar essa consciência, através do estudo do desenvolvimento das funções psicológicas ao longo da história de forma inter-relacionada ou sistêmica; e finalmente, em outra resolução de natureza metodológica, uma espécie de conceito mais operacional, que seria a proposição de uma unidade de análise para empreender o estudo da consciência – como discutimos no capítulo cinco, provavelmente, o conceito de significado.

## **6.2. Outro Vigotski ou algumas implicações para a educação**

Foi nosso intento, no curso desta dissertação, mostrar um Vigotski um pouco diferente do habitual, principalmente no cenário acadêmico brasileiro. O “Vigotski habitual” tornou-se, a partir dos anos oitenta, uma das grandes referências nas discussões no campo da psicologia da educação, do desenvolvimento infantil e das relações ensino-aprendizagem na escola, ao lado de autores como Jean Piaget e Henri Wallon. A relação aprendizagem-desenvolvimento (Oliveira, 1993), a qual se concretiza na noção de zona de desenvolvimento proximal, é uma idéia fundamental no corpo de reflexões trazidas pelo psicólogo soviético. São ainda importantes o processo de formação de conceitos, a importância do brincar na educação infantil (Cerisara, 2000) e o papel do outro na construção do conhecimento (Rego, 1997).

Estes são tópicos que ressoam na prática direta do educador e de outros profissionais que atuam no campo da pedagogia, principalmente. Neste sentido, entretanto, Marta Kohl de

Oliveira (1993, p 102; 2000, pp. 11, 12) faz uma reflexão importante: ela lembra que o campo da educação é um dos que possui uma relação mais problemática entre prática e teoria; enquanto, de um lado, os professores esperam da teoria um “como fazer” rápido e eficiente; o pesquisador, de modo geral, busca em sua investigação produzir um conhecimento com algum poder explicativo, mas que não necessariamente gera propostas de atuação diretas. No caso de Vigotski, este problema quase passa a adquirir o caráter de solução: se seu trabalho, por conta do pouco tempo que teve para se desenvolver, não possui indicações muito precisas sobre como deve agir o professor em sala de aula ou qual a melhor estratégia para desenvolver no tempo adequado a linguagem de uma criança (embora sua preocupação com a prática fosse grande), por outro lado, ele pode inspirar uma reflexão importante sobre como funciona o ser humano, de que ponto-de-vista realizar a pesquisa em educação e outras áreas relacionadas.

Ainda assim, se em algum momento, especialmente ao justificarmos a escrita dessa dissertação, demos a entender que Vigotski não seria importante para o campo da educação, desfazemos agora este mal-entendido. É por esta razão que a reflexão de Marta Kohl vem em boa hora, pois, de certa forma, foi da perspectiva comentada pela autora que o propósito dessa dissertação surgiu – deste “outro” Vigotski. Este pesquisador, sobre o qual nos debruçamos aqui, elaborou reflexões de cunho epistemológico e metodológico que amparam problemas atuais dentro das ciências humanas de modo geral e, mais especificamente, na psicologia e na pedagogia – talvez nisto resida boa parte de sua atualidade. Dessa forma, isso não significa que ele não seja fundamental para o campo da educação. Mesmo uma reflexão epistemológica, ou ela em especial, ressoa no campo da prática pedagógica, e também por esta razão procuramos resgatar esse tipo de crítica.



Este Vigotski “normativo”, cujas idéias são rapidamente transformadas em orientações práticas, deve ser minimamente repensado e, em alguns casos, combatido – porque ele não existe, propriamente. E se, por um lado, o que havia de orientação ou “como fazer” em suas obras vai gradativamente perdendo o sentido, já que foi, como quase todo conhecimento, construído em condições sociais e históricas muito específicas, o valor crítico e epistemológico dos textos não tem uma data exata para “expirar”: seu caráter menos contingente torna possível o diálogo com diferentes condições e contextos e é difícil, por conta disso, considerá-lo normativo em alguma instância. Esta característica não é exclusiva dos textos de Vigotski; certamente, em todo autor cujo pensamento possua posicionamento crítico acerca da construção do conhecimento (tanto em ciência quanto em outras áreas), é possível dele extrair uma reflexão para o tempo presente. Para nós, este é um grande valor da epistemologia.

Pode ser um modo de pensar dialético dizer que, diante dessas colocações, sabemos quais *não* são as implicações do pensamento de Vigotski, em especial de seu conceito de consciência, para a educação. Sabemos o que *não* devemos fazer. É muito precipitado extrair de conceitos como “consciência” e “significado” orientações sobre como agir numa situação específica, por exemplo, em sala de aula.

No entanto, existe, em educação, outro campo de reflexões onde a noção de consciência é central. Este conceito foi um tema de interesse e pesquisa frequentes na obra de educadores famosos – entre eles, o pernambucano Paulo Freire (1921-1997), o qual, em sua pedagogia crítica, enfatizou o papel da educação popular na formação da consciência crítica (Freire, 2005). Embora não devamos equivar o conceito de consciência psicológica (tal qual proposto por Vigotski) com o de consciência crítica de Freire, há, pelo menos, uma influência

em comum a ambos os autores: o marxismo. Talvez seja por influência do marxismo que o conceito de consciência é tão importante para esses teóricos; mas, decerto, era a consciência de classe o que mais interessava a Marx. Já no caso do clássico livro de Georges Snyders, *Escola, Classe e Luta de Classes* (2005), vemos a defesa de uma possível escola, de posse de conceitos marxistas como o de luta de classes. Embora não faça uso explícito do conceito de consciência, o autor francês refere-se a este de forma indireta quando, ao assumir a escola como um local de contradições dialéticas, invoca “a iniciativa, a capacidade e a alegria de agir por si próprio, de crescer e de dirigir o seu crescimento” (2005, p. 119) para fazer da escola um local que lute pela democracia e pelo fim das desigualdades econômicas e sociais.

No caso específico de Vigotski e da proposição de seu conceito de consciência no âmbito da psicologia, acreditamos que haja algumas reflexões das quais a educação possa se beneficiar. Podemos, primeiramente, pensar na escola como um local privilegiado de desenvolvimento dos processos psíquicos que compõem a consciência, já que é no contexto escolar que as crianças passam grande parte de seu tempo. Aliado a isso, há a natureza material e objetiva do fenômeno da consciência e sua formação através da cultura e de seus instrumentos (físicos e simbólicos). Estes fatores nos ajudam a pensar na situação, no ambiente em que se dão os processos de ensino e aprendizagem; e podem significar que devemos estar atentos aos elementos que constituem essas situações pedagógicas e nas relações entre estes elementos. E de forma mais geral, a idéia de uma consciência formada pela história em seus diferentes níveis pode nos auxiliar a conceber também uma escola cuja análise histórica seja fundamental para sua compreensão e contínua transformação. Assim, reafirmamos a importância, inclusive no âmbito da educação, de estudarmos de forma crítica o conceito de consciência na obra de L.S. Vigotski.

### **6.3. Vigotski e a consciência: desdobramentos**

Quando refazemos o caminho percorrido durante a dissertação e sintetizamos as idéias e reflexões que estiveram nela presentes, pretendemos resgatar a importância do resgate teórico que fizemos, e também buscamos, mais uma vez, legitimar a escolha de nosso tema de pesquisa. Resta, ainda, e este é outro passo fundamental, pensar na presença do pensamento de Vigotski nas ciências hoje, de como esta presença se dá. É necessário, também, pensar se ecoam, de alguma forma, as reflexões sobre o conceito de consciência, e se a contribuição vigotskiana a este conceito tem alguma implicação, em especial na psicologia.

#### **6.3.1. Significado, co-construtivismo e outras apropriações**

Há um aspecto que consideramos bastante interessante ao discutirmos Vigotski teoricamente. É o valor do significado enquanto unidade de análise na psicologia (e também em outras áreas das ciências humanas, como a própria educação). E quando falamos em significado, não queremos nos referir especificamente à unidade proposta por Vigotski em certa altura de seus trabalhos (o significado da palavra, no caso), mas ao significado como uma categoria um pouco mais ampla – levando em conta que nosso soviético tem algo a ver com isso. O psicólogo Jerome Bruner conta que a primeira vez que ouviu falar de Vigotski foi nos anos cinquenta, época em que ele e a maioria dos psicólogos ocidentais só haviam ouvido falar numa psicologia “paleopavloviana” (Bruner, 1985); a abordagem vigotskiana, naturalmente, tinha não só o frescor de uma novidade recentíssima (já que foi banida oficialmente até 1956, e circulava nos meios acadêmicos apenas extra-oficialmente) como também possuía várias características que a diferenciavam bastante de qualquer teoria psicológica orientada por Pavlov. Mais do que isso, ela terminou servindo como grande inspiração para que Bruner se

tornasse, a partir dos anos sessenta, um dos grandes nomes da psicologia cognitiva e da psicologia da educação. Um de seus livros mais recentes, editado no Brasil, é o *Atos de Significação* (1997), que nos ajuda a compreender em que sentido a contribuição vigotskiana se faz presente na orientação do psicólogo norte-americano e por que tocamos em seu nome aqui. No livro de 1997, Bruner afirma que a produção de significados ocupa um lugar central na ação humana, e que uma psicologia que estuda tais ações é necessariamente cultural (p. xi). Em sua dissertação de mestrado, Mesquita (2005) nos lembra de outra declaração importante de Bruner: uma psicologia culturalmente sensível preocupa-se não apenas com o que as pessoas fazem, mas no que as pessoas dizem que fazem e, acima de tudo, em como as pessoas dizem que seus mundos são (Bruner, 1997, p. 25). Se levarmos isso em conta, perceberemos como o significado é importante de ser estudado. E isto, prossegue Bruner, não nos torna presas da subjetividade, porque nossa participação na cultura depende da partilha de significados e conceitos, tornando-os, assim, públicos e compartilhados (p. 23). Nós precisamos compartilhar modos de discurso para, explica ele, negociar distinções de significado e interpretação.

O filósofo David Bakhurst (1995) situa Bruner no âmbito dos defensores de uma teoria culturalista forte da mente<sup>43</sup>, isto é, de uma teoria que argumenta em favor da cultura como constitutiva da vida psíquica. Certamente há um preço a se pagar em se defender uma psicologia culturalmente orientada e centrada no significado, ou, para ser menos pejorativo, há uma mudança considerável aí. Bruner argumenta que tal psicologia se moverá numa direção bem diferente dos ideais de *explicação causal*, *reducionismo* e *controle* que foram tradicionalmente enfatizados pela ciência positivista. Finalmente ele pergunta, esperando de nós uma resposta positiva: “Interpretações plausíveis não são preferíveis às explicações

---

<sup>43</sup> “strong culturalists theories of mind”, no original em inglês.

causais, particularmente quando a obtenção de uma explicação causal nos força a artificializar o que estamos estudando a tal ponto que quase impedimos o seu reconhecimento como algo representativo da vida humana?” (1997, pp. xi, xii).

Bruner é um dos importantes teóricos que defendem a importância do significado como uma categoria de estudo na psicologia; entretanto, o pragmatismo, a filosofia analítica e a lingüística, por exemplo, são outros campos que, integrados, constituem uma contribuição multidisciplinar ao estudo do significado ou ainda de outras categorias de natureza semiótica.

Além de Jerome Bruner, muitos são os estudiosos que se apropriaram criativamente das idéias de Vigotski. Essa apropriação criativa deve ser examinada sempre com bastante cuidado; no início deste trabalho, alertamos para o grande impacto que Vigotski possui, especialmente no campo da educação. Muito deste impacto teve como base algumas de suas idéias que podem, em alguns casos, ser tomadas pelo todo, ou seja, pela contribuição mais importante do psicólogo e pedagogo – e nosso objetivo tem sido justamente demonstrar que tomar parte pelo todo não faz jus à complexidade de qualquer autor. Atualmente, o pensamento de Vigotski é utilizado por autores que se filiam a visões de mundo bastante distintas; no livro *Vygotsky: Cientista Revolucionário* (2002), Lois Holzman e Fred Newman se apropriam da abordagem vigotskiana para, em um contexto contemporâneo, desenvolverem a chamada terapia social, de orientação marxista, e colocam Vigotski junto de nomes importantes da anti-psiquiatria como Thomas Szasz, Félix Guattari e Gilles Deleuze. Já o psicólogo Jaan Valsiner, considerado um dos maiores especialistas em Vigotski hoje, foi um dos grandes divulgadores, especialmente no Brasil, da perspectiva co-construtivista em educação e psicologia. O co-construtivismo, inspirando-se em autores como Vigotski, James Baldwin, William Stern, Jean Piaget e Henri Wallon, procurou entender melhor a dimensão social do desenvolvimento humano (Vasconcellos & Valsiner, 1995, p. 18). A idéia desta abordagem é preservar, a um só tempo, o papel central do sujeito que constrói seu mundo, sempre em relação e confronto

com os mundos de outras pessoas e o meio externo de modo geral; e também a importância do mundo social – daí a noção de uma construção conjunta.

Uma conciliação entre epistemologias moderna e pós-moderna é o que propõe, em artigo bastante comentado, o psicólogo da educação norte-americano Richard Pravat (1999). No artigo, o pensamento mais “tardio” de Vigotski é sugerido como capaz de empreender tal tarefa. Pravat indica também o pensamento do filósofo e educador John Dewey como outra espécie de “coluna do meio” epistemológica. O argumento aqui é que, tanto para Vigotski quanto para Dewey, a produção de significados seria um processo semiótico complexo que fugiria ao dualismo mente e mundo típico da epistemologia moderna, e que ainda daria conta de explicar as relações entre linguagem e realidade e entre a atividade mental individual e as práticas sociais, de uma forma como epistemólogos depois da virada lingüística no século XX não fariam.

É bastante difícil avaliar de pronto essas apropriações teóricas do pensamento de Vigotski e, ainda assim, este não seria o espaço para tanto. Stuart Rowlands (2000), por exemplo, argumenta que o pensamento de Vigotski teria sido praticamente virado de cabeça para baixo em sua abordagem objetivista marxista da psicologia e da educação; a autoridade de seu nome estaria sendo invocada hoje muito mais para justificar um relativismo sociocultural, com o qual o próprio Vigotski não estaria de acordo. Rowlands chega a dizer, ironicamente, que se Vigotski estivesse vivo e presenciando a apropriação de seu pensamento na contemporaneidade, provavelmente diria, “ei, eu não sou vigotskiano!” (2000, p. 549) e que, não obstante, muitos autores referem-se a Vigotski para legitimar formas bastante radicais de construtivismo tanto na ciência social quanto na educação, por exemplo. Assim, este tópico –

aproximações e distinções entre a teoria de Vigotski e as teorias que foram construídas inspiradas por ele, pelo menos inicialmente – é um dos que merece reflexão mais cuidadosa.

### **6.3.2. Sobre a consciência hoje**

Parece que não tanto a psicologia, em sua vertente empírica, preocupa-se com a consciência, quanto a filosofia. O ramo da filosofia da mente é um dos mais recentes no cenário filosófico e preocupa-se com questões como: a natureza específica dos processos mentais; como podemos ter certeza de que outros seres humanos possuem processos mentais da mesma forma que nós, o problema do conhecimento de nossa própria mente e ainda outras questões de caráter semântico e metodológico (Churchland, 2004). Certamente, este ramo da filosofia não hesita em dialogar com outros campos da ciência, a exemplo da psicologia cognitiva, a etologia e a neurociência; mas a abordagem é eminentemente filosófica. O periódico britânico *Journal of Consciousness Studies*, por exemplo, dedica-se a debates em sua maioria filosóficos; e a propósito, em uma busca em seus artigos disponíveis na internet, apenas três vezes o nome de Vigotski é referido, e sempre para aludir ao problema da fala interior (*inner speech*), célebre tema de discordância que teve com Jean Piaget em *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001).

Não queremos dizer com isso que a filosofia seja o único campo de estudos que mantém vivo seu interesse em estudar a consciência, pois também já lembramos dos diálogos travados entre a filosofia da mente e outros campos de conhecimento. O afamado neurocientista António Damásio dedicou, recentemente, um livro inteiramente ao assunto (Damásio, 2000) e no campo mesmo da psicologia o assunto é retomado de alguma forma. Numa discussão sobre o problema constitutivo da psicologia, Miller (1985) declara que a crença na consciência como

um fenômeno natural e passível de ser compreendido pela ciência psicológica era uma motivação original do próprio Wundt enquanto fundador da psicologia, e que os psicólogos que adotem a consciência como objeto de estudo hoje não precisam rejeitar quase nada do que seja produzido no escopo de nossa ciência:

eles podem aceitar o inconsciente, pois este define as fronteiras da consciência. Eles podem aceitar a análise comportamental, pois ela fornece a evidência dos processos conscientes. Podem aceitar os estudos de crianças e de animais, pois eles revelam o desenvolvimento da consciência. Eles também podem aceitar simulações por computador, pois elas ilustram a lógica dos processos conscientes; e podem aceitar a atribuição social, já que ela molda a nossa consciência de outras pessoas (1985, p. 42<sup>44</sup>).

Talvez esta colocação de Miller realmente faça sentido e o problema se reduza, assim, a uma questão de nomenclatura e consciência, psique, personalidade, subjetividade etc. sejam variações de um só fenômeno. Mas é verdade que, em cada teoria, o nome que a consciência supostamente assume traz consigo pressupostos filosóficos distintos, e vão se diferenciando, aí, a estrutura, características, dinâmica e modos de acesso, mensuração e compreensão do fenômeno em questão. O próprio Vigotski havia identificado este problema<sup>45</sup> (1999, ah, pp. 213, 214): ao expressarmos um mesmo fato por, digamos, três correntes psicológicas diferentes, esses sistemas

adotarão três formas totalmente distintas; melhor dizendo, teremos três fatos distintos. E, à medida que a ciência avançar, à medida que se acumularem os fatos, obteremos sucessivamente três generalizações distintas, três classificações distintas, três sistemas distintos, três ciências distintas, que estarão tanto mais afastadas do fato comum que as unia e tanto mais afastadas umas das outras, quanto maior for o sucesso com que se desenvolvem.

E voltamos, desta forma, à estaca zero – ao incessante dissenso quanto ao que deva ser o objeto de estudo da psicologia.

---

<sup>44</sup> A tradução a partir do original em inglês foi feita por nós.

<sup>45</sup> Curiosamente, já havíamos chamado a atenção para este comentário no quarto capítulo, seção 4.1.



No Brasil, por exemplo, muitos estudos sobre Vigotski, mesmo que se dediquem à categoria da consciência em si e de forma aprofundada, colocam-na, de modo geral, menos como conceito a ser estudado hoje e mais como conceito que nos auxilia a pensar na noção de sujeito e subjetividade (Pino, 1993; Smolka, Góes e Pino, 1998; Delari Júnior, 2000; Bock, Gonçalves e Furtado, 2002; Góes, 2000; González Rey, 2002; Molon, 2003; Zanella, 2004). Certamente há exceções (Palangana, 2000; Aguiar, 2000; 2001), mas o que predomina, no contexto de autores com algum conhecimento do trabalho de Vigotski, é esta relação com a subjetividade. Novamente podemos pensar se o conceito de subjetividade descende diretamente do de consciência – no caso de trabalhos na linha da escola histórico-cultural, essa aproximação pode ser vislumbrada sem tantos problemas. O já citado Fernando Rey é um dos importantes influenciadores da psicologia sócio-histórica brasileira<sup>46</sup>; sua teoria da subjetividade (González Rey, 2002, 2004), de inspiração explicitamente histórico-cultural, é referida em grande parte dos autores que trabalham com consciência e subjetividade, citados logo acima. Se, entre os autores de inspiração vigotskiana, a conexão entre conceitos como o de consciência, subjetividade e sujeito puder, de fato, ser feita sem distorcer suas características epistemológicas e metodológicas, poderíamos nos arriscar a dizer que o foco específico desta dissertação permanece como preocupação e objeto de pesquisa no cenário da psicologia atual – delimitamos nossa afirmação ao caso do Brasil. A contribuição deste nosso trabalho estaria, em grande medida, em duas reflexões básicas, quais sejam: sobre como nasce, no caso de Vigotski, a preocupação em eleger a consciência como objeto psicológico de estudo; e sobre o caráter da categoria escolhida por ele – sua natureza e seu modo de acesso, apreensão e investigação.

---

<sup>46</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre as nomenclaturas sócio-histórico, histórico-cultural e sociocultural, que extrapola o foco de interesse dessa dissertação, checar o Apêndice A.

Existem, ainda, no Brasil, outros estudos teóricos de psicólogos sobre a consciência, nos quais novamente a filosofia é um aporte importante para a discussão – alguns artigos do pesquisador Arno Engelmann (1997; 1998), da Universidade de São Paulo – USP, encaixam-se neste perfil. Já estudos de caráter predominantemente filosófico, na área da filosofia da psicologia, dedicam-se à consciência em obras como a de Freud e Merleau-Ponty (Furlan, 2001; Simanke & Caropreso, 2005). Essas pesquisas não possuem, entretanto, nenhuma conexão direta com reflexões vigotskianas.

### **6.3.3. Psicologia: crise e possibilidade**

Outra reflexão importante e que devemos fazer nos dias de hoje é acerca da crise diagnosticada por Vigotski nos anos vinte do século passado. Em momento algum da dissertação, nós nos perguntamos se esse diagnóstico estava minimamente correto. De qualquer forma, pensamos que sim; prova disso é que Vigotski não estava sozinho em seu argumento, tendo seguido a esteira de alguns outros pensadores – da psicologia e fora dela (vide capítulo quatro). Mas o que é curioso é que esse problema de fragmentação e falta de consenso parece acompanhar a psicologia até hoje. Giorgi, em texto que discute a articulação da psicologia como uma ciência coerente, afirma que a crise não é contemporânea, mas *perene* (Giorgi, 1985). A crise permanente da psicologia é também um argumento do já citado Luís Cláudio Figueiredo em *Matrizes do Pensamento Psicológico* (1996); e Thomas Kuhn teria acusado a psicologia de ser uma ciência pré-paradigmática, visto não possuir um paradigma com o qual a comunidade psicológica científica estivesse de acordo<sup>47</sup> (Kuhn,

---

<sup>47</sup> É verdade que as idéias de Kuhn foram sofrendo transformações consideráveis desde a década de sessenta, e a própria idéia de paradigma não é exceção quanto a isso. Carone (2003) nos lembra que os psicólogos estão especialmente desatualizados sobre essas transformações no pensamento de Kuhn.

1987). De fato, em pleno século XXI, não possuímos um paradigma, para usar o famigerado termo cunhado por Kuhn, dominante ou consensual.

Entretanto, se a crise é de fato permanente ou perene, algo de bom há de existir nisso. Fourez (2003), ao discutir a crise no ensino de ciências, nos lembra que a palavra crise, no idioma chinês, é escrita com a união de dois ideogramas: um que significa “perigo” e outro que quer dizer “possibilidade” ou “oportunidade”. Se a tal a integração entre correntes psicológicas planejada por Vigotski (e certamente muitos outros psicólogos) não se realizou, talvez esta não seja uma prescrição adequada para a psicologia do século XXI. A socióloga da ciência Karin Knorr Cetina (1997) nos alerta de que a idéia de uma unidade metodológica na ciência é uma exigência típica das ciências naturais; uma exigência com a qual, no entanto, nem mesmo essas ciências podem arcar. Esta dificuldade torna duplamente problemática a crença de que as ciências humanas devam se guiar pelos mesmos parâmetros metodológicos que as ciências naturais; primeiro, porque as ciências humanas possuem, sim, necessidades e características singulares; e segundo porque, para Knorr Cetina, também as ciências naturais possuem o que ela chama de diferentes “culturas epistêmicas” (1997, p. 260).

Ligada a essa questão, está a importância metodológica da reflexão de Vigotski. Como já dissemos aqui, auxiliados pelas afirmações de Knorr Cetina (1997), a integração metodológica que ele propôs talvez já não faça tanto sentido hoje; ela pode, em certa medida, ser explicada pela intenção, algumas vezes expressa pelo autor, de fazer a psicologia integrar-se às ciências naturais (Vigotski, 1999ah). Ele cuida, no entanto, de esclarecer que natural não é o mesmo de biológico e que tampouco deve contrapor-se a termos como “supernatural” [sic] ou “antinatural”; entra, no conceito de natural, também a natureza social e consciente. Ele declara, em seguida, estar “convencido (...) de que ampliar o termo ‘natural’ a tudo que existe

na realidade é completamente racional” (1999ah, p. 389). Ainda assim, acreditamos que mesmo (ou principalmente) a pluralidade metodológica requer cuidado e precisão, em especial no que tange à relação entre a natureza do objeto de estudo e os modos de empreender a análise deste. Se, conforme Rogoff e Chavajay (1995) disseram anteriormente, é preciso antes de tudo formular uma pergunta, o trabalho do pesquisador não termina aí; pelo contrário, está apenas começando. Uma longa história se inicia quando percebemos um fenômeno e nos propomos a investigá-lo. Se nosso esforço teórico nesta dissertação ainda não ilustra bem o caráter dessa reflexão, acreditamos que o olhar de Vigotski sobre o método e sobre a ciência psicológica é um exemplo muito bom disso.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, W.M. J. (2000) Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria “consciência”. *Cadernos CEDES*, 110, pp. 125-142.
- Aguiar, W.M. J. (2001) Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. Em: A. M. Bock.; M. G. M. Gonçalves; O. Furtado. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp.95-110). São Paulo: Cortez Editora.
- Alvarez, A. & del Río, P. (1991). Prólogo a la edición em lengua castellana. Em: Vygotski, L. S. *Obras Escogidas* (pp. XIII-XXVI). Vol. 01. Madrid: Aprendizaje Visor.
- Bakhurst, D. (1991). *Consciousness and revolution in soviet philosophy: from the bolsheviks to Evald Ilyenkov*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bakhurst, D. (1995). On the social constitution of mind: Bruner, Ilyenkov, and the defence of cultural psychology. *Mind, Culture, and Activity*. 2 (3), pp. 158-171.
- Bertalanffy, L. von (1975). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes.
- Bhaskar, R. (1996). Dialética. Em: W. Outhwaite & T. Bottomore (Eds.) *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Blanck, G. (2002). Vygotsky: o homem e sua causa. Em: L. C. Moll (Ed.) *Vygotsky e a educação: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica* (pp. 31-55). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Blanck, G. (2003). Prefácio. Em: L. S. Vigotski. *Psicologia Pedagógica*. (Ed. comentada). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Blanco, A. (1996). Vygotski, Lewin y Mead: los fundamentos clásicos de la Psicología social. Em: D. Paez & A. Blanco (Eds.). *La Teoria sociocultural y la Psicología social actual* (pp. 27-62). Madrid: Fundación Infância y Aprendizaje.
- Bock, A. M.; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (Orgs.). (2001) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez Editora.
- Bottomore, T. (1996). Marxismo. Em: W. Outhwaite & T. Bottomore (Eds.) *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bruner, J. (1985). Vygotsky: a historical and conceptual perspective. Em: J. V. Wertsch (Ed.). *Culture, communication and cognition: vygotskian perspectives* (pp. 21-34). New York: Cambridge UP.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bühler, K.(1927). *Die Krise der Psychologie*. Jena: Fischer.

- Burgess, T. (1999). Ler Vygotsky. Em: H. Daniels (Org.). *Vygotsky: pressupostos e desdobramentos* (pp. 31-68). São Paulo: Papirus Editora.
- Carone, I. (2003). *A psicologia tem paradigmas?* São Paulo: Casa do Psicólogo/ FAPESP.
- Carrilho, M. M. e Sàágua, J. (1991). Objectivos e fronteiras do conhecimento. Em: M.M. Carrilho (org.). *Epistemologia: posições e críticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castorina, J. A. et al (1998). *Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate*. São Paulo: Editora Ática.
- Cole, M. (1990). *Cultural psychology: a once and future discipline*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Cerisara, A. B. (2000). A educação infantil e as implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. *Cadernos CEDES*, 35, 78-95.
- Churchland, P. M. (2004). *Matéria e consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente*. São Paulo: Editora UNESP.
- Cole, M. (1998). Psicologia sócio-histórico-cultural: algumas considerações gerais e uma proposta de um novo tipo de metodologia genético-cultural. Em: James Wertsch, Pablo del Rio e Amélia Alvarez (Orgs.) *Estudos socioculturais da mente* (pp.161-183). Porto Alegre: ArtMed.
- Cole, M. & Scribner, S. (1991). Introdução. Em: L. S. Vygotski (1991). *A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (pp. 01-16). São Paulo: Martins Fontes.
- Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Davydov, V. V. & Radzikhovskii, L. A.(1985). Vygotsky's theory and the activity-oriented approach in psychology. Em: J. V. Wertsch (Ed.). *Culture, communication and cognition: vygotskian perspectives* (pp.33-65). New York: Cambridge UP.
- Delari Júnior, A. (2000). *Consciência e linguagem em Vigotski: aproximações ao debate sobre a subjetividade*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas.
- Demo, P. (1981). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas Publicações.
- Descartes, R. (1988). *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Coimbra: Livraria Medina.
- Dilthey, W. (1951). *Psicologia y teoria del conocimiento*. México: Fondo de Cultrua Econômica.
- Duarte, N. (2001). *Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas, SP: Editora Autores Associados.

- Eco, U. (1989). *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Elhammoumi, M. (2002). To create psychology's own capital. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 32 (1), pp. 89-104.
- Engelmann, A. (1997). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8 (2), pp. 25-68.
- Engelmann, A. (1998). Ciência natural e consciência. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11 (2), pp.273-280.
- Engels, F. (1985). *Dialética da natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Feyerabend, P. (1989). *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Figueiredo, L. C. M. (1996). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fourez, G. (2003). Crise no ensino de ciências? Em: *Investigações no ensino de ciências*. 8 (2).
- Freire, P. (1986). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freud, S. (1999a). Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. Em: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XV, Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise, partes I e II*, (pp. 25-85) . Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1999b). O ego e o id. Em: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIX, O ego e o id*. (pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1999c). Além do princípio do prazer. Em: S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, Além do princípio do prazer* (pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Furlan, R. (2001). A noção de consciência n' A estrutura do comportamento (Merleau-Ponty). *Psicologia USP*, 12 (1), pp.11-31.
- Gillens, J. (2000). Versions of Vygotsky. *British Journal of Educational Studies*. 48 (2), pp. 183-198.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas S. A.
- Giorgi, A. (1985). Toward the articulation of psychology as a coherent discipline. Em: Sigmund Koch e David Leary (eds.) *A century of psychology as a science* (pp. 46-59). New York: McGraw-Hill Book Company.
- Góes, M. C. R. de (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, 20 (50), 9-25.

- Gonçalves, M. da G. M. (2005). O método de pesquisa materialista histórico e dialético. Em: A. A. Abrantes, N. R. da Silva e S. T. F. Martins (Orgs.) *Método histórico-social na psicologia social* (pp. 86-104). Petrópolis: Editora Vozes.
- González Rey, F. (2002). *Sujeto y subjetividad: una aproximación histórico-cultural*. México: Thomson.
- González Rey, F. (2004). *O social na psicologia no social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.
- Goodwin, C. J. (2005). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Graham, L. (1987). *Science, philosophy, and human behavior in the Soviet Union*. New York: Cambridge University Press.
- Graham, L. (1993). *Science in Russia and the Soviet Union: a short history*. New York: Cambridge University Press.
- Hume, D. (2001). *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Editora UNESP.
- Iarochovski, M. F. & Gurguenidze, G. S. (1999). Epílogo. Em: L.S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (pp. 471-515). São Paulo: Martins Fontes.
- Knorr Cetina, K. (1997). What scientists do. Em: T. Ibáñez & L. Iñiguez (Eds.). *Critical social psychology* (pp. 261-273). London: SAGE Publications.
- Köhler, W. (1959). *Gestalt psychology*. New York: The New American Library.
- Kozulin, A. (1994). *La psicología de Vygotski: biografía de unas ideas*. Madrid: Alianza Editorial.
- Kuhn, T. (1987). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Joravsky, D. (1989). *Russian psychology: a critical history*. Cambridge: Basil Blackwell.
- Latour, B. (1996). Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências. Em: M. Serres (Coord.). *Elementos para uma história das ciências III* (pp. 49-76). Lisboa: Terramar.
- Lénine, V. I. (1982). *Materialismo e Empiriocriticismo*. Lisboa: Avante.
- Lewin, K. (1978). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Luria, A. (1994). *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo, Ícone.
- Marx, K. & Engels, F. (1999). *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Marx, K. (1977). Prefácio. Em: *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.



- Marx, K. (1985). *O Capital: Crítica da economia política. Livro 3: O processo global de produção capitalista. Volume IV*. São Paulo: DIFEL Difusão Editorial S.A.
- Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1978). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Mesquita, G. R. (2005). *Significado de infância para professores do ensino fundamental*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador.
- Miller, George A. (1985). The constitutive problem of psychology. Em: Sigmund Koch e David Leary (Eds.). *A century of psychology as a science* (pp. 40-45). New York: McGraw-Hill Book Company.
- Molon, Susana (2003). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vigotski*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Newman, F. & Holzman, L. (2002). *Vygotsky: cientista revolucionário*. São Paulo: Edições Loyola.
- Oliveira, M. K. de (1993). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Oliveira, M. K. de (2000). O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. *Cadernos CEDES*, 35, 11-18.
- Palangana, I. C. (2000). A função da linguagem na formação da consciência: reflexões. *Cadernos CEDES*, 35, 11-35.
- Pino, A. (1993). Processos de significação e constituição do sujeito. *Temas em Psicologia*, 1 (1), 17-24.
- Pino, A. (2005) *Vigotski: as marcas do humano*. São Paulo: Cortez Editora.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. São Paulo: UNIMEP.
- Rego, T. C. (1997). *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Rivière, A. (1985). *La psicología de Vygotski*. Madrid: Visor.
- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (2006). Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. *Psicologia em Estudo*. 11 (1), 129-138.
- Robbins, D. (2001). *Vygotsky's psychology-philosophy: a metaphor for language theory and learning*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

- Robbins, D. (2003). Vygotsky's non-classical dialectical metapsychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 33 (3), 303- 312.
- Rogoff, B. & Chavajay, P. (1995). What's become of research on the cultural basis of cognitive development? *American Psychologist*. 50 (10), 859-877.
- Rosa, A. & Montero, I. (2002). O contexto histórico do trabalho de Vygotsky: uma abordagem sócio-histórica. Em: L. C. Moll (Ed.). *Vygotsky e a educação: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica* (pp. 57-83). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Rowlands, S. (2000). Turning Vygotsky on his head: Vygotsky's 'scientifically based method' and the socioculturalist's 'social other'. *Science and Education*. 9, 537-575.
- Rubinstein, S. L. (1968) *O ser e a consciência*. Lisboa: Portugalia Editora.
- Santos, B. de S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal Editora.
- Shakespeare, W. (1999). *Hamlet*. Porto Alegre, RS: L & PM.
- Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (1998). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Scribner, S. (1985). Vygotsky's uses of history. Em: J. V. Wertsch (Ed.). *Culture, communication and cognition: vygotskian perspectives* (pp. 119-145). New York: Cambridge UP.
- Simanke, R. T. & Caropreso, F.S. (2005). O conceito de consciência no Projeto de uma Psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas. *Trans/Form/Ação*, 28 (1), pp. 85-108.
- Smolka, A. L. B.; Góes, M. C. R. de e Pino, A. (1998). A constituição do sujeito: uma questão recorrente? Em: James Wertsch, Pablo del Río e Amelia Alvarez (Orgs.). *Estudos socioculturais da mente* (pp. 143-158). Porto Alegre: ArtMed.
- Smolka, Ana Luiza B. (2000). O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cadernos CEDES*, 20 (50), pp. 26-40.
- Snyders, G. (2005) *Escola, classe e luta de classes*. São Paulo: Centauro Editora.
- Tenório, R. M. (2003). *Cérebros e computadores: a complementaridade analógico-digital na informática e na educação*. São Paulo: Escrituras.
- Toomela, A. (2000). Activity theory is a dead end for cultural-historical psychology. *Culture and Psychology*. 6 (3), pp. 353-364.
- Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1996). *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola.
- Vasconcellos, V. M. R. de & Valsiner, J. (1995). *Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Vygotski, L.S. (1991). El significado histórico da crise na Psicologia. Em: L. S. Vygotski, *Obras Escogidas. Vol. 01* (pp. 257-407). Madri: Aprendizaje Visor.
- Vygotsky, L.S. (1991b). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L.S. (1993). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S. (1995). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Em: L. S. Vygotski, *Obras Escogidas Vol. 03*. Madrid: Visor.
- Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1997). *Estudos sobre a história do comportamento: Símio, primitivo, criança*. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Vigotski, L.S. (1999a). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999aa). Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 3-55). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ab). A consciência como problema da psicologia do comportamento. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 55-85). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ac). Sobre o artigo de Koffka “A introspecção e o método da psicologia”: a título de introdução. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 87-101). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ad). O método instrumental em psicologia. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 93-102) São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ae). A psique, a consciência e o inconsciente. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 137-159). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999af). O problema da consciência. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 171-189). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ag). A psicologia e a teoria da localização das funções psíquicas. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 191-200). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999ah). O significado histórico da crise na psicologia. Em L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia* (pp. 201-417). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999b). *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999c). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999d). *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes.

- Vigotski, L. S. (1999da). Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike: Princípios de ensino baseados na psicologia. Em: L. S. Vigotski, *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp. 147-178). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999db). Introdução à versão russa do livro de K. Bühler “Ensaio sobre o desenvolvimento espiritual da criança”. Em: L. S. Vigotski, *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp.179-199). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999dc). Prólogo à edição russa do livro de W. Köhler, “Pesquisas sobre a inteligência dos macacos antropomorfos”. Em: L. S. Vigotski, *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp. 201-242). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999dd). O problema do desenvolvimento na psicologia estrutural. Estudo crítico. Em: L. S. Vigotski, *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp. 243-319). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica*. (Ed. comentada). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Vygotsky, L. S. (2004). *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal Ediciones
- Vygotsky, L. S. (1925) Consciousness as a problem in the psychology of behavior. Recuperado em 09 de fevereiro de 2007: <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1925/consciousness.htm>
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177. *Psychological Review*, pp. 273-280.
- Watson, J. B. (1924). The un verbalized in human behavior. *Psychological Review*, 4, 273-280.
- Watson, J. B. (1947). *El conductismo*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Watson, J. B. & W. McDougall (1947). *La batalla del conductismo: Exposición y discusión*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Weber, M. (2005). Economia y Sociedad (trecho). Em: A. M. Castro & E. F. Dias (Orgs.). *Introdução ao pensamento sociológico: Durkheim, Weber, Marx e Parsons*. São Paulo: Centauro Editora.
- Wertsch, J. (1985). *Vygotsky and the social formation of the mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Wertsch, J. (1997). Apresentação. Em: A. R. Luria e L. S. Vygotsky. *Estudos sobre a história do comportamento: Símios, homem primitivo e criança* (pp. 9-13). Porto Alegre, RS: ArtMed.

- Wertsch, J.; del Río, P. e Alvarez, A. (Orgs.). (1998). *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: ArtMed.
- Wertsch, J. del Río, P.; Alvarez, A. (1998). Estudos socioculturais: história, ação e mediação Em: J.Wertsch, P. del Río e A. Alvarez (Orgs.). *Estudos socioculturais da mente* (pp.11-38). Porto Alegre: ArtMed.
- Zanella, A. V. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 9 (1), 127-135.
- Zinchenko, V. P. (1985). Vygotsky's ideas about units for the analysis of mind. Em: J. V. Wertsch (Ed.). *Culture, communication and cognition: vygotskian perspectives* (pp. 94-118). New York: Cambridge UP.
- Zinchenko, V. P. & Davydov, V. V. (1985b). Foreword. Em: J. Wertsch, *Vygotsky and the social formation of the mind* (pp. vii-xi). New York: Cambridge UP.
- Zinchenko, V. P. (1998). A psicologia histórico-cultural e a teoria psicológica da atividade: retrospectos e prospectos. Em: J.Wertsch, P. del Río e A. Alvarez (Orgs.). *Estudos socioculturais da mente* (pp. 41-55). Porto Alegre: ArtMed.

## APÊNDICE A

### **Sócio-histórico, sociocultural, histórico-cultural**

Do que Vigotski pensou, escreveu e sistematizou até o que seus discípulos, próximos e distantes, fizeram para se apropriar de sua obra existe bastante caminho. Em princípio, acreditamos que este é rumo “natural” das coisas e que não há nada necessariamente errado em apropriar-se de algo, muito pelo contrário, às vezes, é quase que imperativo transformar, pela própria passagem do tempo e mudança de circunstâncias. Ainda assim, ou talvez por esta mesma razão, é preciso delinear os contornos que assumem as diversas escolas de psicologia que se inspiram em Vigotski e entender de que forma elas dialogam com o psicólogo. Um exemplo disso é a (à primeira vista) simples nomenclatura que cada abordagem utiliza.

É comum vermos os termos sócio-histórico, sociocultural e histórico-cultural serem utilizados para se referirem ao legado de Vigotski. É errôneo atribuir ao autor mais de um “rótulo”? Provavelmente não. Mas podemos afirmar que, ao escolher um determinado termo, um autor se filia, se não a um conjunto de idéias, pelo menos uma história. Vejamos: falando no contexto de uma importante tradição soviética em psicologia, V. P. Zinchenko (1998) declara que a principal diferença teórica é a que existe entre a psicologia histórico-cultural de Vigotski da teoria psicológica da atividade de Leontiev. Como dissemos no capítulo anterior (vide capítulo cinco, p. 115), enquanto a escola fundada por Vigotski tivesse por problema central a mediação da mente e da consciência, a de Leontiev se preocuparia em estudar a orientação-objeto nas atividades tanto interna quanto externa; ou seja, a diferença se traduz, basicamente, na escolha da unidade de análise – o significado ou a atividade. Isso ajuda a explicar, inclusive, a escolha de vários autores pela atividade ou ação como unidade de análise, à medida que trabalham com os textos e idéias de Leontiev sobre ao assunto. É o caso

da escola de psicologia sócio-histórica da PUC de São Paulo, por exemplo, que se refere a Leontiev em vários trabalhos e artigos. Outra possível evidência da ligação entre Leontiev, a atividade enquanto unidade e o “nome” da teoria é quando Michael Cole (1998, p. 182) nos conta que o termo sócio-histórico foi utilizado por Leontiev em uma conhecida monografia sua publicada no início dos anos oitenta.

Zinchenko e Davydov, no prefácio ao livro de James Wertsch (1985), também se posicionam dizendo que chamar de histórico-cultural a teoria de Vigotski é um resgate justo feito por Wertsch, visto que essa nomenclatura não seria mais popular na Rússia (onde há, hoje, muitos seguidores da psicologia de atividade). Alguns anos depois, o próprio Wertsch já modifica um pouco sua posição ao declarar, junto com outros autores, que a distinção entre termos é necessária e que, nesse sentido, ele prefere o nome sociocultural, e a justificativa parece interessante. Juntamente com del Río e Alvarez (1998, pp. 17-18), ele diz que, apesar da palavra sociocultural não ter feito parte do vocabulário de Vigotski, Luria e outros seguidores da psicologia soviética dos anos vinte, é um termo que representa a apropriação sofrida pela teoria vigotskiana por estudiosos na atualidade, e representa também o modo do autor ver a racionalidade humana e a história. Embora Vigotski fosse um defensor da noção de história como mudança e não apenas como progresso numa direção universal, tanto em sua obra quanto na de seus seguidores é possível identificar, para os autores, uma noção de cultura “claramente paralela a suposições universais sobre a unidade psíquica do ser humano e as afirmações evolucionistas muitas vezes associadas com essas suposições” (1998, p.18). As discussões feitas por ele e Luria sobre povos “culturais” e “primitivos”, ainda que tenham sido interpretadas um tanto ao pé da letra, realmente estão em grande medida ultrapassadas, e causariam incômodo em grande parte dos estudiosos da cultura na contemporaneidade. No caso, muito da tendência em psicologia cultural, teoria cultural e antropologia mais recente e até contemporânea, a qual inclusive se coloca inspirada por reflexões presentes no

pensamento de Vigostki, surge justamente contra a orientação cultural evolucionista que seria característica do pensamento do psicólogo russo. Por essa razão, o termo sociocultural se compromete menos com algumas asserções vigotskianas que foram perdendo sentido ao longo do tempo. Para as brasileiras Ribas e Seidl de Moura (2006), o termo sociocultural não constitui exatamente um sistema teórico, mas “resulta da contribuição de diferentes autores, conceitos e modelos” (Ribas e Seidl de Moura, 2006, p. 129). Esta afirmação se coaduna com a de Rogoff e Chavajay (1995), que reivindicam para a abordagem sociocultural uma pluralidade metodológica que transcende uma única disciplina ou área de estudos; os autores argumentam que é preciso primeiro formular uma pergunta, para depois ver os modos de estudá-la. Não poderíamos delimitar um sistema teórico específico para investigar um fenômeno qualquer, pelo menos de um ponto-de-vista sociocultural.

De um ponto-de-vista ligeiramente diferente, Dorothy Robbins (2001) também justifica qual seria a diferença entre sociocultural e histórico-cultural, e opta pela segunda nomenclatura (pp. 1, 2). Primeiramente, ela equivale os termos sociocultural e teoria da atividade, quando outros autores sugerem no máximo uma aproximação entre eles; depois, ela se vale da distinção de Zinchenko já aqui referida entre psicologia histórico-cultural/Vigotski/significado e psicologia da atividade/Leontiev/atividade para então dizer que vai usar o termo histórico-cultural; com essa escolha, a autora busca situar o pensamento de Vigotski num contexto histórico-filosófico-marxista europeu e entender, ainda, as contribuições do autor de uma perspectiva semiótica tipicamente russa. Valsiner e van der Veer (1996), ao sintetizarem de forma aprofundada a vida e a obra do autor, não utilizam em momento algum os termos sócio-histórico ou sociocultural, limitando-se a falar sempre em psicologia histórico-cultural.

Diante da pluralidade de posições, rascunhamos uma possibilidade de leitura: quando nos referimos a uma psicologia histórico-cultural, reportamo-nos a um legado especificamente



vigotskiano, que se refere não apenas à constituição cultural e social das funções psicológicas superiores, como a uma unidade de análise de caráter semiótico, baseada, geralmente, no significado. A escola sócio-histórica, embora possua idéias de Vigotski em sua raiz, viu emergir novos conceitos ao longo dos anos sob o comando de Alexis Leontiev e foi aos poucos se centrando na categoria da atividade; ainda assim, essas duas teorias se confundem em muitos de seus aspectos, em particular pela tradição psicológica soviética que partilham. Por último, está a idéia de uma abordagem sociocultural, que foge à delimitação de um só campo científico e revelaria, em certa medida, a inclinação, de natureza multidisciplinar, de incluir a cultura de forma mais definitiva no estudo dos mais diversos fenômenos humanos. É verdade que esta é apenas uma simulação didática e que não esgota as muitas posições teóricas às quais nem ao menos tivemos acesso; além disso, pensamos que o fato de um pesquisador usar um ou outro nome não modificará significativamente sua forma de fazer pesquisa ou de simplesmente enxergar o ser humano e a realidade.

## ANEXO A

### DIÁRIOS DE MESTRADO

Julho, agosto de 2005

Tomei a decisão de começar este diário porque minha cabeça, embora de excelente memória, não é capaz de se lembrar de tudo.

Comecei o mestrado há cerca de 6 meses. Na verdade eu já deveria ter começado antes esse diário, mas a verdade é que isso só me ocorreu agora, e é uma prova também de como é bem desse jeito fazer pesquisa. É meio revoltante perceber que os manuais colocam as etapas na ordem pra você aprender a pesquisar e na verdade nunca se passa assim. Escolhi um tema de pesquisa absolutamente teórico e agora me deparo com essas dificuldades elevadas a uma potência irritante. Revisão de literatura, como se chama, será minha principal e quase que única atividade, e ainda assim nisso já existe uma ordem que não estou conseguindo dominar. É, você descobre que até semanas antes de terminar a dissertação estará revisando literatura. Nada mais justo, portanto, do que eu começar este diário atrasada.

Na minha idéia de estudar epistemologia em Vygotsky, na sua teoria histórico-cultural, meu objetivo inicial era pegar os textos referentes a esta teoria e ali analisar a concepção de ciência, conhecimento, etc. Coisa fácil! A obra de Vygotsky foi praticamente retalhada em sua divulgação, o que é no mínimo problemático para um trabalho de, digamos, “exegese”. Isso depois de permanecer coisa de 30 anos praticamente banida da Europa. Coisa de políticos. Os livros mais famosos, “A Formação Social da Mente” e “Pensamento e Linguagem”, são exemplos do processo “Frankenstein” sofrido pelos textos. Já existem, em inglês e espanhol, as obras escolhidas, e esses retalhamentos foram desfeitos e corrigidos aí. Ok. Daí coloquei em meu anteprojeto que não pretendia usar a “Formação Social” e “Pensamento e Linguagem” como material importante de estudos, pois são obras parciais, e tal. Basear-me-ia em textos específicos da teoria histórico-cultural (THC, a partir daqui).

Vamos aos problemas: as obras escolhidas vêm em 6 volumes e cada um deles custa aproximadamente 120 dólares. Uma pechincha, mas não tô podendo. Descobri, indo a São Paulo (um capítulo à parte), que a USP (a USP é a USP) só possui 2 volumes, e nem são os que me interessariam tanto. Isso não deveria ser um grande problema; em princípio, o principal texto referente à teoria é o livro “Estudos sobre a História do Comportamento: Símio, Primitivo e a Criança”, de 1930, escrito por Vygotsky e Luria. Tá editado em português e tudo; terminei de e lê-lo e fichá-lo há pouco menos de um mês. Tem também um artigo importantíssimo que originou, dizem os comentadores, as críticas que serviram de base à elaboração da THC. Chama-se “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, de 1927 mais ou menos. Li e fichei antes de passar na seleção! Este artigo faz parte do volume 3 dos *Collected Works*. Descobri depois que este volume já foi publicado no Brasil. Eu não sabia que o livro de onde eu tirei o artigo, “Teoria e Método em psicologia”, é na verdade o nome do volume 3.

Um problema é que parece que alguns textos dos *Collected Works* parecem estar saindo em português em livros avulsos. “Pensamento e Linguagem” já saiu aí numa edição nova aqui, parece que chama “A construção do pensamento e da linguagem”. Se for, é covardia botar outro nome. Estou confusa.

29 de agosto

Vim ao diário porque estou com o famoso “Writer’s Block”. Tenho que fazer um trabalho para a disciplina de psicologia “Indivíduo, Cultura e Sociedade” e estou confusa. Acho que quando não sabemos exatamente o objetivo do trabalho fica difícil escrever. Uma droga.

Meus estudos, diretamente relacionados ao meu projeto de pesquisa, vão parados. Resolvi me dedicar exclusivamente a estes trabalhos de conclusão de curso. Primeiro foi o de História das Ciências, depois esse. E haja viés! Este é o problema da interdisciplinaridade. Quero acreditar que é também a parte boa; acredito que criar vieses, mesmo que deliberadamente, faz bem à cabeça quando se pesquisa um tema.

Há duas semanas marquei um encontro com Giovana, que foi minha colega em Psicologia. Ela acabou de terminar um mestrado em psicologia cuja principal orientação teórica era Vygotsky. Foi bom o encontro! Ela tem preocupações teóricas sobre Vygotsky e é bom poder discutir temas e tirar dúvidas. Planejamos, quem sabe, escrever algo juntas, pra mim será ótimo. Ela me disse, inclusive, que as obras escolhidas de Vygotsky estão à venda em espanhol, pela Paidós, por um preço razoável... cerca de 60 ou 70 reais o volume... achei estranho, mas ela tinha certeza. Que raiva, será que olhei errado na Amazon? No site da Paidós não tinha referência a essas obras escolhidas... se eu achar essas obras a preços módicos ficarei feliz. E muita irritada também, pois acabo de gastar dinheiro comprando “Teoria e Método em psicologia” e “A construção do pensamento e da linguagem” (a versão revista e completa de Pensamento e Linguagem”), que são pedaços menores dos volumes das Obras. No Brasil a Martins Fontes resolveu publicar as obras aos poucos, em volumes ainda menores. Ai, meu saquinho...

Fevereiro de 2006

Já é fevereiro! Iemanjá está de prova que o tempo passou rápido. Eu não devo mesmo ter o mínimo pendor para a etnografia, haja visto minha ausência longa neste diário... entretanto, dou o braço a torcer quando percebo que consegui, ao longo destes últimos... 5 meses? adquirir uma disciplina tão ou mais importante do que o exercício de um diário: a disciplina do estudo e da leitura, não é lindo? Logo após entregar os trabalhos das disciplinas, a partir de outubro, foi um tal de sentar pra ler e fichar que só Deus vendo! Tive medo de que esse momento nunca chegasse mas ele chegou e eu acredito que fiz bom progresso nas leituras que se acumulavam na escrivadinha... descobri o quanto vale também reler um texto e redescobri-lo, agora aliando a nova leitura a outras coisas que você já leu. Ainda tenho muito que descobrir com o já lido. Passei um aperto por conta desses trabalhos de conclusão de disciplina; acho que o de história da ciência ficou bem mais amarrado do que o de indivíduo, cultura e sociedade, e assim me confirmou Antonio Marcos. Queria transformá-lo em artigo mas ainda teria que melhorar muito.

Nesse meio tempo descobri Zé Luís, professor de química do programa. Ele POSSUI AS OBRAS ESCOLHIDAS! EM ESPANHOL! Quase desmaiei. Melhor ainda foi descobrir que ele é pai de amigos meus, o que facilitou a aproximação. Tirei cópia de alguns artigos que faltavam no Teoria e Método e também da monografia que deu origem a “A Formação Social da Mente”, que é A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores”. Na minha busca desesperada por textos na íntegra, até que eu já tinha uma boa parte do que precisava. Mas descobri, no entanto, que a monografia “Tool and Symbol in Child Development” está no infelizmente não-publicado volume 6 das obras (pelo menos em espanhol). Talvez fosse bom eu ter isso!

Em novembro tive um encontro com Robinson e ele me disse que o que eu já havia feito para as disciplinas já daria o corpo da introdução de minha dissertação; mas que para que eu pudesse fazer algo mais original, ele sugeria a escolha de uma categoria para análise mais

detalhada. Isso pra eu não correr o risco de deixar o trabalho muito genérico. Combinamos que eu escolheria algum conceito trabalhado por Vygotsky em sua teoria. Parece simples, não é?

“A terrível escolha de uma categoria”

Primeiro pensei que pudesse escolher um conceito que não fosse diretamente extraído da teoria histórico-cultural e que tivesse mais a ver com epistemologia, por exemplo, “objeto de conhecimento”. Depois achei que era problema, imagina, eu ia ter que interpretar totalmente algo do tipo, porque não é um termo que seja citado assim, com estas palavras, em nenhum livro ou texto do famigerado. Robinson só me disse que deveria ser algo interessante pra mim, que me fosse agradável de investigar e estudar. Isso em princípio me parece um critério bastante arbitrário de escolha, mas também aprendi com meu orientador que uma justificativa de sua escolha que seja consciente dos limites e vantagens que ela oferece não é nada de que devamos nos envergonhar. Ainda assim, não estou livre de problemas. Agora preciso escolher.

12 de abril.

Além de ser abril é Páscoa. Semana Santa. Em março, pensei: a última vez que mexi nos meus estudos de dissertação foi fevereiro!! Não posso deixar que um mês se interponha e entre mim e minha pesquisa. O mês de março foi, no entanto, marcado por alguns afazeres mais práticos. Descobri que Olival tinha dois livros de um historiador da ciência soviética do século XX, uma referência que já havia encontrado e pela qual havia me interessado bastante; xeroquei o material e li a maioria das partes mais importantes, pelo menos... também houve uma reunião com Robinson e todos os seus 17 (!! ) orientandos. Nessa reunião, a idéia era, além de conhecer a todos, verificar que pontes de interlocução teórica e prática as pessoas poderiam estabelecer entre si. Meu trabalho me pareceu um pouco distante do de todos, mas algumas pessoas podem, sim, contribuir, claro. Começamos uma lista de emails para isso. Quando me apresentei, coloquei-me de uma forma que deu a meu trabalho uma cara mais incipiente do que ele realmente tem. Na reunião seguinte, que foi apenas com Robinson, Nívea, uma orientanda, e Zé Luís, co-orientador (o dono das obras escolhidas, inclusive), falei da categoria que tinha em mente estudar e acho que Robinson ficou satisfeito com a escolha. Não pensei muito nela, mas até o momento tinha me parecido a mais interessante. Robinson pontuou inclusive que a “consciência” era um ponto crítico tanto para a psicologia quanto para o marxismo, e eu poderia me beneficiar disto. Diante da satisfação dele, a minha também apareceu; estava preocupada com a demora em escolher a categoria. Bem, combinamos, neste dia 13 de março (aniversário de meu amigo Matheus), que dentro de um mês eu lhe entregaria um plano dos capítulos da dissertação. AMANHÃ é 13 de abril, tem um mês certinho. O problema é que comecei em março como professora substituta e isso me tirou – e ainda está tirando- o sossego. Ocupa tempo avaliar textos, escolhê-los, preparar as aulas, reservar retroprojeter e etc. Mas estou voltando aos eixos. A idéia é que, desta sacrossanta semana, nasça algum plano de capítulos. Vamos ver.

11 de maio

É muito difícil começar a escrever. Talvez porque, e isto vai me ocorrendo à medida que dígito, o momento em que colocamos algo no papel é o momento em que deixamos de ter apenas pensamentos. Esses pensamentos é como se passassem a ter vida própria, e mesmo que não estejamos tão certos quanto a eles, olha lá os danados, escritos, ditos, vivos. Da mesma forma como alguém pode se sentir grato a nós por ter lido o que escrevemos, qualquer um, agora, pode lhe acusar de ter dito isso e você deve assumir as conseqüências do que falou.

Esta é uma relação entre pensamento e linguagem da qual Vigotski não tratou diretamente; penso, no entanto, que ela é fundamental para o processo de escrita, em especial o acadêmico e pode inclusive nos ajudar a pensar no famoso “bloqueio do escritor”. Tudo que se pensou durante dois anos deve ser exprimido em forma de muitas palavras encadeadas de forma racional, justificada e coerente. Mas não importa o quão articulado e pertinente você consiga ser, aquelas palavras formarão juntas um retrato emoldurado de algo que certamente não estará terminado ainda e, mais gravemente, cuja característica mais importante seja talvez a de estar continuamente em fluxo. Em muita medida, uma dissertação ou tese pode se caracterizar pelo hercúleo esforço de tornar retrato o que está em trânsito caótico e incessante- sensações, descobertas, idéias, pensamentos e muitos outros nomes.

Dito isso (e já não sei mais se era isto que eu pensava antes de começar a escrever), queria ainda dizer que, ainda que soe um pouco estranho, é também por conta dessa insuspeitada e por vezes incômoda relação entre linguagem e pensamento que me motivo enquanto mestranda, e me desafio a começar esta introdução.

16 de maio

Já troquei emails com Robinson quanto aos capítulos da dissertação. Acho que não entendi completamente como a orientação que ele fez se encaixa com a minha sugestão, digo, não captei bem as reformulações que ele indicou... ele está com um problema meio sério no punho e está impossibilitado de digitar por 60 dias inclusive, qualquer comunicação importante deve ser feita por telefone. Mas de qualquer forma já posso começar a trabalhar na escrita dos capítulos, afinal tenho cerca de 2 meses para estar devidamente qualificada. Socorro!

Ontem fui assistir à defesa de um amigo em educação. A defesa foi maravilhosa, quer dizer, a dissertação devia de fato estar maravilhosa, tendo em vista os comentários que a banca fez. Fiquei com vontade de fazer uma dissertação maravilhosa. Na verdade eu fiquei pensando, também, em que sentido devo trabalhar para que isso aconteça – para que eu faça um bom trabalho. Uma das coisas que sinto que contribui é a nossa presença durante todo o processo de pesquisa. No caso da dissertação de Ivan, que tinha um caráter etnográfico e já fazia parte do projeto de extensão do qual ele participava há acho que 6 anos, a presença dele- autor da pesquisa e participante do projeto de extensão – era visível. Eu não estou fazendo uma etnografia; aliás, um mestrado em filosofia da ciência às vezes parece requerer o extremo oposto do que se faz em trabalho etnográfico – então tenho que ter muito rigor, e devo deixar claras minhas intenções, conclusões e meu percurso de uma forma extremante objetiva, quase severa. Severidade é uma boa palavra. Eu espero conseguir falar de ciência de uma forma que não seja tão severa. Eu não sou uma pessoa severa para quase nada, por que deveria me colocar assim em minha dissertação? Ok, não estou falando de seriedade nem de compromisso, isso quero ter e é claro que sim; talvez esteja falando de presença. Quero que me veja, quem estiver lendo. Quero estar lá. Brega?

19 de maio

[Pausa enquanto tento escrever uma introdução]

Mal acabo de escrever que “quero estar lá”, em 3 dias já estou me vendo lá (?). Colocar-se é complicado e ao mesmo tempo tão simples, daqui a pouco você nem se esforçou muito e vê como já está implicada. Ou talvez não seja nem um pouco complicado, seja natural. Ou talvez... a gente consiga, uma vez que se sente motivado neste sentido, construir uma implicação; ou colocá-la no papel é perceber como ela já estava conosco e não tínhamos percebido tanto assim..., construindo, escrevendo, consertando, limpando e refazendo, dissertando.

21 de maio

Palavra que surgiu na escrita das primeiras páginas: dispersão. Pode dar caldo essa... conversando com Ivan, mais duas pra argumentar: implicação e coerência. Fui dormir.

29 de setembro

Grande pausa? Uma qualificação aconteceu, não era pra menos. De maio a julho-agosto, estive escrevendo o que havia sido combinado de apresentar na qualificação – três capítulos. Acho que o material que apresentei estava legal; o problema foi que poderia ter sido mais. Acho que demorei de escolher uma categoria de análise da dissertação e isso se refletiu nesse possível atraso de material; bem, se eu esperasse duas ou três semanas a mais não faria muita diferença, então deve ter sido melhor ter feito logo a qualificação assim. Acho que fui a terceira pessoa de minha turma a qualificar, o que é uma boa média. Ana Cecília e Antonio Marcos, meus queridos orientadores, estiveram na banca; Olival acabou não conseguindo participar por estar viajando; queria muito a opinião dele mas agora que já passou o momento importante de avaliação estou até medrosa de ir lá pedir-lhe algum comentário... na véspera do dia 06, sonhei que ele me dizia que estava tudo tão equivocados que mal havia jeito a dar. É a hora de pedir pra \*\*\*ar e sair... mas espero que tenha sido APENAS um sonho (dane-se Freud).

Na qualificação, que foi dia 06 de setembro, alguns comentários, mais especulativos do que concretos, foram feitos em relação à escolha do conceito de consciência e como prosseguir. Como não havia nada escrito por mim sobre isso, foi o máximo que a banca pôde fazer. Os comentários feitos estão anotados num papel; posso passar a limpo depois; o que é importante registrar aqui são os direcionamentos para o próximo capítulo que vou escrever.

Entre as sugestões de encaminhamento que foram feitas, Robinson e eu discutimos depois da qualificação rapidamente e combinamos que uma alternativa interessante seria comparar os escritos de Vigotski que postulam a consciência como objeto da psicologia com escritos dos autores que o próprio Vigotski criticava. Qual seria a natureza do objeto da psicologia para autores como Freud, Pavlov ou os gestaltistas ou ainda a psicologia empírica, a escola de Wurzburg? Caminho interessante! Só preciso encontrar obras disponíveis em português (no máximo em inglês, tudo bem)... isso não é muito fácil. Mas aos poucos estou, meio atrasada, retornando aos esforços de leitura e as luzes vêm descendo; as idéias, aparecendo. Tenho até 31 de outubro pra entregar este bendito capítulo central.

26 de outubro 2006-10-26

É muito difícil começar a escrever. Ops, já disse isso antes. Dessa vez, é por razões ligeiramente diferentes, menos nobres. Confusões, ausência de um bom plano “como fazer” este bendito capítulo central... e ele é central- assim, muito importante. Mesmo sem toda a bibliografia de que eu precisava (sobre os gestaltistas, a psicologia idealista tradicional, etc.), fui começando a ler o que tinha, me aproximando de alguns textos, me re-aproximando de outros (re-aproximação é algo incrível, a gente vai redescobrimo informações). Comecei de leve, lendo umas coisinhas sem muita convicção – aliás, com a única convicção de que temos que começar de algum lugar que seja-, e percebo que, aos poucos, cada vez que eu sentava, pensava coisas mais relevantes pra a escrita, vislumbrava possibilidades de escrever sobre um ponto específico, começava a ver pontes onde antes não havia visto... e a cada vez que sento, vou chegando mais perto de ”engatar”. Já nas últimas vezes, cheguei em umas duas ocasiões a de fato abrir o arquivo no Word de nome capítulo três (que está vazio, claro). Nada chegou a sair mesmo, mas já estou mais perto, certo? Lembra um pouquinho o movimento do touro, a

cada vez que é provocado pelo toureiro... A cada tentativa, mais aproximação, até lembrei de um movimento pendular de que Taiane fala sobre a psicanálise. Juntando tanta poesia ao prazo exíguo de poucos dias pra dar uma satisfação ao orientador, tudo indica que começo a escrever... por agora.

10 de janeiro, 2007

Bagaceira, escrita!

Idéia doutorado: a partir das reflexões metodológicas da dissertação (estudar todos ou sínteses, estudar movimentos e histórias, significado como mais apropriado do que representação social), elaborar (e executar) projeto. Trabalho infantil?

19 de janeiro, 2007-01-19

Pensei que a conclusão, ou “síntese do caminho percorrido”, era mais simples. Ao sintetizar, a gente já modifica algumas coisas sensivelmente; de fato, se não for muita ousadia pensar dialeticamente, é como fazer uma nova tese. Interessante.

29 de janeiro de 2007-01-29

AHAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!! Acabo de ler esse modesto diário e... tchan-raaan!! Achei que ele suuuuperrrr foi útil, suuuuper me ajudou. Há poucos dias dei um suado ponto final na dissertação; e o que faltava, agora, era a metodologia. Tinha combinado com Robinson que esse capítulo seria feito a posteriori, o que inclusive achei muito apropriado, já que não parece (pelo pra mim, até agora) existir alguma ordem pré-concebida para se fazer “pesquisa teórica”; enfim, algumas pessoas se oporiam a este termo, acho que o próprio Robinson já fez uma ressalva a esta expressão. Mas é isso aí, nesse mestrado escolhi um tema teórico e achei difícil encontrar o “Manual de Metodologia em Pesquisa Teórica”. Talvez pela própria natureza do trabalho, este manual não deva mesmo nunca existir.

Mas o que foi legal mesmo é que, ao reler o diário, consegui refazer meu percurso na investigação, e li até coisas e datas de que eu nem me lembrava! Ótimo. Assim, informal mesmo, vai me ajudar a escrever o capítulo de metodologia. Será que valeria à pena enxertar algumas partes do diário na dissertação? Ou muito radical?